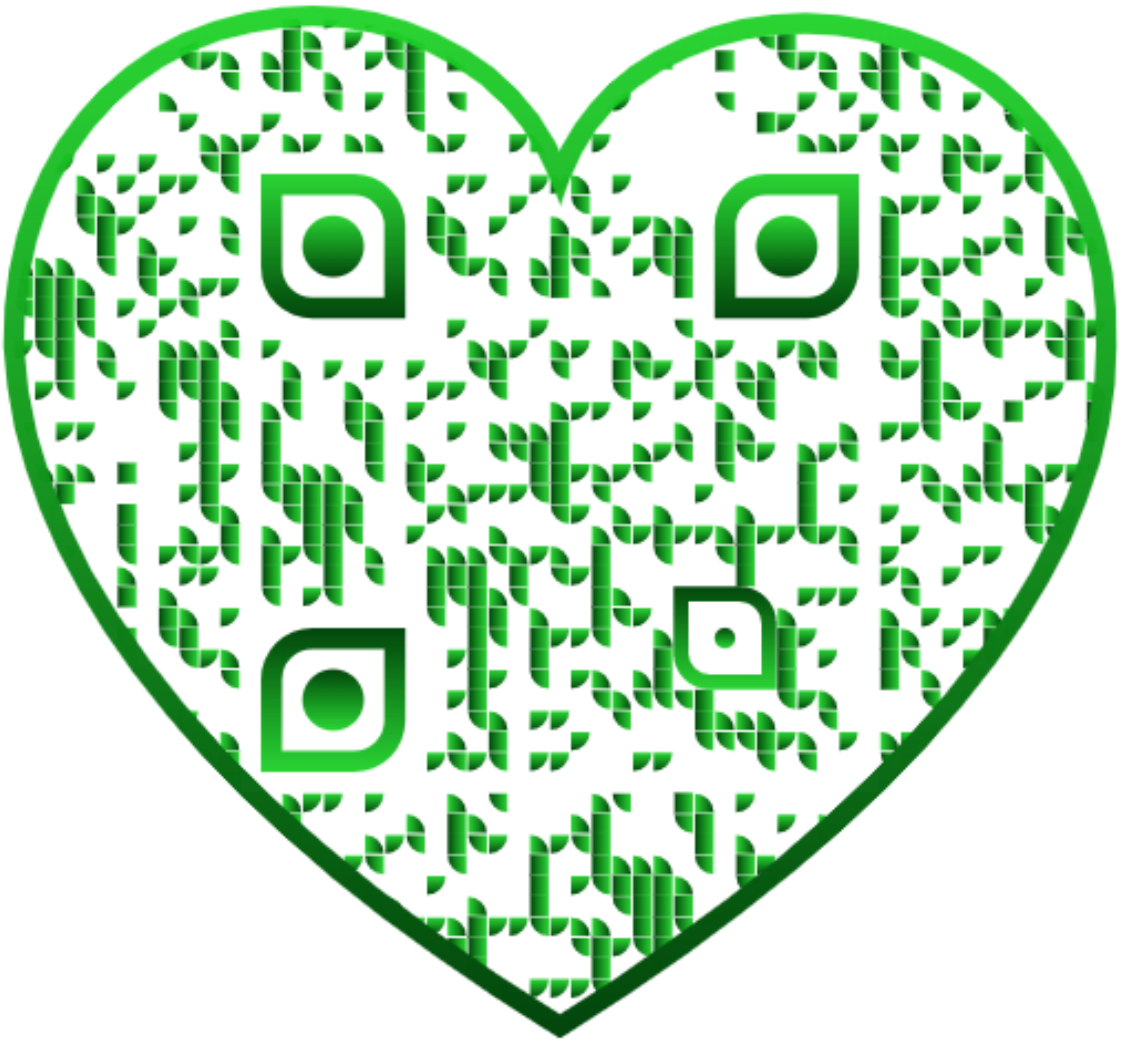
LOUD!

MENSAL
ANO XVIII
N.º 202
01/2018
€3.50
[CONT.]

MACHINE HEAD

"Vamos conquistar o mundo."

GODFLESH HAMMERFALL AUDREY HORNE
CORROSION OF CONFORMITY **L!**BALANÇO 2017



SWR Barroselas Metalfest 21

SUFFOCATION CARPATHIAN FOREST EXHORDER
MASTER'S HAMMER COCK AND BALL TORTURE NIFELHEIM
CHURCH OF MISERY MORTIIS AGATHOCLES MORTUARY DRAPE
FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM SUMA OBLITERATION
EVIL INVADERS INTERMENT LOOKING FOR AN ANSWER
INFERNO VULVODYNIA SOURVEIN PROCESS OF GUILT
NEKROMANTHEON DYSCARNATE HEXIS TEETHGRINDER IRAE
BLACK PANDA ALTARAGE FLAGELADÖR ANDRALLS DÉPARTE

+20 BANDS FOR SWR ARENA

X-MAS PACK

ON SALE AT:
SWRFEST.BIGCARTEL.COM
LIMITED TO 350 UNITS

TICKET + T-SHIRT + CUP + 3 STEELS + BAG
AVAILABLE AT YOUR LOCAL STORE !

27 - 29 April 2018 ← Barroselas - Portugal → www.swr-fest.com

SUPER BOCK · JACK DANIEL'S OLD NO.7 · WONDER WORKER · LOUD! · ARTE SONORA · ULTRAJE · NAAM · IPDJ

Prime ARTISTS

AN EVENING WITH

STEVEN WILSON

TO THE BONE TOUR

M/6

Prime ARTISTS

31.01.2018 › ALTICE ARENA - SALA TEJO

IRON MAIDEN

LEGACY OF THE BEAST

EUROPEAN TOUR 2018

M/6

13 DE JULHO › ALTICE ARENA

Prime ARTISTS

PEVENTERTAINMENT

RETROSPECTIVA

À medida que vamos ficando um pouco mais velhos, o tempo parece passar cada vez mais rápido, quase como se cada translação da Terra acontecesse mais depressa ano após ano. *Case in point*, parece que foi ontem que estivemos a fazer exercícios mentais para vos trazermos o melhor dos lançamentos de 2016 e aqui estamos novamente, perdidos entre listas, listas e mais listas, que temos inevitavelmente de aprimorar para que os brilhantes duendes do Excel possam revelar-nos quais foram, para a redacção da nossa/vossa revista, os eleitos de 2017. Sim, pode parecer que os últimos meses passaram à velocidade média de um tema dos Napalm Death, mas foram muito ricos em riffs imensos, criatividade a rodos e declarações musicais a ter em conta. À semelhança do que se tem passado de há uns tempos a esta parte, contrariando as piores expectativas em relação à indústria discográfica, não há dúvidas em relação à tendência actual cada vez há mais bandas novas a surgirem todos os meses, assim como discos a ser editados e concertos a ser anunciados. Basta, de resto, dar uma rápida vista de olhos à Agenda para perceber de imediato que, depois de um ano super produtivo, se avizinham já mais doze meses de imensa actividade, capaz de fazer o gáudio do mais exigente apreciador de música pesada.

Foquemo-nos, no entanto, no que fica para trás. Como estabelecemos, durante 2017 foram editados inúmeros álbuns; uns risíveis, outros decepcionantes, alguns fáceis de ignorar também. No entanto, como é habitualmente o caso, houve inúmeros lançamentos que se destacaram pela sua qualidade superior. Temos perfeita noção de que, muito provavelmente, nos passaram ao lado grandes discos ao longo deste caminho, mas já foi suficientemente difícil espremer tudo o que de bom nos passou pelos tímpanos em doze edições, por isso é ainda mais complicado encaixá-los todos numa lista de apenas vinte títulos. E nós, mesmo com a noção de que esta coisa dos tops é cada vez mais subjectiva, continuamos a insistir. Porquê? Talvez porque, apesar de sabermos que estamos a queimar a preciosa matéria cinzenta dos nossos colaboradores e que a música não é (nem nunca foi) uma competição, vemos aqui uma oportunidade pedagógica. Se, no mundo descartável em que vivemos, conseguirmos captar-vos a atenção para um álbum que vos possa ter passado ao lado, já damos todo o esforço como recompensado.

Imaginem que, por uma qualquer razão perversa, deixavam de surgir projectos novatos no underground. Pois bem, durante este ano muitos foram os nomes estabelecidos a provar que têm um fogo criativo bem relevante dentro de si e que merecem toda a nossa atenção dos Godflesh aos Converge, passando pelos Process Of Guilt, Moonspell, Paradise Lost, Mastodon, Ulver, Corpus Christii ou Irae, as nossas listas são um reflexo disso mesmo e uma prova irrefutável de que, se o Apocalipse descrito ali em cima se concretizasse, continuaríamos a estar muitíssimo bem entregues aos "clássicos". Felizmente, como fazemos questão de berrar mês após mês a todos os que nos ouvem, ainda há muito mais que apenas legado e nostalgia no universo da música de peso. Olhe-se, por exemplo, para os The Quartet Of Woah!, The Ominous Circle, Redemptus ou Earth Electric, só quatro dos muitos projectos recém-chegados à cena que ergueram a cabeça orgulhosamente e se fizeram notar, mantendo a chama do entusiasmo a arder durante 2017.

Por diversas razões, que nem vale a pena enumerar, o ano que passou não foi fácil no que ao contexto sócio-político diz respeito. Quiçá resultado disso, o som extremo floresceu como não florescia há tempo. É sabido que o metal, o punk, até o rock'n'roll na génese, sempre funcionaram como banda-sonora para um mundo à beira da ruptura e, mesmo quando não aborda directa ou deliberadamente questões sociais, esta é música que vive e propicia a catarse. Tendo em mente que grande parte daqueles que, para nós, foram os melhores álbuns deste ano, não foram escritos com o cenário político actual em mente, todos sem excepção desempenharam um papel fulcral chegado o momento de lidarmos com quão avassaladora se tornou a sociedade em que vivemos. Portanto, resta-nos agradecer a todos os que, durante 2017, continuaram a fazer música, a gravar e a subir aos palcos... Nem que seja "só" por nos conseguirem fazer sentir um bocadinho melhor quando tudo parece estar a desmoronar à nossa volta.

LOUD!

N.º 202 / JANEIRO 2018

LOUD!
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 215816655

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

COLABORADORES
Carlos Guimarães, Emanuel Ferreira, José Almeida Ribeiro, Luís Pires, Luís Rattus, Nelson Santos [ns@loudmagazine.net], Pedro Pedra, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Bela Hilário, Stebba Ósk, Pedro Silva

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
Bernardo Serralha [bernardo.serralha@loudmagazine.net], Pedro Oliveira [pedro.oliveira@loudmagazine.net]

DEPARTAMENTO MULTIMEDIA
Daniel Marujo
[daniel.marujo@loudmagazine.net]

WEBDEVELOPER
Marco Morais
[marco.morais@gmail.com]

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.

DISTRIBUIÇÃO
VASP

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE
#202

NOTÍCIAS 06

L! BALANÇO 2017 08

HAMMERFALL
«GLORY TO THE BRAVE» 14

EARTH DRIVE 18

RASGO 20

L! MIXTAPE
JOHNNY LEE (MISS LAVA) 22

LOUD! DJ EARTH ELECTRIC 24

AUDREY HORNE 26

HAMFERÐ 28

DISAFFECTED 30

CORROSION OF CONFORMITY 32

MACHINE HEAD 34

GODFLESH 40

ASSINATURAS 43

SINISTRO 44

SYSTEMIK VIØLENCE 46

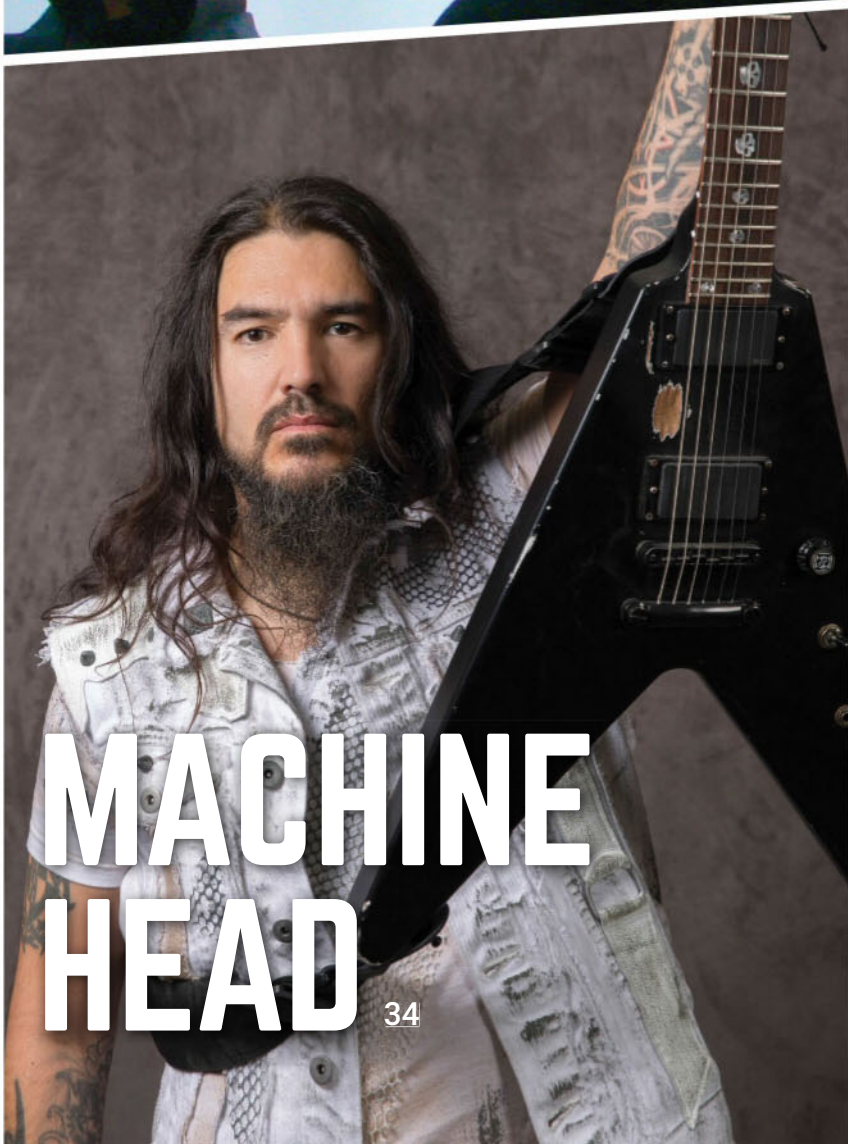
DISCOS 48

TESOURINHO PERTINENTE
SOLEFALD 58

AUGUSTO PEIXOTO 60

LIVE & LOUD! 62

AGENDA 66



NOTÍCIAS
POR NELSON SANTOS

THE BLACK WIZARDS

«Sound Of Squeeze'o'phrenia» é o título do álbum que marca o regresso dos **DAPUNKSPORTIF**, banda stoner rock fundada em Peniche. O quarto álbum do grupo assinala também um retorno à Rastilho Records, a editora que lhes lançou a estreia «Ready, Set, Go!» de 2006. Prestes a celebrar catorze anos de existência, o quarteto gravou nos estúdios Meiofumado/Kambas de Lisboa, com co-produção de Fred Ferreira que também assume as funções de baterista. «Trouble», o tema de avanço, tem video-clip realizado por Luis Rafa Matos.

Com lançamento de álbum de estreia previsto para o primeiro trimestre deste ano, os **INFRAKTOR** são a nova aposta da Rastilho Metal Records. Falamos de um quinteto formado no eixo Aveiro/Porto com membros conhecidos de outras bandas, nomeadamente, o guitarrista Carlos Almeida, ex-Revolution Within, e o baterista Francisco Martins, ex-Pitch Black. «Exhaust» é o título do disco, com produção de Miguel Tereso dos Primal Attack nos estúdios Ultrasound e Demigod. O tema de avanço divulgado *online* é «Feracious Intent» com a participação do vocalista Raça.

Após 25 anos de brutal death metal, os **DEAD MEAT** têm, finalmente, um longa-duração digno desse título. «Preachers Of Gore» foi um dos últimos lançamentos nacionais de 2017 mas, para a banda de Castelo Branco, é um primeiro álbum depois de várias *demos*, um EP e incontáveis concertos. O novo disco, gravado pelos fundadores Josen e Dinis – com apoio da secção rítmica dos Grog – vai, de resto, ser apresentado em vários festivais este ano, incluindo o *XXXapada Na Tromba* a 19 de Janeiro, *Colhões de Ferro* no dia 27 e *Moita Metal Fest* a 6 de Abril.

Para quem não sabe, é bom lembrar que os **MISS LAVA** e os **THE BLACK WIZARDS** vão estar na próxima edição do Desertfest London, a decorrer entre 4 e 6 de Maio. Um festim de sonoridades stoner, psych, doom e afins onde as bandas portuguesas partilharão cartaz com os Monster Magnet, Graveyard, Eyehategod, Napalm Death, Warning, Nebula, entre muitos outros. O grupo de Cascais lançou recentemente o EP «Dominant Rush», para o qual foi filmado o vídeo do tema «Psychadelic Dojo», enquanto o quarteto *fuzz* celebra o segundo aniversário da estreia «Lake Of Fire» com nova edição em CD pela Ragingplanet.

Os **GWYDION** decidiram avançar para uma campanha de *crowdfunding* para a gravação daquele que virá a ser o seu quarto álbum, com edição planeada para Julho. Todos os fãs interessados no lançamento de um disco sucessor de «Veteran» poderão encontrar detalhes da iniciativa nos *sites* ligados à banda. Hoje, os Gwydion contam com os novos elementos Pedro Dias (vocalista) e Pedro Correia (baterista) e prosseguem as suas investidas pelos palcos. Este ano, vão participar no *Vagos Metal Fest* ao lado dos Ensiferum, Moonspell, Cradle Of Filth, entre outros.

Após dois EPs lançados já esta década, os **THIRDSPHERE** chegam agora ao álbum, na forma de «Syzygy» editado em nome próprio a 23 de Dezembro. A banda de Castelo Branco está hoje mais próxima de sonoridades deathcore e registou os novos dez temas com Vasco Ramos e Tiago Canadas nos estúdios Poison Apple. Com os novos guitarristas Francisco Beato e Filipe Pereira na *line-up* desde Março de 2017, o quinteto conta, neste registo, com a participação especial do belga Mendel Bij de Leij, guitarrista dos Aborted e do russo Andrew Ivashchenko, vocalista dos Shokran.

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
CHAOS MOON – Eschaton Mémoire
CLOAK – To Venomous Depths
DAEVA – Pulsing Dark Absorptions
DEVIL'S WITCHES – Velvet Magic
LESS ART – Stranded Light

JOSÉ CARLOS SANTOS
PAINTED DOLL – Painted Doll
VÁRIOS – John Barleycorn Reborn
PORTAL – ION
GLASSJAW – Material Control
DREDG – The Pariah, The Parrot, The Delusion

NELSON SANTOS
SANCTUARY – Inception
NEVERMORE – Dead Heart In A Dead World
ORPHANED LAND – Unsung Prophets & Dead Messiahs
CAVALERA CONSPIRACY – Psychosis
BLACK LABEL SOCIETY – Grimmest Hits

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO
THANTIFAXATH – Sacred White Noise
CONDOR – Unstoppable Power
TRIBULATION – Down Below
ARTIFICIAL BRAIN – Infrared Horizon
BODY COUNT – Bloodlust

JOAQUIM PEDRO
SANCTUARY – Refugee Denied
CLOAK – To Venomous Depths
DISAFFECTED – The Trinity Threshold
TAAKE – Kong Vinter
PROPHECY OF DOOM – Darkness Collection

PEDRO ROQUE
DEVIL MASTER – Inhabit the Corpse
ELECTRIC FUNERAL – Total Funeral
ABSOLUT –Punk Survival
WATAIN – Casus Luciferi
BALL – Ball

JORGE BOTAS
ROBERT PLANT – Carry Fire
WATAIN – Trident Wolf Eclipse
MORBID ANGEL – Kingdoms Disdain
ORPHANED LAND – Unsung Prophets & Dead Messiahs
NEVERMORE – Dreaming Neon Black

★★★OS TOPS DO★★★
JCS

10 BANDAS "MAQUINAIS"...
01. GREYMACHINE
02. RAGE AGAINST THE MACHINE
03. GREEN MACHINE
04. LOVE SEX MACHINE
05. MACHINE HEAD
06. SOFT MACHINE
07. MACHINES OF LOVING GRACE
08. SURGICAL METH MACHINE
09. HEX MACHINE
10. DREAM MACHINE

WARREL DANE

VOCALISTA DOS NEVERMORE E SANCTUARY MORRE AOS 56 ANOS

O final de 2017 ficou marcado por mais uma morte que abalou o mundo do metal. Warrel Dane, vocalista dos Nevermore e Sanctuary, faleceu a 13 de Dezembro, em São Paulo, vítima de ataque de coração. O músico norte-americano, de 56 anos de idade, tinha a saúde debilitada devido aos seus problemas com diabetes e alcoolismo, mas nada fazia prever um desfecho destes, nesta altura. Dane ainda recebeu uma massagem cardíaca de **Johnny Moraes**, guitarrista na sua banda a solo, mas quando a emergência médica chegou ao apartamento onde estava, já não havia nada a fazer. O vocalista de Seattle estava no Brasil a gravar aquele que seria o seu segundo álbum a solo, **«Shadow Work»**, cujas partes instrumentais estavam practicamente concluídas. Em 2011, os Nevermore separaram-se após a saída do guitarrista **Jeff Loomis** e do baterista **Van Williams** que alegaram diferenças pessoais para com Warrel Dane e com o baixista **Jim Sheppard** que, um ano antes, haviam ressuscitado os Sanctuary. Desde então, o grupo gravou o álbum **«The Year The Sun Died»** e o disco de *demos* perdidas **«Inception»**, voltou aos concertos na Europa e tinha uma digressão americana prevista para Fevereiro e Março com os Iced Earth. Nos 35 anos que entregou à música, Warrel Dane gravou sete álbuns de originais com os Nevermore, três com os Sanctuary, um a solo e outro com os **Serpent's Knight**, a sua primeira banda. Poucos meses antes da morte, tanto Dane como Jeff Loomis, em entrevistas separadas, não consideravam uma impossibilidade uma reunião dos Nevermore...

RÁDIO PIRATA BY LOUD!
EDIÇÃO#203
DJ CONVIDADO
RUNE ERIKSEN
Earth Electric, Aura Noir, Ava Inferi, Mayhem
LOUD! DJs
09.02.2018
CLUB NOIR
POWERED BY

FOTO: KENDREANIA MCCLARIN

TOP LOUD! 2017

Com a torrente de lançamentos com que somos brindados todos os anos e com os nichos específicos que se vão criando neste verdadeiro organismo vivo gigantesco que é o mundo da música pesada, a tarefa de elaborar um top vai-se tornando mais complexa, pelo carácter cada vez mais heterogéneo das listas de cada um. Ainda assim, é um momento de grande beleza quando começamos a agregar os votos e a ver que, mesmo assim, há peças que caem no seu lugar com grande naturalidade, e tendências que se tornam óbvias. A que nos deu mais gozo perceber, foi a quantidade de grandes discos nacionais que foram editados em 2017, o que nos levou a aumentar o tamanho do top publicado – são dez os que recordamos aqui, com os já habitualmente estrondosos Process Of Guilt à cabeça, munidos de um «Black Earth» que recolheu uma unanimidade incrível por toda a redacção, mas muitos grandes discos ficaram noutras posições, discos que vos fomos mostrando e conversando com os seus autores ao longo do ano que agora findou. Em termos internacionais, apesar do pouco alarido que se fez aquando da sua recente edição (e o Justin K. Broadrick explica porquê nas páginas 40 a 42 desta edição), o disco novo dos Godflesh conseguiu ainda assim entrar directamente nos nossos corações, batendo os também mui-amados Amenra à justa pelo título de álbum do ano. Esperamos acima de tudo que esta lista vos sirva de guia, e que possa fazer-vos descobrir alguma pérola que vos possa ter escapado na enxurrada durante o ano. Que venha aí um 2018 recheado, pelo menos, da mesma qualidade, é o que desejamos.

INTERNACIONAL

ÁLBUM DO ANO

GODFLESH
«Post Self»
[Avalanche]

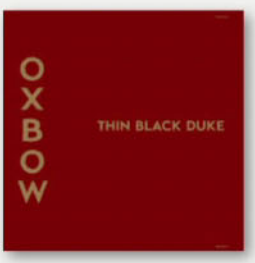
Os Godflesh assumiram um risco em 2014, com «A World Lit Only By Fire», treze anos após a despedida que foi «Hymns». Ainda haveria espaço para estes pioneiros do extremismo industrial fora do circuito da nostalgia pós-apocalíptica? Depois de diversas *tours*, a dupla J.K. Broadrick / G.C. Green mostrou-nos que sim, com um petardo monolítico capaz de rivalizar com o «Streetcleaner». Mais três anos, e com o músculo mecânico imaculado, abrem as asas em «Post Self». Com o seu predecessor a apostar na força bruta, o oitavo longa-duração dos Godflesh afirma-se como uma proposta mais introspectiva e também mais dinâmica, indo da bujarda do tema-título ao ambiente planante da «The Infinite End», que à semelhança de outros temas que se ouvem por aqui não soariam nada deslocados num disco de Jesu. **[J.M.R.]**

2

AMENRA
«Mass VI»
[Neurot]

Há muito que os Amenra definiram com exactidão a sua personalidade artística. O que têm vindo a fazer nos últimos três discos é apenas escrever cada vez melhores canções. «Mass VI» tem, pelo menos, dois temas que estão acima de tudo o que compuseram no passado: «Plus Pres De Toi» e «A Solitary Reign». Na edição #199, este vosso escriba afirmou: *"A música dos Amenra versa sobre a relação entre amor e dor, de como ambos os conceitos são indissociáveis. A forma como traduzem essa dicotomia em música numa amálgama de tristeza, angústia, entrega, consternação, revolta e beleza é tão genuína e tão real, que o intangível parece tornar-se palpável. A verdade é que (...) nunca tiveram um álbum que retratasse tão bem o que fazem em cima de um palco."* E mantém. **[J.A.R.]**

3



OXBOW
«Thin Black Duke»
[Hydra Head]

Um disco como «Thin Black Duke» aparecer em terceiro lugar num top como este, que resulta da votação individual de mais de uma dúzia de pessoas, parece um sinal claro de que quem ouve muita música aprecia cada vez mais propostas que se desviam da norma. Discos como este e bandas como os Oxbow são fundamentais para o ecossistema da música pesada, porque acabam também por ajudar a valorizar o ortodoxo. Da origem punk rock forjada na escola Henry Rollins para a mescla inusitada de prog, metal, jazz e maravilhosos arranjos orquestrais, a (des)construção musical dos Oxbow faz-se de atenção ao detalhe e de um charme único. Depois, claro, a carga interpretativa e desarmante de Eugene S. Robinson, um dos mais versáteis, genuínos e talentosos vocalistas da actualidade. Pode não ser para toda a gente, mas é a mais bela bizarria de 2017. **[J.A.R.]**

4

PARADISE LOST

«Medusa»

[Nuclear Blast]

Depois da verdadeira bomba de regresso aos bons e extremos tempos dos Paradise Lost que foi o anterior «The Plague Within», «Medusa» poderia ter sido um desafio complicado, mas a veterana banda britânica continuou a caminhar em frente com a classe que se lhes reconhece. Integrando a selvajaria do death/doom com o melhor do metal gótico mais teatral que também é parte integrante da sua personalidade, deram-nos uma brilhante banda-sonora para um qualquer filme de terror de culto dos anos 70. [J.C.S.]

5

ULVER

«The Assassination Of Julius Caesar»

[House Of Mythology]

Já apelidado na brincadeira de "o álbum de Depeche Mode dos Ulver" (e até é muito mais Tears For Fears do que Depeche Mode, mas adiante), a verdade é que «The Assassination…» é isso e muito mais. Abrindo um novo capítulo na longa e delirantemente multifacetada carreira do destemido grupo norueguês, que sempre fez o que lhe deu na real gana, é um disco que viu a banda de Kristoffer Rygg aventurar-se pela pop luminosa, cheia de sintetizadores e de ganchos orelhudos, mas sem nunca perder aquela personalidade única nem a profundidade do costume. Desconcertante, e brilhante. [J.C.S.]

6

THE RUINS OF BEVERAST

«Exuvia»

[Ván]

Para aqueles que possam ser menos dados aos recantos escuros do underground, é importante frisar que os The Ruins Of Beverast são um procjecto a solo e, em 2013, já tinham dado que falar com o anterior «Blood Vaults». Em «Exuvia» mantém-se a atmosfera obscura e assombrosa, às vezes lenta e sonhadora, mas a música tornou-se ainda um pouco mais ameaçadora e distorcida, aproximando-se do que se pode considerar um zénite do *blackened* doom/death metal esotérico. Se isto não é tudo aquilo com que o Alexander von Meilenwald sempre sonhou, então deve estar lá perto. [J.M.R.]

7

CONVERGE

«The Dusk In Us»

[Epitaph]

Numa altura em que podiam encostar-se e ver os dólares a rolar só com os concertos, os discos e o *merch*, os Converge atiram-se a constantes desafios. O último é este «The Dusk In Us» e, na senda da capacidade de mutação que sempre revelaram, dá mais um passo em frente no percurso evolutivo do quarteto. Por muito que andem a saltar de género em género, e nunca o fizeram de forma tão intensa como aqui, tudo o que fazem soa a Converge. Bannon e companhia alternam metalcore, crust, screamo e post metal com um classe considerável – e, em «Trigger», assinam o melhor tema noise rock do ano. [J.M.R.]

8

AYREON

«The Source»

[Music Theories]

Uma cornucópia de vozes é a marca registada deste duo holandês, que continua a chamar convidados a cada disco e a cruzar metal clássico, folk e power metal, num invólucro de prog, e este duplo trabalho não é diferente. A cascata vocal reúne nomes como Floor Jansen, Hansi Kürsch, James LaBrie, Tobias Sammet ou Simone Simons, a que se juntaram diversos instrumentos, incluindo violoncelo, piano e violino. Uma space rock opera para o séc. XXI! [E.F.]

TOPS DA REDACÇÃO

ANA F. CARVALHO

INTERNACIONAL

01. Mastodon – Emperor Of Sand
02. Amenra – Mass VI
03. Queens Of The Stone Age – Villains
04. At The Drive In – in•ter a•li•a
05. Royal Thunder – Wick

NACIONAL

01. The Quartet Of Woah! – The Quartet Of Woah!
02. Vircator – Sar-I-Sang
03. Vai-te Foder – Poço
04. Process Of Guilt – Black Earth
05. Riding Pânico – Rabo De Cavalo

CARLOS GUIMARÃES

INTERNACIONAL

01. Alestorm – No Grave But The Sea
02. Iced Earth – Incorruptible
03. Attick – Sanctimonious
04. Ayreon – The Source
05. Wolfpakk – The Rise Of Chaos

NACIONAL

01. Iberia – Much Higher Than A Hope
02. Blame Zeus – Theory Of Perception
03. Moonspell – 1755
04. Waterland – Signs Of Freedom
05. Lyzzärd – Savage

EMANUEL FERREIRA

INTERNACIONAL

01. Bell Witch – Mirror Reaper
02. Boris – Dear
03. Godflesh – Post Self
04. OHHMS – The Fool
05. Pallbearer – Heartless

NACIONAL

01. Process Of Guilt – Black Earth
02. The Black Wizards – What The Fuzz!
03. The Quartet Of Woah! – The Quartet Of Woah!
04. The Ominous Circle – From Endless Chasms
05. Thugnor – The End Of Time

ESTEFÂNIA SILVA

INTERNACIONAL

01. Oxbow – The Thin Black Duke
02. Fleurety – The White Death
03. Godflesh – Post Self
04. Hällas – Excerpts From A Future Past
05. Igorrr – Savage Sinusoid

NACIONAL

01. Process Of Guilt – Black Earth
02. Redemptus – Every Red Heart Fades To Black
03. Vai-te Foder – Poço
04. Corpus Christii - Delusion
05. Irae – Crimes Against Humanity

JOAQUIM PEDRO

INTERNACIONAIS

01. Paradise Lost – Medusa
02. Akercocke – Renaissance In Extremis
03. GOLD – Optimist
04. Vallenfyre – Fear Those Who Fear Him
05. Nokturnal Mortum – Verity

NACIONAIS

01. Corpus Christii – Delusion
02. Moonspell – 1755
03. Irae – Crimes Against Humanity
04. The Ominous Circle – Appalling Ascension
05. Sacred Sin – Grotesque Destructo Art

JORGE BOTAS

INTERNACIONAL

01. Ayreon – The Source
02. Arch Enemy – Will To Power
03. Trivium – The Sin And The Sentence
04. Kreator – Gods Of Violence
05. Beast In Black – Beserker

NACIONAL

01. Moonspell – 1755
02. Rasgo – Ecos Da Selva Urbana
03. Adamantine – Heroes And Villains
04. Process Of Guilt – Black Earth
05. Lâmina – Lilith

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO

INTERNACIONAL

01. Amenra – Mass VI
02. White Ward – Futility Report
03. Obelyskkh – The Providence
04. Wolfbrigade – Run With The Hunted
05. Royal Thunder – Wick

NACIONAL

01. Process Of Guilt – Black Earth
02. Redemptus – Every Red Heart Fades To Black
03. Corpus Christii – Delusion
04. Moonspell – 1755
05. Grog – Ablutionary Rituals

JOSÉ CARLOS SANTOS

INTERNACIONAL

01. Amenra Mass VI
02. Oxbow The Thin Black Duke
03. Wolves In The Throne Room Thrice Woven
04. Godflesh Post Self
05. Unsane Sterilize

NACIONAL

01. Process Of Guilt Black Earth
02. Corpus Christii Delusion
03. Black Cilice Banished From Time
04. Redemptus Every Red Heart Fades To Black
05. Earth Electric Vol. 1: Solar

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

INTERNACIONAL

01. Converge The Dusk In Us
02. The Lurking Fear Out Of The Voiceless Grave
03. Unsane Sterilize
04. Godflesh Post Self
05. Chelsea Wolfe Hiss Spun

NACIONAL

01. Process Of Guilt Black Earth
02. Corpus Christii Delusion
03. The Ominous Circle Appalling Ascension
04. Irae Crimes Against Humanity
05. Black Cilice Banished From Time

LUÍS PIRES

INTERNACIONAL

01. Circle Of Ouroborus Ruumistähdet
02. Godflesh Post Self
03. The Ruins Of Beverast Exuvia
04. Prurient Rainbow Mirror
05. Bardspec Hydrogen

NACIONAL

01. Black Cilice Banished From Time
02. Process Of Guilt Black Earth
03. Irae Crimes Against Humanity
04. Angrenost Nox Et Hiems
05. Voëmmr Nox Maledictvs

9

MASTODON

«Emperor Of Sand»

[Reprise]

Um dos nomes maiores do metal deste século, que pela primeira vez parece ter quebrado a unanimidade dos seus fãs. Mesmo assim, «Emperor Of Sand» é um disco imenso e traz consigo clássicos como «Show Yourself» ou a brilhante «Jaguar God», porventura um dos melhores temas da carreira do grupo. Ao seu sétimo álbum, o quarteto de Atlanta conseguiu a maturação do som que vinha evoluindo a cada novo trabalho. **[E.F.]**

10

GOLD

«Optimist»

[Ván]

Lentamente, os holandeses vão saindo da obscuridade e granjeando fãs um pouco por todo o lado – incluindo por cá, onde muita gente terá saído do Under The Doom rendida à sua fantástica prestação –, e tudo sem facilitismos. Teria sido confortável continuar pelo rock orelhudo do primeiro disco, mas «No Image» e agora «Optimist», obras mais opacas, de mais difícil digestão mas de recompensas extraordinárias, mostram que a banda liderada pelo ex-The Devil's Blood Thomas Sciarone e pela notável cantora Milena Eva prefere sempre o caminho mais longo, mas que leva ao melhor destino. **[J.C.S.]**

NACIONAL

ÁLBUM DO ANO

PROCESS OF GUILT

«Black Earth»

[Bleak/Division]

Já é difícil tecer mais loas aos Process Of Guilt sem cair na repetição. Mesmo agora, depois do maior período da sua carreira sem um longa-duração (cinco anos), parece que têm mesmo assim sido uma companhia constante, através de uma gestão de carreira criteriosa, tocando nos melhores eventos, nas melhores alturas, e escolhendo os *timings* de actividade assertivamente. Assim sendo, não é surpresa que «Black Earth» tenha mais uma vez tido o impacto tremendo que já tinham tido o «Erosion» ou o «Fæmin» antes dele o passo seguinte na evolução dos Process Of Guilt vê-os a tornarem-se num animal mais selvagem, mais orgânico, e cada vez mais poderoso e assustador. Já se torna complicado sequer estabelecer grandes paralelos com outras bandas, sejam elas de onde forem, mas digamos que termos os Godflesh e os Amenra no topo da lista internacional, e os Process Of Guilt no topo da nacional, é de um sincronismo artístico quase poético. **[J.C.S.]**

2

MOONSPELL

«1755»

[Napalm]

Os Moonspell nunca foram banda de se repetir, e o passo que deram com «1755» foi dos mais arriscados dos 25 anos de carreira. Cantar inteiramente em português foi um novo desafio criativo, mas também um teste à solidez da sua dimensão internacional. Um teste superado com distinção. Tremendo, tanto na carga dramática como também no peso: é, provavelmente, o disco mais violento que já gravaram. A conjugação da melodia que lhes é inerente com riffs de guitarra mais modernos acaba por funcionar na perfeição. A isso acrescem as majestosas orquestrações assinadas por Jon Phipps, que elevam o disco a um patamar superior. Uma vez mais, os Moonspell recusaram dormir à sombra da bananeira. «1755» tem ainda o condão de nos deixar a pensar por onde podem seguir para voltar a evoluir e surpreender. Não temos ideia de qual o caminho, mas fica a certeza de que vão chegar lá. **[J.A.R.]**

3

CORPUS CHRISTII

«Delusion»

[Folter]

"É uma auto-biografia de Corpus Christii, porque pega num pouco de tudo aquilo que esta banda já foi." Foi assim que o N.H. tratou de nos descrever o «Delusion», uma descrição que ganha ainda mais corpo depois dos últimos meses passados a devorar estes nove temas. Um dos mais ilustres porta-estandartes do black metal em território luso (e não só), os Corpus Christii têm vindo a aproximar-se lentamente da perfeição. «Delusion» é um manifesto de intenções que não pode passar despercebido a quem gosta de metal extremo obscuro, com um pé na tradição dos 90s e o olhar focado num futuro bem negro. **[J.M.R.]**

4

IRAE

«Crimes Against Humanity»

[Altare]

É complicado apontar pontos altos numa carreira tão consistente como a dos Irae, mas «Crimes Against Humanity» mostra o grupo liderado por Vulturius no auge das suas capacidades. Black metal feioso, cortante e frio, feito segundo as regras basilares e com um cuidado especial a algo habitualmente descurado neste espectro, que é o génio para escrever canções que são mais que o ódio pelo ódio – e que ficam marcadas no córtex de quem se sujeita à tareia. Vão lá ouvir a «Da Brandoa Com Ódio» e atrevam-se a dizer que não temos razão. **[J.M.R.]**

5

THE QUARTET OF WOAH!

«The Quartet Of Woah!»

[Ragingplanet]

Se «Ultrabomb» foi uma sensacional estreia, o segundo álbum dos TQOW! é outra ultra-bomba de heavy rock psych. Laivos de King Crimson, Pink Floyd e até The Beatles amplificados em peso, numa catarse de crescendos já muito própria deste quarteto que nos continua a dar razões para um bom… *woah*! O factor surpresa continua em alta, desta feita com "apenas" quatro temas ao longo de 55 vibrantes minutos. **[N.S.]**

NELSON SANTOS

INTERNACIONAL

01. Pain Of Salvation – In The Passing Day Of Light
02. Dying Fetus – Wrong One To Fuck With
03. Ex Eye – Ex Eye
04. Archspire – Relentless Mutation
05. Igorrr – Savage Sinusoid

NACIONAL

01. Moonspell – 1755
02. The Ominous Circle – Appalling Ascension
03. Analepsy – Atrocities From Beyond
04. Grog – Ablutionary Rituals
05. The Quartet Of Woah! – The Quartet Of Woah!

PEDRO ALMEIDA

INTERNACIONAL

01. Paradise Lost – Medusa
02. GWAR – The Blood Of Gods
03. Enslaved – E
04. Lock Up – Demonization
05. Ecstatic Vision – Raw Rock Fury

NACIONAL

01. Irae – Crimes Against Humanity
02. The Psycho Tramps – Silk Gloves On Hard Boys
03. Thugnor – The End of Time
04. Moonspell – 1755
05. Earth Electric – Vol.1: Solar

PEDRO PEDRA

INTERNACIONAL

01. Benighted – Necrobreed
02. Wastes – Into The Void Of Human Vacuity
03. Attic – Sanctimonious
04. The Ruins Of Beverast – Exuvia
05. Blood – Inferno

NACIONAL

01. Analepsy – Atrocities From Beyond
02. Epping Forest – Lebabvoid
03. Earth Electric – Vol.1: Solar
04. Irae – Crimes Against Humanity
05. Annihilation – The Undivided Wholeness Of All Things

PEDRO ROQUE

INTERNACIONAL

01. Integrity – Howling, For The Nightmare Shall Consume
02. Exit Order – Seed Of Hysteria
03. Bad Breeding – Divide
04. Oxbow – The Thin Black Duke
05. Hell – Hell

NACIONAL

01. Irae – Crimes Against Humanity
02. Vai-te Foder – Poço
03. Grog – Ablutionary Rituals
04. Corpus Christii – Delusion
05. Process Of Guilt – Black Earth

RICARDO AGOSTINHO

INTERNACIONAL

01. Ulver – The Assassination Of Julius Caesar
02. Idles – Brutalism
03. The War On Drugs – A Deeper Understanding
04. The National – Sleep Well Beast
05. Godspeed You! Black Emperor – Luciferian Towers

NACIONAL

01. Process Of Guilt – Black Earth
02. The Quartet Of Woah! – The Quartet Of Woah!
03. Moonspell – 1755
04. Surma – Antwerpen
05. Ermo – Lo-fi Moda

6

THE OMINOUS CIRCLE

«Appalling Ascension»

[Osmose]

A revelação nacional no metal extremo. Apesar dos seus integrantes terem já vasta experiência noutros projectos, The Ominous Circle estreou-se em grande, em Janeiro de 2017, com um disco que vale ao grupo nortenho as melhores reacções dentro e fora de portas. Black/death denso, intenso, como se fôssemos sugados por um buraco negro de inevitável claustrofobia. O ambiente é pesado. Mas faz-nos sentir agonizantemente bem. [N.S.]

7

GROG

«Ablutionary Rituals»

[Murder]

Suceder ao maravilhoso «Scooping The Cranial Insides» não era propriamente uma tarefa fácil e os Grog, verdadeiras lendas do death/grind nacional, decidiram adicionar uma pitada extra de loucura em «Ablutionary Rituals». O resultado é um disco que aparenta ser mais directo do que é na realidade. Em cada tema há uma série de pormenores que fazem a diferença e levam a que não se esgote ao fim de meia dúzia de audições. Pelo contrário. Essa profundidade, essas várias camadas de extremidade instrumental, são também um reflexo da componente lírica, bem mais obscura e psicologicamente dilacerante do que em discos anteriores. [J.A.R.]

8

VAI-TE FODER

«Poço»

[Helldprod/Murder]

São do Poço que tanto odeiam e amam. De lá saem e a ele sempre voltam. *Motorcrust junkies*, fazem o que ninguém gosta, tocam o que querem, vivem tudo num segundo e ninguém os pára. Foi assim na edição deste ano do Milhões de Festa ou no Cave 45, quando se reuniram a outros nomes de Braga numa memorável noite *sold out*! [E.F.]

9

REDEMPTUS

«Every Red Heart Fades To Black»

[Ragingplanet]

O som dos Redemptus é sujo e negro, mas de uma emoção cheia de vida, em que cada coração negro se torna vermelho do sangue que a música deste trio faz bombear. Da escuridão do palco, o som faz-se sentir tanto como cada palavra que transporta a mensagem. Redemptus é uma experiência de vida, uma experiência que se vive. [E.F.]

10

EARTH ELECTRIC

«Vol. 1: Solar»

[Season Of Mist]

Depois de ter passado boa parte dos seus anos pós-Mayhem a olhar para as estrelas com os Ava Inferi, o notável guitarrista Rune Eriksen decidiu, junto da companheira e cantora habitual Carmen Simões (e da estrondosa secção rítmica Alexandre Ribeiro/Ricardo Martins), estremecer o firmamento e fazer cair as estrelas cá para baixo com grandes riffs e malhões de rock. Progressivo, psicadélico, invulgar – sim, tudo isso. Mas no fundo, rock, do bom. Já estamos ansiosos pelos próximos volumes! [J.C.S.]

III EDITION

MMXVIII
BARREIRO
METAL MUSIC FESTIVAL

CAMARROFEST

3 FEV

AFTER-PARTY
ESCOLA CONDE DE FERREIRA

ROQUE DJ SET
SCUM LIQUOR

SIRB-OS PENICHEIROS

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM
SACRED SIN - FOR THE GLORY
ATTICK DEMONS - NEW MECANICA

2 FEV

AFTER-PARTY
ESCOLA CONDE DE FERREIRA

JÓ DJ SET
SYSTEMIK VIOLENCE

SIRB-OS PENICHEIROS

THE OMINOUS CIRCLE
ANALEPSY - SPEEDEMON
GAEREA - MY ENCHANTMENT

20:30h ABERTURA DE PORTAS
21:00h INÍCIO DOS CONCERTOS

BILHETE DIÁRIO: €15
BILHETE 2 DIAS: €25
SPECIAL PACK: €30
INFO: FACEBOOK.COM/CAMARROFESTBARREIRO

ORGANIZAÇÃO: BRINGER OF LIGHT

APOIOS: Barreiro Câmara Municipal · SIRB Os Penicheiros · SAGRES CERVEJA · LOUD!

HAMMERFALL

GLORY TO THE BRAVE

O nosso aniversariante deste mês é o disco de estreia dos suecos HAMMERFALL, que em 2017 cumpriu duas décadas. Determinante no ressurgir do heavy metal mais clássico que ocorreu no séc. XXI, é um trabalho que não só lançou a carreira cintilante da banda, mas que também ajudou a mudar muitas mentalidades. Sendo agora alvo de uma reedição luxuosa por parte da Nuclear Blast, é portanto a altura ideal para entrarmos na nostalgia com o guitarrista e compositor Oscar Dronjak.

JOSÉ CARLOS SANTOS

Como te sentes ao perceber que o vosso álbum de estreia já tem vinte anos de existência?
Faz-me sentir muito bem, quando penso nisso! Mas temos sempre tantas coisas a acontecer, e já fizemos tanta coisa também desde essa altura, que mal tenho tempo para pensar nisso, sinceramente. Claro que é um marco importante para nós, de muitas formas diferentes, mas não me sento a remoer memórias, não. Sei que não parecem vinte anos, pelo menos. Para aí dez, no máximo! Mas por outro lado, quando penso na pessoa que sou agora, e naquilo que era nessa altura, aí já parece que foram muito mais que vinte anos. [risos]

Quais são as primeiras memórias que te vêm à cabeça quando pensas no disco?
Uma das primeiras coisas é mesmo a diversão que tivemos. Decidimos fazer esta banda, e gravar qualquer coisa, sem expectativas absolutamente nenhumas. Éramos mesmo só cinco tipos a divertirem-se, a tocarem canções do estilo que adoravam.

Os Hammerfall estavam longe de ser a vossa prioridade nos primeiros tempos... quando é que se deu aquele momento em que perceberam que aqui é que estava a vossa futura actividade principal?
Toda a gente tinha outras bandas que eram as "principais", e tratávamos os Hammerfall como uma coisa secundária, realmente, mas tudo o que fizemos, desde o princípio, foi muito a sério. Com muita diversão à mistura, sem ser a nossa actividade principal, sim, mas sempre encarámos a banda com toda a seriedade possível mesmo nesse contexto. A altura em que decidimos mesmo que íamos perseguir algo com esta banda, e dedicarmo-nos mais a ela, foi talvez quando conseguimos o contrato discográfico. Não com a Nuclear Blast, isso só veio mais tarde, foi com uma pequena editora holandesa chamada Vic Records. Isto aconteceu por alturas de 1996, no Verão. Tínhamos então esse contrato, o *budget* para a gravação não era muito, mas já tínhamos feito coisas acontecer com menos no passado, por isso avançámos sem problemas, não nos impediu. Tivemos também a sorte de o Fredrik Nordström ser nosso amigo há muitos anos, e ele fez-nos um grande preço para o aluguer do estúdio, para além de ter produzido o álbum. Nunca teríamos sido capazes de ter dinheiro para isso de outra forma. Não que ele fosse caro, especialmente quando comparado com outros produtores da mesma dimensão – para além de que,

"Decidimos fazer esta banda, e gravar qualquer coisa, sem expectativas absolutamente nenhumas. Éramos mesmo só cinco tipos a divertirem-se."

deles. Acho que o Markus Staiger [NR: dono da Nuclear Blast] ficou extremamente entusiasmado, segundo consta. [risos] Ligou-nos, enviou-nos uns faxes e tal, e começámos a falar com eles. Ou seja, resumindo, e para responder de vez à tua pergunta de há pouco, acho que não houve um momento exacto em que tudo se tenha tornado sério. Foi todo um processo, e houve vários momentos chave em que as coisas se foram tornando mais e mais sérias. E mesmo assim era tudo muito estranho para nós. Era bizarro uma banda de heavy metal, nessa altura, assinar por uma editora como a Nuclear Blast, e ser promovida com a força que eles empregaram para o «Glory To The Brave».

No estado em que o heavy metal estava na altura, não foi uma decisão óbvia para ninguém – nem vocês darem prioridade à banda, nem a Nuclear Blast apostar nela dessa maneira.
Pois não, tens toda a razão. Por isso é que sempre fomos cuidadosos. Podíamos ter objectivos a cumprir, mas cada vez que atingíamos esses objectivos, delineávamos logo outros novos, mais altos. Fizemos sempre tudo em passos incrementais, porque não acreditávamos muito que as coisas pudessem correr assim tão bem. Uma experiência esclarecedora foi o primeiro concerto que demos fora da Suécia, que foi no Wacken Open Air em 1997. O álbum tinha saído há cinco semanas no máximo, tinha tido belas *reviews*, uma boa recepção, mas isso não foi nada comparado com a primeira vez que tocámos as nossas canções para aquele público. Foi nessa altura que percebemos verdadeiramente que tínhamos aqui qualquer coisa especial. Foi incrível. Fomos do nada até àquela dimensão a uma velocidade incrível. Demorou anos – e não estou a exagerar, foram mesmo vários anos – até eu conseguir perceber verdadeiramente o que estávamos a fazer, até me convencer que isto era mesmo algo que eu poderia estar a fazer nas próximas décadas. Esses meses foram uma montanha-russa total. É algo que eu julgava tão inatingível que nem nunca sequer tinha sonhado com isso. E de repente estou na estrada para esse sonho, que nunca me tinha atrevido a ter sequer, e é de facto complicado meter isso na cabeça de forma realista. Havia muita gente nos concertos, muita gente a comprar os discos, um grande alvoroço em volta da banda, mas passou algum tempo até eu processar devidamente isso tudo.

Quais eram os temas que já tinham e que já tocavam ao vivo antes de começarem especificamente a escrever para o álbum?
De todos os que acabaram no «Glory To The Brave», a «Steel Meets Steel» era a única que já estava terminada antes de começarmos especificamente a escrever para o álbum. Esse tema está tal e qual na gravação como era quando o tocávamos ao vivo anteriormente, à excepção das letras, que reescrevi com ele, os resultados valem dez vezes o valor pago! –, mas mesmo assim era demais para nós. Portanto, o álbum foi gravado ainda sob contrato com a Vic.

Mesmo assim, deve ter sido algo especial quando terminaram a gravação.
Eu, o Joacim [Cans, vocalista] e o Jesper [Strömblad, baterista] fomos quem escreveu o álbum na sua totalidade, e uma vez terminada a gravação, sentámo-nos a olhar uns para os outros, naquela: *"fizemos mesmo isto? Isto aconteceu mesmo?"* [risos] Soava fantástico, mesmo profissional, como uma banda a sério. Por essa altura, já nenhum de nós os três tinha mais bandas em actividade, e então decidimos que íamos mesmo tentar fazer que isto funcionasse. Pensámos que, se tivessemos sorte, íamos ter alguns concertos e conseguir gravar um segundo álbum, era essa a extensão das nossas ambições. Depois disso, a Nuclear Blast de alguma forma teve acesso a uma cassete com o álbum, e as coisas desencadearam-se a partir daí.

Sabes como é que lá chegaram?
Acho que foi o Jesper, que estava em *tour* com os In Flames, que estavam na Nuclear Blast na altura, e ele deu uma cassete a alguém, que depois a pôs a tocar no escritório

um pouco. Depois havia a «Unchained», que também tocávamos ao vivo, e ainda tínhamos uma versão prévia da «HammerFall», para aí 60% do que se tornou no tema final. Tem piada que as partes que não usámos acabaram elas por se tornar num outro tema, «Immortalized», que apareceu no disco «Infected» em 2011. Fiquei com essas partes durante esses anos todos, até fazer sentido utilizá-las. Tudo o resto além dessas foi escrito especificamente para o álbum.

"Acho que contribuímos para que o heavy metal voltasse a ser respeitado."

Esses concertos costumavam correr bem, mesmo sem haver um álbum para suportar?
Sim, no geral era muito bom, com muita gente. Algumas peripécias também, como é normal… Houve um concerto onde era suposto cuspir fogo, durante a «Unchained», mas aconteceu um pequeno percalço… Era a primeira vez que ia fazer isso em palco, tinha praticado com uma pessoa que sabia fazer, e estava preparado, mas em público, era a primeira vez que ia fazê-lo. Tínhamos um balde de água – isto passava-se num palco de madeira, ao ar livre, e eles tinham medo que nós pegássemos fogo àquilo, e então obrigaram-nos a ter um balde ali ao lado para apagar a tocha. Tocámos então com o balde em cima do palco, e toda a gente a estranhar o que era aquilo. Eu tinha o óleo, que se tem que cuspir, num copo, mas infelizmente pu-lo ao lado da bateria antes de o concerto começar. Quando o Jesper começou a tocar, com a vibração, o copo entornou. A garrafa com mais óleo tinha ficado no camarim, e não tinha forma de a ir buscar. Assim que vi o copo entornado, percebi logo que não ia dar para cuspir o fogo, e então tocámos o concerto todo com um balde em palco. Toda a gente veio ter comigo depois da actuação a perguntar para que era aquilo! [risos]

Durante os anos em que tocavas death metal, nos Ceremonial Oath ou nos Crystal Age, já escrevias heavy metal também como actividade paralela? É algo que é natural em ti?
Não escrevia heavy metal durante esses tempos, apesar de ter crescido com isso – também com os Kiss, e as outras bandas todas clássicas dos anos 80 que eu adorava. Quando comecei a tocar, no final dos anos 80, toquei em algumas bandas de heavy metal ainda, mas o metal mais extremo estava a aparecer em força, e quando somos novos, somos impressionáveis, e queremos fazer a coisa que está mais em voga, e então dediquei-me ao death metal durante vários anos. Que é um estilo que eu também adorava, atenção, não foi só por ser a *new thing*. O engraçado é que continuei a ouvir heavy metal ininterruptamente durante esse tempo, nunca deixei de ouvir os Priest ou os Accept ou as minhas outras bandas favoritas. Aliás, até acho que encontrei mais bandas a juntar às minhas favoritas nesses anos! Sempre foi uma grande inspiração, por isso foi totalmente natural escrever nesse género também quando chegou a altura.

Apesar de o «Glory To The Brave» ser de 1997, os Hammerfall remontam a 1993, não é? Houve algum *overlap* com essas bandas, ainda.
Sim, formei os Hammerfall em 1993, ou seja, mantive-os em paralelo com os Crystal Age durante algum tempo ainda. É que era muito divertido tocar nessa banda também, adorei cada minuto! Música muito técnica, muito rápida, tremendamente difícil de tocar, mas era muito fixe. O único problema é que o meu interesse no death metal começou a diminuir um pouco, à medida que o género ia evoluindo numa determinada direcção. Eu queria que o death metal fosse cru, poderoso, energético, tal como o heavy metal, mas a maior parte dos álbuns que estavam a ser editados eram de registo grave, monótono… Não tenho nada contra os Cannibal Corpse, mas só para dar o exemplo, que era esse tipo de bandas que começava a proliferar. Nunca gostei dos gu-

turais ultra-graves, eu era vocalista de death metal na altura e o meu exemplo era o Chuck Schuldiner, gostava muito do tipo de voz que ele usava. Portanto, não havia death metal suficiente que me interessasse a ser editado, e comecei a virar-me cada vez mais para o heavy metal. Quando os Crystal Age se desvaneceram, foi natural dedicar-me aos Hammerfall.

Tens temas favoritos no «Glory...»?
Acho que não... é difícil responder, claro. Talvez a «Steel Meets Steel» seja um bocadinho mais especial, porque é a mais antiga, escrevi-a assim que criei a banda, em 1993, e musicalmente está exactamente como eu a escrevi originalmente, nunca teve nenhuma alteração. Tem um lugar especial no meu coração, porque de certa forma foi por esse tema que começou tudo.

Imagino que tenha sido muito natural gravar no estúdio do Fredrik, onde aliás já tinhas estado antes com as tuas outras bandas.
Foi natural, claro, e já lá tínhamos estado várias vezes com as nossas outras bandas, de facto, mas mesmo assim foi complicado... Não tínhamos muito tempo, tivemos dezasseis dias no total para fazer tudo. Não estávamos habituados a gravar heavy metal, demorou-nos um bocadinho para nos ajustarmos, e estávamos cheios de *stress*, honestamente. O pior foi a mistura, que era suposto ser feita no último fim-de-semana. Deixámos Sábado e Domingo para isso, e não podia falhar porque na segunda-feira seguinte entrava outra banda no estúdio. Só que chegámos a sexta-feira e o Joacim ainda não tinha as vozes todas gravadas, esteve então a gravar vozes nessa sexta-feira à noite, pela noite e madrugada fora, e nem dormimos para depois começar logo a mistura. É disso que me lembro melhor, de toda a gravação, confesso que a maior parte dos outros detalhes já nem me lembro bem.

Foi um álbum que determinou em grande medida a vossa personalidade?
Por um lado, acho que não há dúvidas para ninguém acerca da influência que este álbum teve na nossa carreira. Dito isto, não acho que tenha propriamente esculpido a nossa personalidade, foi mais uma questão de mostrar a toda a gente o que eram os Hammerfall. Para mim, isto é o que a banda sempre foi, na minha cabeça. Este heavy metal melódico era como eu já tinha tudo definido. Aliás, os Hammerfall eram a banda que nós queríamos ver ao vivo, que nós sentíamos falta que existisse, foi sempre sob essa premissa que desenvolvemos a música. Não havia quase ninguém a fazer este tipo de coisa nessa altura, e então, em vez de esperar, preenchemos nós esse espaço.

Mais do que isso, é unanimemente considerado como o álbum que catapultou o heavy metal mais tradicional para a ribalta outra vez. O que sentes sobre isso?
Acho que sim, é inegável, e isso é aquilo de que eu tenho mais orgulho – penso que ajudámos o estilo de música que eu mais gosto, aquele que sempre me falou mais ao coração durante toda a minha vida, e ajudámos a que voltasse ao primeiro plano. Mais do que isso, acho que contribuímos para que o heavy metal voltasse a ser respeitado. Nessa altura, nem isso havia. Uma banda com vozes limpas, és o quê, um *pussy*? É horrível, mas é assim que as pessoas pensavam na sua generalidade. Heavy metal era uma *bad word*. Toda a gente queria ser agressiva e gritar e isso tudo, e nós eramos a antítese disso. Éramos o antídoto! [risos] Acho que termos ajudado a que o género tenha voltado a ser respeitado foi o mais importante. Não me importo se gostas ou não de heavy metal, mas tens que me respeitar por eu gostar! Isso não havia, e lentamente, com o nosso sucesso e o de outras bandas que apareceram depois, voltou a haver.

O que é que achas desta nova reedição? Estiveste muito envolvido no processo?
É certo que nós temos que aprovar tudo aquilo que sai com o nome da banda, por isso estou sempre envolvido de alguma forma, mas isto foi de facto uma ocasião especial e ajudei em muita coisa. Eu e o Joacim somos um bocado "acumuladores" [risos], guardamos uma série de merdas, e isso desta vez serviu para alguma coisa. Tínhamos letras escritas à mão, *flyers* de concertos, *posters* de digressões... basicamente coisas que guardamos só por serem memórias giras. Agora tivemos oportunidade de vasculhar isso tudo para ver o que poderia ser interessante partilhar com as pessoas, foi divertido e nostálgico darmos a volta a esse material todo e revivermos muitas memórias. Tivemos também um encontro onde demos algumas entrevistas que foram filmadas para o material bónus da reedição, e a piada é que não foi só a banda actual – todos os músicos que já tocaram nos Hammerfall, mais o Fredrik Nordström, apareceram e partilharam histórias, à excepção do Jesper que era suposto ter ido mas teve um contratempo de última hora. Há muito material ao vivo, incluindo o concerto do Dynamo em 1998, que calhou no meio das gravações do «Legacy Of Kings»... Para além de tudo isso, o álbum foi remasterizado pelo Fredrik, claro. Só coisas boas!

COSMOS PSICADÉLICO

Depois de terem passado grande parte de 2017 a "espalhar a sua magia" por palcos de norte a sul do país, os EARTH DRIVE chegam finalmente ao álbum de estreia com «Stellar Drone». Esta colecção de sete temas novos mostra-nos a banda do Montijo a aproximar cada vez mais da perfeição a sua visão muito peculiar do som de peso, misturando ambientes psicadélicos, riffs monolíticos, uma voz sensual e uma secção rítmica elástica. Numa noite gelada de Dezembro, juntámo-nos ao quinteto e tentámos perceber melhor a atípica identidade de um dos mais brilhantes projectos do actual underground nacional.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES BRUNO PEREIRA

No que toca à banda, que balanço fazem deste ano que chegou agora ao fim?

Hermano Marques: Foi um ano extremamente positivo, não só pela quantidade de oportunidades que tivemos, mas também por todas as interacções positivas que fomos estabelecendo. Foi muito importante termos um vislumbre de que estávamos a fazer acontecer coisas; isso fez-nos crer que a banda podia ter, de facto, um futuro interessante. Basicamente usufruímos bastante do ano, seja a conhecer gente ou a tocar ao vivo... Para um nome da nossa dimensão, com as oportunidades que existem em Portugal, acho que conseguimos manter uma boa agenda.

Luís Eustáquio: O mais engraçado é que as coisas foram, pura e simplesmente, acontecendo. Não planeámos propriamente nada.

Sara Antunes: Isso fez-nos saborear ainda mais todas as oportunidades que foram aparecendo. E acho que foi, precisamente,

um ano de oportunidades e maturidade para os Earth Drive.

Esse amadurecimento, requereu um período de adaptação?
Luís Silva: Não, no nosso caso foi mesmo muito natural. Nunca senti qualquer tipo de pressão.
Hermano: Até porque nós, em termos de interesse, da atitude, do que é levar uma banda a sério, sempre pensámos da mesma forma. É assim desde o início. Se fazemos algo que nos apaixona, não faz sentido não levá-la tão a sério quanto possível. Não "a sério" no sentido obsessivo, mais no fazer as coisas da melhor forma dentro do que está ao nosso alcance.
Sara: Se aumentou alguma coisa durante este ano foi mesmo o nível de responsabilidade, de termos de fazer melhor e de não desperdiçarmos oportunidades. Já levávamos as coisas muito a sério, de facto, mas começámos a ensaiar mais, por exemplo. Basicamente, não queríamos frustrar as expectativas de quem estava a acreditar em nós.

Quão importante é terem a vossa sala de ensaio, que faz também as vezes de estúdio?
Luís Eustáquio: Facilita muito tudo. Nós sempre tivemos essa regularidade de ir à sala de ensaios, mesmo que não seja para praticar um alinhamento. O facto de termos o nosso espaço facilita a partilha entre nós, o que é muito importante para dar o passo seguinte e subir o próximo degrau.
Hermano: É muito positivo para a nossa relação e isso notou-se bem nesta fase. A forma como as coisas foram evoluindo fez com que quiséssemos estar mais juntos, ensaiar mais e partilhar coisas das nossas vidas pessoais, que quisemos transpor para a música. Acho que fortalecemos muito a relação e isso acaba por ser o mais importante, porque se a nossa relação estiver sólida, se estiver saudável ao ponto de nos permitir desbloquearmos emoções que, às vezes, possam surgir, isso vai ajudar a tornar a criação ainda mais fluída. Porque, convenhamos, a vida de uma banda é fodida.
Sara: As relações interpessoais não são nada fáceis, não.
Hermano: Nós esforçamo-nos para que a nossa expressão seja autêntica.

O «Stellar Drone» tem estado a ser muito bem recebido pela imprensa. Era disso que estavam à espera?
Luís Eustáquio: Não sabíamos o que esperar, mas o que mais me tem surpreendido no que tenho lido são as interpretações tão profundas que as pessoas têm feito ao disco. Não estava mesmo à espera de ler coisas que me emocionassem, de tão fortes que são.
Hermano: Percebe-se que a música tocou naquelas pessoas e isso é o mais interessante.
Sara: Mesmo quando a pessoa sente alguma coisa diferente do sentimento que inspirou a canção, só o facto de se ter gerado uma emoção já é algo muito reconfortante.

"A vida de uma banda é fodida."

O que vocês fazem reúne uma série de estilos conhecidos, mas a fusão soa refrescante. O facto de não se poderem descrever com um rótulo estanque tem sido benéfico?
Hermano: Não nos sentámos e decidimos que queríamos fazer um disco assim ou assado. É óbvio que queríamos fazer algo que fosse representativo das nossas influências, das coisas que ouvimos e de que gostamos... Mas as ideias foram saindo naturalmente. Agora, tentando abstrair-me de que somos nós os intérpretes, percebo que é um som que tem um bocadinho de tudo, mas até resulta diferente. Houve momentos em que pensei...
Luís Eustáquio: ...que ninguém ia perceber isto! [risos]
Sara: É verdade, também há sempre essa insegurança.
Hermano: O facto de não haver propriamente um rótulo acaba por ser interessante, porque faz com que as pessoas nos interpretem à luz do que são as suas referências em termos musicais.

Qual foi a comparação mais descabida que já vos fizeram?
Luís Silva: Evanescence, já nos compararam a eles.
Luís Eustáquio: E aos Lacuna Coil.
Hermano: E isso é só porque ouvem uma voz feminina. Depois, temos elementos de post rock e de post metal, mas não me parece que nos possam incluir só nessa categoria. Nunca falámos sobre isto, mas lembro-me de nos descreverem num cartaz como post rock do Montijo...
Luís Eustáquio: Sim, porque o post rock de Alcochete é totalmente diferente! O post rock da Moita, então, não tem nada a ver. [risos]

A pergunta para um milhão de euros – porque acham que as pessoas se têm estado a identificar de forma tão forte com a vossa música?
Sara: Eu vou dizer isto e vai soar tudo um bocado esotérico, mas tenho esse lado mais místico, por isso... O álbum foi escrito em 2016, estávamos as trabalhar as letras e a música, e foi tudo muito instintivo. O engraçado é que ele sai agora e estou a passar por certas situações na minha vida que... Bem, quando voltámos à sala de ensaio para preparar o novo alinhamento, estava a cantar as letras e fez todo o sentido o que se está a passar agora. É uma sincronicidade profunda e mística, que não consigo mesmo explicar. De certa forma, é como se aquela mensagem tivesse antecipado o que se está a passar neste momento.
Hermano: A palavra sincronicidade define um bocadinho o que acaba por ser o nosso conceito. A própria forma como tudo foi aparecendo no disco, da música ao *artwork*, às letras... Basicamente, foi tudo acontecendo. Eu acho um bocado prepotente estarmos aqui a dizer que isso tem impacto também nas pessoas que estão fora da banda, mas há de facto qualquer coisa que provoca essa ressonância em quem ouve o disco.
Sara: Quando nos apercebemos do significado que estes temas têm, agora que o disco foi editado, parece que canalizámos ali uma mensagem maior.
Hermano: Essa magia faz parte da música, e da arte em geral. Acho que deve ser por isso que nunca ninguém conseguiu definir muito bem o que é a arte ou o que é a música e o impacto que têm nas pessoas. Eu gosto de continuar a acreditar nessa magia, para nos podermos continuar a auto-curar e a curar os outros. Afinal, é por isso que ouvimos e fazemos música, para exercer esse processo catártico nas pessoas.

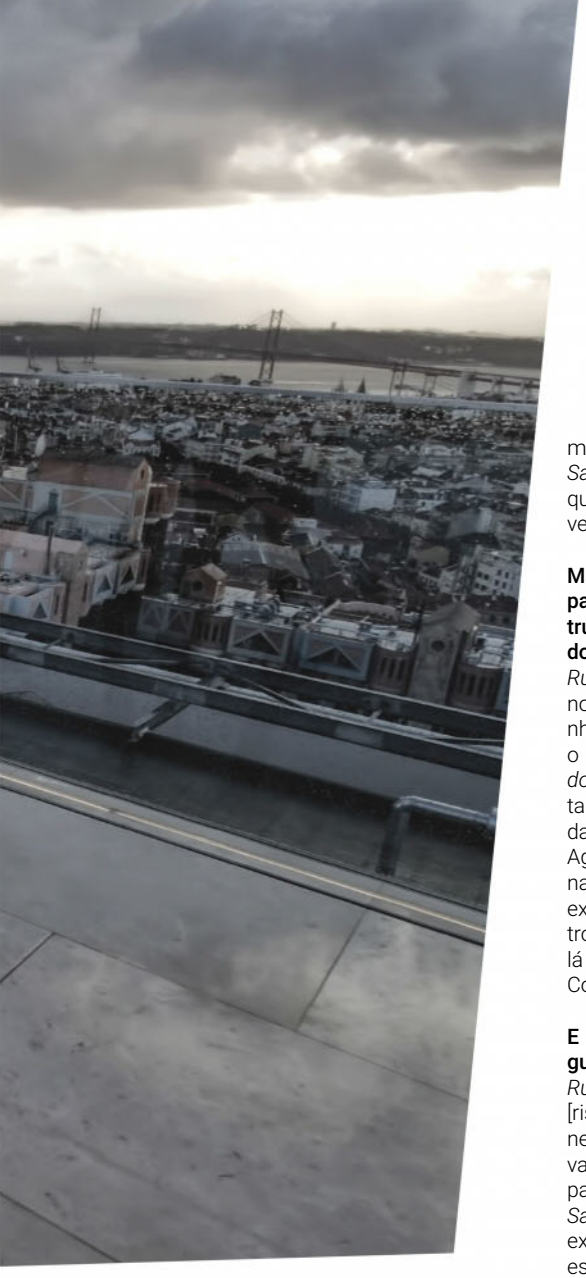
IMPACTO IMEDIATO

Os RASGO foram a grande revelação do thrash nacional em 2017. Com uma estratégia de promoção inédita no nosso país, deram a conhecer os dez temas de «Ecos Da Selva Urbana», com vídeos colocados online, e quando chegaram ao Coliseu dos Recreios para o concerto de estreia, a abrir para uns tais de Slayer, já tinham meia plateia a cantar as letras. Para nos contar de onde vem e para onde quer ir a banda lisboeta, sentámo-nos à mesa com os guitarristas Pedro Ataíde (Sarrufo) e Rui Costa (Ruka).

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO

Como e quando nasceu a ideia de criarem os Rasgo?
Sarrufo: Inicialmente não havia a ideia de criar uma banda. Eu tinha umas músicas, estava parado, tinha saído dos Trinta & Um e, na altura, estava sem tocar. Comecei a gravar o que tinha e convidei uns amigos para ver como é que aquilo soava. A dada altura gravei um tema que coloquei na *net*, estávamos no final de 2013, e alguns amigos enviaram-me mensagens a dizer que tinham gostado, entre eles o Ruka, que me disse logo que se precisasse de alguma coisa era só dizer. Eu disse-lhe que estava a precisar de um guitarrista, mas como ele tem os Tara Perdida, estava com trabalho e não me respondeu logo na altura. Depois, infelizmente, deu-se o falecimento do Ribas e voltei a encontrar o Ruka no funeral do Ribas. Nesse dia falámos e ele perguntou-me: "*Vamos mesmo arrancar com aquilo ou não?*" E foi assim. A partir daí começámos a trocar ficheiros e a definir o caminho que queríamos seguir.

Musicalmente já sabiam que caminho queriam trilhar?
Ruka: Sabíamos que queríamos entrar no thrash metal, porque eram essas as bandas que nos tinham influenciado. Eu nos Tara Perdida e ele nos Trinta & Um já tínhamos mostra-



"Se temos de atacar agora, é para atacar no sítio certo. A minha cena é ser megalómano. Se bater, fixe, se não bater fixe na mesma" – Ruka

do que sabíamos fazer punk na língua portuguesa. Ele já trazia muitos riffs dentro daquela cena dos Testament, que eu adoro, e identifiquei-me logo, e o Filipe, o baixista, também.
Sarrufo: Thrash mas com crossover.
Ruka: Sim, acima de tudo com identidade. Tu sentes identidade "tuga" na nossa música, como sentes Brasil nos Sepultura, embora não cantem em português, ou nos Ratos de Porão. Mas resumindo, a música dos Rasgo é um produto da raiva e do sonho.

Sempre tiveram essa costela metaleira e essa vontade de a mostrar ao público?
Sarrufo: Comecei a ouvir música mais pesada através de malta da minha rua e o que se ouvia eram os Iron Maiden, os Slayer, os Metallica, os Motörhead, os Venom. Simultaneamente, comecei a ouvir os Sex Pistols, os Ramones, essas bandas clássicas. Quando comecei a tocar fui mais pela vertente do punk, até porque o metal era mais difícil de fazer, mas também porque o punk tinha uma atitude de revolta com que me identificava. Era mais da rua e menos do fantástico.
Ruka: O punk dava-nos uma liberdade muito maior e as cenas aconteciam muito mais rápido. Mas a raíz do que fazemos agora está no metal dos anos 80 e da primeira metade dos anos 90.
Sarrufo: Sim, e também os Ratos de Porão, que quando apareceram estavam no crossover. E D.R.I..

Mas aqui como músico tens mais margem para te expressares tecnicamente. A construção acaba por ser muito mais elaborada do que aquilo que fizeram no passado, certo?
Ruka: Era impossível fazer este tipo de riffs nos Tara Perdida. Mesmo assim quando tenho hipótese, vou pondo. [risos] Se ouvires o «Luto», percebes que aquilo está *thrashado*, porque a revolta e a raiva que sentíamos também o pedia. Mas naquele contexto não dava para encaixar riffs à Slayer, era difícil. Agora nos Rasgo até a maneira de agarrar na guitarra acaba por ser diferente, não sei explicar. As músicas têm outra energia, outro poder, outro espírito. Com os Tara é 'bora lá fazer uma festa e dar alegria às pessoas. Com os Rasgo é 'bora lá destruir isto tudo.

E optam por continuar a cantar em português. Porquê?
Ruka: Não sabemos fazer de outra maneira. [risos] Claro que sabemos fazer de outra maneira e daqui a uns tempos, na altura certa, vamos tentar fazer a cena em inglês e ir lá para fora. O mercado aqui é pequeno.
Sarrufo: A ideia não é fazer inglês, temos de explicar isto bem. A banda é em português, essa é a nossa matriz, agora poderemos fazer como os Ratos chegaram a fazer, que é fazer uma versão do disco em inglês. Da mesma maneira que se pode traduzir um livro, podem traduzir-se as letras.

V**ocês exploraram o fenómeno da internet da melhor maneira e foram apresentando o vosso álbum com vídeos antes de o terem disponível para venda, um processo inovador e que teve óptimos resultados, não é verdade?**
Ruka: Fizemos o que ainda ninguém tinha feito cá. Sabíamos que tínhamos músicas boas na mão e sendo esse o caso, se olhares para o mercado, perceberes como está a funcionar e criares um plano certo, as coisas resultam. Foi o que aconteceu. As pessoas não vão deixar de ir aos nossos concertos por nós lhes darmos o álbum. Já tínhamos o Coliseu e a abertura para Slayer em mente. E não queríamos que fossem para lá ver-nos sem saber a nossa música. Então decidimos que lhes íamos dar as dez músicas em dez vídeos, com as letras, para entenderem a poesia, que é muito chamativa, tudo da forma mais brutal possível. Toda a gente nos diz que foi uma óptima ideia e nós sabíamos que ia resultar.

Ruka, entrevistei o Robb Flynn, dos Machine Head, para esta edição, e vocês os dois, além de algumas parecenças físicas, falam com uma paixão semelhante da música.
Ruka: Curto bué o Robb Flynn, mas a minha cena é James Hetfield e Gary Holt. Metallica e Exodus. Machine Head é bom, gosto do gajo, acho que tem uma grande voz e uma grande presença, mas eu sou mesmo do thrash puro. Sou um gajo muito intenso e só ando na música por paixão. Eu nos Tara Perdida ganho bem, mas estou lá desde o início e lutei muito para conseguir viver da música. Olha o Zé [Pedro, falecido guitarrista dos Xutos & Pontapés – a entrevista foi feita no dia do velório], vai ali no caixão [aponta para a televisão]... Custa-me bué, mas não fica cá ninguém. Temos de aproveitar. Perder um vocalista, o meu melhor amigo, foi a pior cena da minha vida. E se eu não tivesse seguido a música, provavelmente já não estava aí. Isto da música tirou-me daquele buraco horrível... Perder o Ribas foi mesmo a pior cena da minha vida.

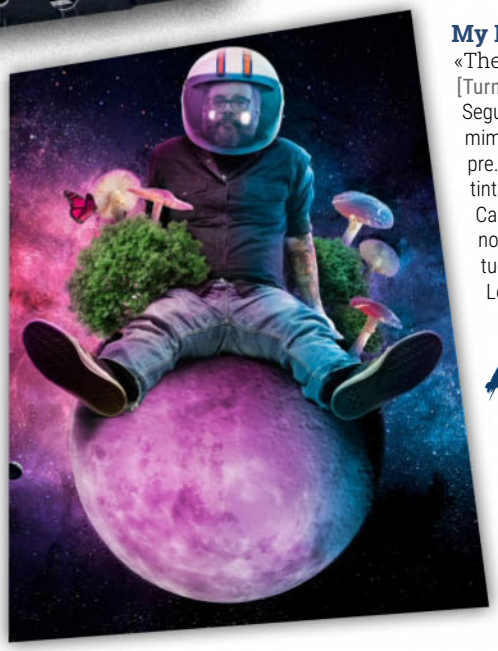
Os Rasgo foram uma catarse para ti?
Ruka: Os Rasgo funcionaram como a forma de sair daquele buraco. Na altura foram mesmo isso. Hoje em dia já vejo as coisas de outra maneira. Eu na altura ensaiava as músicas de raiva, mesmo em casa, quando tocava aquilo estava a deitar tudo cá para fora. Agora estou melhor, mas custa sempre. No entanto, quando agarro na Flying V a minha personalidade muda. É como se fosse uma caçadeira. Aquilo mete respeito e eu adoro que os Rasgo metam respeito.

E com os restantes membros também há esta química que vocês têm um com o outro?
Ruka: O Rações [baterista] já vinha dos Trinta & Um, era amigo do Sarrufo, e já estava habituado a ver plateia toda à porrada. O Paulo [Gonçalves, vocalista] e o Filipe [Sousa, baixista] são mais profundos no metal, aquele que já foge do thrash e que tem um público muito restrito. Acho que eles agora percebem que os Rasgo são uma banda diferente das que eles tiveram antes, que as pessoas que aqui estão têm visão, e que eles ao pé de nós estão no bom caminho.
Sarrufo: E trouxeram uma grande mais-valia...
Ruka: O Filipe é muito bom. Provavelmente, o melhor músico da banda...
Sarrufo: Sim, tecnicamente falando, sem dúvida.

Onde é que esperam chegar com os Rasgo?
Sarrufo: O mais longe possível. Somos ambiciosos.
Ruka: Sinceramente, espero que nos possamos divertir o mais possível com isto, porque isso é o mais importante. Que tenhamos uma amizade forte, todos na banda. Mas vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para meter os Rasgo no topo e vamos fazer de certeza mais um disco. Estou feliz com os amigos que fiz nesta banda, porque pensava que já não ia fazer mais amigos.

JOHNNY LEE

[MISS LAVA]



É naturalmente com nostalgia que recordo as minhas primeiras gravações, com cassetes quase sempre roubadas nos supermercados, porque nem sequer tinha dinheiro para as comprar. Ainda me lembro, com dez ou onze anos, como encostava um pequeno rádio Philips, com apenas um *deck*, à coluna da televisão e gravava o programa «Power Hour», que dava na RTP 2. No fundo, foi aí que tudo começou para mim, nem sabia o que era heavy metal, só sabia que gostava daquilo e como não conhecia ninguém que ouvisse este tipo de música, era desta forma, ou em programas em rádios pirata, como o Mensageiro do Massacre, Boca do Inferno ou o Lança-Chamas que fiz as minhas primeiras *mixtapes*. Estas escolhas são inteiramente dedicadas a esse tempo.

LADO A

Death
«Leprosy»
[Leprosy, 1988]

O primeiro álbum de death metal que ouvi na vida, a minha primeira cassete de metal mais pesado. Tinha apenas treze anos e lembro-me que era a banda mais pesada e mais diferente de tudo o que tinha ouvido até ali. O Chuck Schuldiner transformou-se no meu herói. Felizmente tive oportunidade de conversar com ele em Londres na digressão do «Symbolic» em 1995 e não desiludiu, foi provavelmente o músico mais simpático com quem já falei. O «Leprosy» é o segundo álbum dos Death, mas para mim será sempre o primeiro. É um álbum que ainda sei cantar praticamente todo de cor.

Slayer
«The Antichrist»
[Show No Mercy, 1983]

Este álbum era o lado B da cassete onde tinha o «Leprosy» e foi a minha introdução aos Slayer. Gosto muito de vários álbuns deles, mas não há amor maior que o primeiro e, para mim, foi amor à primeira audição. Adoro a produção crua, os "guinchos" do Tom Araya, os solos caóticos do Kerry King e do Jeff Hanneman, os primeiros toques do Lombardo e toda aquela semântica satânica que, apesar de não acreditar em nenhuma religião, sempre me cativou. «The Antichrist» é a canção que melhor representa o início da carreira dos Slayer.

Voivod
«Tribal Convictions»
[Dimension Hatröss, 1988]

Quando ouvi Voivod pela primeira vez em 1989, através do vídeo «Tribal Convictions», fiquei quase hipnotizado pelo som. Os Voivod sempre estiveram muito à frente do seu tempo e, para mim, representam a banda mais inovadora de sempre no metal. Começaram como uma banda de speed, trouxeram o cyberpunk para o thrash, passaram pelo progressive metal, depois pelo psychedelic rock, andaram pelo industrial e agora, se calhar, estão mais perto do stoner.

My Dying Bride
«The Crown Of Sympathy»
[Turn Loose The Swans, 1993]

Segundo álbum dos My Dying Bride e, para mim, a maior obra de doom/gothic de sempre. Um disco que transmite emoções distintas, todas fortes. Desespero, raiva, tristeza, força, saudade... Cada música é uma viagem emocional e é a minha banda-sonora preferida para descansar. «The Crown Of Sympathy» tem tudo isso, é a música que melhor define este álbum. «Turn Loose The Swans» é o disco que melhor define este género.

LADO B

Monster Magnet
«Negasonic Teenage Warhead»
[Dopes To Infinity, 1995]

Primeiro *single* do magnífico terceiro álbum dos Monster Magnet. O «Dopes To Infinity» foi o responsável por começar a ouvir coisas mais viradas para o rock. É, para mim, o grande hino do stoner e space rock. É o meu L.S.D., a música que mais me faz viajar.

Prong
«Prove You Wrong»
[Prove You Wrong, 1991]

Terceiro álbum dos Prong, um dos mais *underrated* de sempre. Tommy Victor conta aqui com a ajuda preciosa do baixista Troy Gregory, que vinha dos Flotsam And Jetsam, para compor o disco mais inspirado da sua carreira. Com algumas semelhanças com os Killing Joke, é neste disco que os Prong começam a introduzir na sua música alguma electrónica, alguns *samples*, piscando o olho ao industrial que os irá caracterizar mais tarde. Apesar de ser um disco altamente agressivo e pesado, é também o mais melódico deles.

Ministry
«Thieves»
[The Mind Is A Terrible Thing To Taste, 1989]

Falar de Prong e não falar de Ministry seria crime. «Thieves» funcionou como um "pontapé na cabeça", um "abre-olhos" para começar a gostar de industrial. Uma das músicas mais poderosas que já ouvi. É um *statement* contra a corrupção, num disco cheio de raiva. O «The Mind Is A Terrible Thing To Taste» é o quarto álbum dos Ministry, mas o primeiro onde o hardcore e o thrash são introduzidos, definindo aí o som da banda para os álbuns seguintes.

Corrosion Of Conformity
«Vote With A Bullet»
[Blind, 1991]

Fecho esta *mixtape* com um dos meus vocalistas preferidos de sempre, Pepper Keenan. A «Vote With A Bullet» é das minhas canções preferidas dos C.O.C e será sempre ainda mais especial porque, quando eles tocaram em Cascais em 1995, eu e o Rafael (dos Miss Lava) passámos a noite anterior ao concerto a jogar ***snooker***, a beber copos e à conversa com eles. Lembro-me do Reed dizer que, se eu levasse a mesma *t-shirt* que tinha vestida para o concerto, subiria ao palco. E assim foi! Num Dramático cheio, cantei mal e porcamente a «Rather See You Dead» (dos Legionaire's Disease Band) depois de, uns momentos antes, o Pepper ter apontado para mim e para o Rafael, que estávamos no *pit*, e ter dito algo do género "*This next song I want to dedicate to the guys that made me stoned and drunk last night... **«Vote With A Bullet»!***"

PHIL CAMPBELL AND THE BASTARD SONS, led by **the legendary long time MOTÖRHEAD guitarist**, have announced the upcoming debut album mixed and mastered at legendary Abbey Road Studios in London.

CD | LP IN GATEFOLD (INCL. 12-PAGE BOOKLET) | **DOWNLOAD**

IN STORES **26.01.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "RINGLEADER"

THE CLASSIC LINE-UP RETURNS!

Pepper Keenan | Woody Weatherman | Reed Mullin | Mike Dean

"Perhaps the best album Pepper Keenan has worked on in the last 20 years!"
ROCK TRIBUNE (B)

CORROSION OF CONFORMITY

NO CROSS NO CROWN

CD-DIGIPAK | 2LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD

IN STORES **12.01.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLES
"CAST THE FIRST STONE" AND "WOLF NAMED CROW"

"Ambitiously inspired by the myth of Hercules' Twelve Labors, Dutch masters **BLEEDING GODS** deliver the **symphonic death/black metal masterpiece** »Dodekathlon«, just what they needed to play on the same ground of **FLESHGOD APOCALYPSE**, **SEPTICFLESH** and **DIMMU BORGIR**." - ROCK HARD (IT)

ΔΩΔΕΚΑΘΛΟΝ

(DODEKATHLON)

CD | DOWNLOAD - IN STORES **12.01.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "FROM FEAST TO BEAST"

CHECK OUT!

OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE

More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-920626 - Fax +49 (0) 7162-26954 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:

WWW.NUCLEARBLAST.DE

WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!

Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!

EARTH ELECTRIC

Poucos dias depois de nos terem impressionado de sobremaneira com a sua actuação vibrante no recente Under The Doom, os EARTH ELECTRIC, que tiveram o seu disco de estreia, «Vol. 1: Solar» na nossa lista de melhores do ano, tiveram mais uma provação - sentarem-se para o desafio do LOUD! DJ. Foi metade da banda que se submeteu ao teste, nomeadamente, o bem conhecido guitarrista norueguês Rune Eriksen (Aura Noir e ex-Mayhem) e o baixista Alexandre Ribeiro (Grog, Neoplasmah). A veemência com que costumam debitar o seu rock invulgar e expansivo foi a mesma com que foram desbastando obstáculo atrás de obstáculo sonoro.

CRIPPLED BLACK PHOENIX

«Rise Up And Fight»
Do álbum «A Love Of Shared Disasters» [2007]

Não só *label mates* dos Earth Electric na Season Of Mist, mas também parceiros de uma digressão recente (onde tiveram ainda a companhia de Jonathan Hultén, dos Tribulation, a solo) revestida de sucesso. Será que os nossos convidados foram prestando atenção aos concertos do *headliner*?

***Rune*:** Não faço ideia, para já! Mas estou a gostar. Soa-me familiar.
***Alexandre*:** [quando entra a guitarrada mais vigorosa] É Crippled Black Phoenix! É o tema de abertura dos concertos deles. Abriram todos os *sets* com isto.

***Rune*:** Era embaraçoso se não tivessemos adivinhado esta. [risos]
Foi bom andar na estrada com eles?
***Alexandre*:** Foi fantástico. A prova é que queria sempre ver o concerto deles. Todos os dias! A música deles é incrível, não cansa. Ao fim de uma semana de *tour* com bandas de death metal, normalmente já não aguento ouvir nenhuma. [risos] Com estes tipos, nunca me aconteceu.
***Rune*:** São uma banda muito consistente… É uma consistência estranha, até. No bom sentido!
O que é curioso, porque já tiveram muitas mudanças de formação.
***Rune*:** É verdade. Por acaso soube algumas coisas interessantes sobre esses "problemas"… mas não posso contar. [risos]
Notas algum paralelo entre eles e os Earth Electric, não tanto musicalmente, mas em termos de aproximação e de *feeling*?
***Rune*:** Percebo que se estabeleçam alguns, sim. Acho que eles têm uma faceta mais prog, mais relaxada, e nós somos mais "inquietos"… mas no geral percebo algumas semelhanças, claro. Apesar de tudo, e agora depois de trabalhar mais próximo deles, continuo a achar que há um mundo de diferenças entre nós.

DEEP PURPLE

«Johnny's Band»

Do álbum «Infinite» [2017]

Sendo o Rune, na sua génese, um *rocker*, qualquer tema dos Deep Purple que lhe tocássemos iria ser provavelmente fácil demais. Resta-nos então ir buscar o mais recente trabalho dos veteranos britânicos, que foram capa da LOUD! há alguns meses atrás.

***Rune*:** [assim que entra a voz] Deep Purple! Assim que se ouve o Ian Gillan, percebe-se logo. Mas isto é recente, não é?

Sim, é do disco novo.

***Rune*:** Tem uma voz inconfundível. Por acaso nunca gostei muito da versão da banda com o Steve Morse. Se calhar é só porque sou velho, amargo e rancoroso. Nah, não sou amargo. Sou só velho! [risos]

Mas consideras uma influência?

***Rune*:** O Ritchie Blackmore, acima de tudo. Acho que já foi numa fase avançada da minha carreira que me apercebi o quão grande é essa influência. Ele é de facto um génio, é um personagem muito peculiar também.

Gostas de Blackmore's Night também?

***Rune*:** Sim, sim, também. Não tanto das últimas cenas, mas os dois/três primeiros discos são muito bons. Tem que se estar nesse estado de espírito para os apreciar, mas são fantásticos. Eu estou aberto a tudo, não me importo nada de ver gajos de *collants*. [risos]

Falando de forma mais geral, o hard rock dos anos 70 é a tua base enquanto músico e enquanto fã também, não é?

***Rune*:** Sem dúvida. Os Kiss, os Black Sabbath, os Judas Priest. É por aí. Aqueles vídeos que davam na televisão... quando se tem oito ou nove anos de idade, isso tem algum efeito sobre nós.

MAYHEM

«Psywar»

Do álbum «Esoteric Warfare» [2014]

Pronto, vamos lá tirar o elefante da sala de uma vez. Claro que sim, o Rune foi o Blasphemer dos Mayhem durante catorze anos, por isso alguma referência tínhamos que fazer a esse período. Porque o LOUD! DJ é ardiloso, escolheu um tema do álbum posterior à era Blasphemer, para ver se o guitarrista tem acompanhado os seus antigos companheiros.

***Rune*:** [com um sorriso imediato] É Mayhem, do mais recente, claro. Fiz uma pequena pausa, porque ao princípio pareceu-me que podia ser a «Anti», do «Ordo Ad Chao», foi aquela cena, "*será que isto sou eu?*" [risos]

Ainda pensámos em tocar algo antigo, mas isso seria mais óbvio ainda.

***Rune*:** Confesso que estava meio à espera disso, de uma «Freezing Moon» ou algo do género, assim teve mais piada. [risos] Claro que já ouvi este disco, este foi um dos temas de avanço, não foi?

Foi mesmo o primeiro *single*, sim. Primeiro e único, aliás.

***Rune*:** Pois, tenho o álbum, mas não acompanho muito a banda, tenho que ser sincero. Não por serem os Mayhem, não tenho problema nenhum em ouvi-los, é mesmo porque já não ouço muito black metal, já não me interessa muito. Se há alguma coisa extraordinária, que me chegue aos ouvidos, ouço, sim, mas é preciso muito para me captar a atenção dentro deste estilo, hoje em dia. Acho que é natural, depois de se fazer a mesma coisa durante tanto tempo, ter algum afastamento a seguir.

Esgotaste um bocado a tua paciência para o género?

***Rune*:** Acho que é mais uma questão de tudo se mover em ciclos. Não estou propriamente cansado de ouvir black metal, ainda ouço os clássicos com alguma frequência. Não necessariamente os Mayhem [risos], mas sim, ouço com gosto muita coisa antiga deste estilo.

THE SMASHING PUMPKINS

«Heavy Metal Machine»

Do álbum «Machina/The Machines Of God» [2000]

Sim, o Billy Corgan cada vez mais dá provas de ser uma pessoa execrável, mas façamos um esforço para dissociar a arte do artista, e a verdade é que os Smashing Pumpkins deixaram um percurso discográfico notável. Reconhecido até por guitarristas de peso superior, como é o caso, como influência importante.

***Rune*:** [imediatamente] São os Smashing Pumpkins, «Heavy Metal Machine»!

É talvez o nome que salta mais à vista naquela pequena listinha de influências que os Earth Electric têm no Facebook.

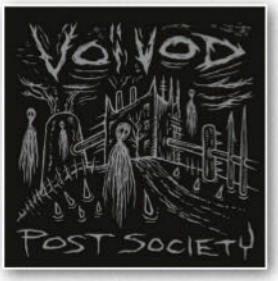
***Rune*:** Compreendo isso, mas a verdade é que eles eram uma grande banda. Tinham ali uma *vibe* muito escura, vendo bem. Este disco é excelente. Diria que está nos meus... 100 discos favoritos de sempre.

Sim, não nos entusiasmemos demasiado, também. [risos]

***Rune*:** [risos] Pois, calma! Mas acho mesmo que é um álbum incrível. Ele tem uma voz invulgar, meio nasal, que de alguma forma resulta. Era uma banda que tinha mesmo aqui qualquer coisa de único.

***Alexandre*:** É pena que agora são gordos e preguiçosos! A música é gorda e preguiçosa, que é pior.

***Rune*:** Ouvi algumas coisas que ele pôs no YouTube noutro dia, umas canções a solo só com guitarra acústica, e aquilo era terrível. Aliás, acho que este disco foi o último mesmo bom que fizeram.



VOIVOD

«Silver Machine»

Do EP «Post Society» [2016]

Há uma pequena maldição com os Voivod no LOUD! DJ, de alguma forma é raro serem adivinhados quando os tocamos, mesmo por fãs da banda. Como também queríamos tocar uma malhina de Hawkwind aos nossos convidados deste mês, resolvemos juntar as duas coisas. Vamos ver se adivinham tudo, ou se a maldição dos Voivod se mantém.

***Rune*:** [quando é cantado o nome do tema] *Silver machine*? Pois, isto é um tema dos Hawkwind. Mas não são eles.

Pois não. Já tens metade!

***Alexandre*:** Acho que não chego lá.

***Rune*:** Eu também não, fico-me só pelos Hawkwind. Quem são?

São os Voivod! A maldição continua!

***Rune*:** Voivod, a sério? Não sabia que tinham feito esta versão. O Snake também "torceu" aí um bocado a voz, não soa ao habitual estilo dele. Mas pronto... o que é que eu posso dizer dos Voivod que não tenha já sido dito? Tiveram um impacto enorme em mim. Acho que não gostei deles logo ao princípio, foi mais quando a «Tribal Convictions» começou a rodar regularmente na MTV que fiquei impressionado. Perdi-os um bocado com a era do Eric Forrest, apesar de termos aberto para eles em Oslo, com os Aura Noir.

O que faz sentido... Há algo de Voivod nos Aura Noir, não há?

***Rune*:** Sim, vários traços aqui e ali, sem dúvida. São uma banda totalmente única.

E os Hawkwind?

***Rune*:** Acho que as pessoas precisam de ouvir mais os Hawkwind, acho que isso resume tudo! [risos] É um bocado o oposto do que fazemos com os Earth Electric... enfim, não é o oposto, mas é muito diferente. É *space music*. É algo que adoro, acho que nunca ninguém fez isso melhor.

SUCHI RUKARA

«J. Edgar Hoover»

Do álbum «Equation» [2008]

Originalmente, o baterista dos Earth Electric, o Ricardo Martins, também era para participar na sessão, tendo sido impedido por um contratempo de última hora. Se já planeávamos tocar algo de uma das suas antigas bandas, então agora é totalmente irresistível fazê-lo, para ver o que os seus actuais colegas acham *mesmo* do seu passado musical.

Isto vai ter piada.

***Rune*:** Ok... isso é alarmante! [risos]

***Alexandre*:** Converge antigo? Não sei...

***Rune*:** É uma banda antiga?

Sim, não é antiga-antiga, mas já lá vai uma década. E são portugueses.

***Rune*:** A sério? Que coisa... Já vivia aqui nessa altura... Mas não conheço.

***Alexandre & Rune*:** [simultaneamente] Mas é uma merda! [risos]

O vosso baterista vai adorar saber!

***Alexandre*:** [risos]

***Rune*:** [risos] Já não estão activos, pois não? É muito engraçado. É a primeira vez que ouço isto.

Não foi então por causa desta banda que o foram recrutar.

***Alexandre*:** Não, não. [risos] Ele tinha várias bandas deste género há uns anos atrás, e era sempre isto, odeio as vozes.

***Rune*:** Parece aquelas bandas britânicas de punk mais moderno, pensei em Gallows e essas coisas assim. Consigo totalmente imaginá-lo a tocar isto, a verdade é essa!

NA CRISTA DA (BOA) ONDA!

Quente e intemporal, é assim o hard rock que os noruegueses AUDREY HORNE andam a servir desde que se juntaram em 2002. O que começou como uma mera brincadeira entre elementos dos Enslaved e Sahg ganhou rapidamente reconhecimento. Três anos após o muito louvado «Pure Heavy», «Blackout» chega agora aos escaparates com uma força tremenda. Segundo o vocalista Toschie, é a banda-sonora perfeita para uma enorme festa de rock'n'roll.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

A «This Is War», canção de abertura e que escolheram para apresentar este disco, não é a típica canção dos Audrey Horne.
Não é, de facto. Tem dois ou três minutos de solos, quase sete minutos de duração total. É giro porque, quando a escrevemos... Em determinada altura do tema, o Tomas [Tofthagen, guitarrista] faz um solo e depois há uma melodia mais calma, seguida de outro solo. Nós estávamos sentados no estúdio com o Kato, que é o produtor, tínhamos acabado de ouvir as *demos* e perguntámos-lhe se não achava que a canção tinha demasiados solos. Acho que não estávamos certos do que fazer. Será que o segundo solo era mesmo necessário?! Ele olhou-nos de soslaio e disse que, na verdade, achava que ainda precisávamos de mais um solo. [risos] Basicamente, deu-nos força para irmos *all the way* e acabámos por fazer aquilo que, no contexto dos Audrey Horne, é quase como um épico. E acho fixe abrirmos o disco com uma canção longa, porque não é o que as pessoas vão estar à espera. Acho que, de certa forma, vai obrigar o ouvinte a prestar atenção.

Mais *cool* é perceber que, ao quarto longa-duração, não há inibições a nível criativo.
Para nós as canções devem ir até onde o som as manda, por assim dizer. Quando demos a «This

Is War» como terminada, a questão da duração nem sequer se pôs, porque o que mais importava era o que sentíamos. Se estamos satisfeitos, se achamos que é um bom tema, está tudo bem. Eu sei que é um *cliché* dizer isto, mas sinto que só moldamos as canções, porque o som está lá, tem vida própria. Nós canalizamos a energia, só isso. É verdade que, às vezes, analisamos muito o que fazemos, queremos ter a certeza que as peças estão todas no sítio. Não queremos tocar aquela parte apenas para nos divertirmos. Se percebemos que está a mais, vai para o lixo, mas neste caso em particular achámos que sim, que a canção precisava de ter sete minutos e todos aqueles solos. Pode até nem ser o nosso tema mais directo, mas tem uma força do caraças.

As canções são compostas na sala de ensaios?
Geralmente, o Ice Dale, o Thomas ou o Espen [Lien], que é o nosso baixista, são quem surge com as ideias. São eles que criam os riffs, às vezes aparecem na sala de ensaios com esboços para os temas, que tanto podem ser um verso como um refrão ou só uma melodia. Mostram-nos o que têm e, depois, construímos as canções juntos, por isso damos todos contributo para o resultado final. O Espen traz os seus ritmos, tem ideias para os *grooves*... Tudo isso. Pode dar-se o caso de uma pessoa escrever o resto de um tema que surgiu de uma ideia de outra pessoa. Somos mesmo uma banda muito democrática, fazemos tudo juntos, desde a escolha dos temas ao alinhamento do disco, passando pela arte gráfica, discutimos tudo.

É produtivo trabalhar assim?
Nem sempre, às vezes custa-nos muitas discussões. Em oposição a uma banda com os Enslaved, por exemplo, em que o Ivar tem a visão e escreve a maior parte da música, no nosso caso há cinco tipos diferentes com a visão, por isso às vezes as coisas tornam-se mais difíceis de gerir. Claro que discutimos imenso e, às vezes, pode parecer que não são boas discussões, mas acabam por dar sempre algum resultado. Há sempre alguém que cria a centelha, mas no final as canções são de todos.

Nunca se arrependeram de uma dessas decisões democráticas?
Já. Houve ocasiões em que a maioria votou uma ideia e, posteriormente, percebemos que havia outras opções que podiam ter funcionado melhor. Às vezes somos quatro a achar que uma ideia é fantástica e o quinto não está convencido, vamos sempre pela maioria. Às vezes, dá merda. [risos] A ideia dos quatro era a pior. Numa ocasião dessas, se tivéssemos dado ouvidos à oposição, tinha sido melhor, mas nunca se sabe... Apostamos sempre no cavalo em que mais acreditamos, não é? Às vezes ganhamos, outras não.

A idade ajuda a gerir toda essa democracia?
Sim, claro que sim. A idade ajuda sempre... ou quase. Estamos todos muito mais descontraídos, é óbvio. Tenho a certeza que, há uns anos, teria saltado da cadeira num ápice em muitas ocasiões. Digamos que me saltava a tampa com mais frequência. [risos] Uma pessoa era muito mais *gung-ho* em relação a tudo, agora damos o braço a torcer com mais frequência e facilidade. Há ocasiões em que, se acho que não estamos a fazer a coisa certa, luto com unhas e dentes para fazer valer a minha opinião, mas há algumas coisas que me são meio indiferentes.

"O pessoal, quando compra um disco nosso ou vai aos concertos, quer é distrair-se. Curtir o rock'n'roll, fazer a festa."

Há sete anos que não mudam de formação...
É verdade, desde 2010 que não fazemos mudanças. E é curioso, porque temos uma relação muito próxima também fora da banda. Saímos, vamos beber uns copos, vamos jantar e fazemos muitas coisas todos juntos. Somos bons amigos, basicamente é isso. E sim, até podemos discutir às vezes no estúdio, mas depois quando estamos em digressão ou a ensaiar, corre sempre tudo às mil maravilhas. O que nos une? Era isso que ias perguntar?

Era, sim.
[risos] Acho que o facto de gostarmos tanto de fazer isto juntos, acima de tudo. Às vezes alguém pode começar a sentir o peso da estrada, porque as coisas não estão a correr muito bem ou até porque a ressaca está terrível, mas não passa disso... Estamos lá sempre uns para os outros.

Estivemos a falar de democracia e pareces ter uma visão de como funcionam as coisas em termos políticos, mas preferes deixar esses assuntos fora das tuas letras. Porquê?
Não sei, *man*... Sinceramente. Nós não somos uma banda política. Às vezes acho que os músicos deviam ter um papel mais activo no que toca à forma como o mundo anda, mas por outro lado zango-me sempre que penso nisso e é uma energia que não quero passar na música que fazemos. Política não se mistura, de todo, com a atmosfera que queremos transmitir. E, convenhamos, eu não sou o Bob Dylan, por isso... [risos] A sério, não acho que se enquadre, o que fazemos nunca seria um bom veículo para falar de assuntos sérios, porque *it's only* rock'n'roll. Inicialmente tinha uma letra bastante mais zangada e séria para a «This Is War». Era, de certa forma, mais política. E não é que o resto da banda não queira que embarquemos por essa direcção, mas não é isso que a música pede. Por muito que me custe, e sinceramente não custa assim tanto, na nossa música o som das palavras vale mais que propriamente o significado. O pessoal, quando compra um disco nosso ou vai aos concertos, quer é distrair-se. Curtir o rock'n'roll, fazer a festa. Nós estamos aqui para lhes proporcionarmos isso.

TRAGÉDIA FAROENSE

Se a Islândia já nos parece menos remota com a quantidade (e qualidade) de bandas que daí têm aparecido, já as Ilhas Faroé ainda mantêm aquela *vibe* exótica e longínqua. Dito isto, a elegância do doom fúnebre dos sempre bem vestidos HAMFERÐ seria aclamada fosse qual fosse a sua origem – afinal, a tragédia é universal, e o novo álbum «Támsins Likam» assim o comprova. Ou será que não? Conversámos com o guitarrista Theodor Kapnas e com o vocalista Jón Aldará.

JOSÉ CARLOS SANTOS

A vossa biografia no Facebook ainda prevê o «Támsins Likam» a ser editado "em 2016". Parece que houve aí algum atraso, portanto…
Theodor: É verdade… As primeiras ideias musicais concretas para o disco remontam já a quatro anos atrás, quando estive na casa de campo da minha avó na Finlândia durante umas semanas. Fui para lá mesmo com o intuito específico de escrever música nova para os Hamferð. Desde então, foi um processo longo. O nosso baterista Remi mudou-se para a Dinamarca entretanto, o que fez com que tivessemos que efectuar a transição para a escrita musical com computadores, ou seja, muita desta música nova não é tão fruto da sala de ensaios como era habitual connosco. Esse e outros acontecimentos de ordem pessoal fizeram com que o álbum tenha aparecido bastante mais tarde do que esperávamos. Apesar de tudo, temo-lo pronto há mais de um ano, mas soubémos esperar até termos as condições que achamos certas para o editarmos, que acho que encontrámos agora com a Metal Blade. Como poderás imaginar, estamos muito entusiasmados por finalmente ter o disco cá fora.

Fui apresentado ao Jón no festival islandês Eistnaflug, há muitos anos, em 2011. O vosso concerto nessa altura já foi muito bom, mas é curioso ver o que a banda evoluiu entretanto. Tinham ideia de que seria possível conquistar o que conquistaram entretanto, assinar pela Metal Blade, tocar na maior parte dos festivais importantes da Europa, tudo isso?
Jón: É verdade, lembro-me muito bem disso! Fizemos uma pequena digressão pela Islândia e pelas Ilhas Faroé com os Skálmöld, e esses na Islândia foram os nossos primeiros concertos fora do nosso país. Já tínhamos algum reconhecimento importante "em casa", e estávamos mesmo a começar a ser conhecidos noutros sítios. Tenho que confessar que sempre tivemos muita confiança na qualidade da nossa música e do nosso conceito, mas por outro lado também sempre tivemos os pés firmemente assentes no chão no que diz respeito a ambições de carreira. Sabíamos que queríamos chegar o mais longe possível, mas nunca discutimos especificamente nenhum objectivo em especial. Ou seja, se tivesse tido uma visão em 2011 sobre o momento que vivemos hoje em dia, certamente teria ficado muito satisfeito, mas também teria dito algo como "*claro!*" [risos] Sei que soa um bocado convencido, mas sempre foi esse o plano.

Como é que descreverias a forma como o som da banda tem evoluído ao longo dos anos?
Jón: Acho que a resposta mais óbvia é de que temos melhorado imenso em termos de composição, tanto de canções como de álbuns. É inevitável quando se escreve música de forma contínua. Muito poucas pessoas permanecem exactamente iguais na forma como pensam sobre música e arte, por isso nos nove anos que já passaram desde a formação da banda, os nossos gostos evoluíram, tanto no que diz respeito à composição em si, como também na produção e na arte visual. Temos melhor noção de todas estas coisas, e aprendemos muito sobre como atingir os resultados que queremos. Para responder de forma simples – temos ficado melhores em todos os aspectos. Se bem que alguns fãs antigos podem discordar dessa afirmação. [risos]

Theodor, sempre produziste e gravaste todos os discos dos Hamferð, mas desta vez a mistura esteve a cargo do bem conhecido Daniel Bergstrand. Sentiste que a banda precisava de um *upgrade* nesse aspecto?
Theodor: Foi uma tarefa tão gigantesca escrever e gravar o álbum, que achei que não tinha uma perspectiva fresca o suficiente sobre ele para poder fazer a mistura que elevasse a música a todo o seu potencial. Já estávamos bem avançados em todo o processo criativo quando me apercebi que não queria mesmo terminar o álbum sozinho. Já conhecia o Daniel, falei com ele sobre a possibilidade, e ele mostrou-se muito interessado. Sou um grande admirador do trabalho dele, temos gostos semelhantes em termos de produção musical, e acabei por passar uma semana no estúdio dele em Uppsala, na Suécia, a acompanhar as misturas. Ele tomou algumas decisões que eu definiria, no mínimo, como "corajosas" [risos], mas o resultado final fala por si. Ele tem uma forma incrível de fazer com que as qualidades musicais de um grupo brilhem, que se tornem no foco principal, sem que certos sons ou técnicas de produção sejam aparentes.

Este disco é também o último capítulo na vossa trilogia temática "inversa", ou seja, conhecemos agora o princípio da história finalmente.
Jón: É isso. A história tem, desde o nosso primeiro EP, «Vilst Er Síðsta Fet», sido centrada num personagem principal – um homem arrasado pela culpa por causa do destino da sua família. O EP lidou com os seus últimos momentos e as tentativas de aceitar as escolhas que fez em vida. No nosso longa-duração de estreia, o «Evst», traçámos os eventos que levaram à sua morte – a busca pelo filho perdido numa viagem pelas montanhas, o encontro com um povo misterioso e o encarar dos seus demónios internos. Finalmente, agora, no «Támsins Likam», temos as origens do personagem. Ele e a mulher perderam um filho, por doença, e o homem é incapaz de ficar com ela no período de angústia. Ela procura conforto noutro lado, e começa a encontrar-se com uma figura misteriosa que lhe mostra belos sonhos e visões de um futuro luminoso, e a trama evolui a partir daí. Ou seja, este disco é muito especial neste aspecto, porque explora exactamente as partes que faltavam à história, e que acho que são muito importantes. É uma espécie de capítulo final, onde se descobre porque é que tudo começou e porque é que foram feitas algumas escolhas. Acaba por ser uma história muito pessoal para mim, e este capítulo em particular reflecte muito da minha vida actual.

De certeza que vos perguntam isto constantemente, mas é inevitável, dado o grau de ligação que a vossa música tem com a cultura do vosso país. Acham que a música que fazem é indissociável das vossas origens geográficas?
Jón: Acho que sim, e aliás, tentamos conscientemente escrever de uma perspectiva faroense, usando o nosso ambiente e a nossa cultura como fundação do som. Esperamos que isso nos dê algo único, mas ao mesmo tempo claro que não somos imunes às influências dos artistas de que gostamos. Construímos o nosso som originalmente com fundação assente no death/doom dos anos 90, e essa matriz ainda se mantém de certa forma, se bem que muito menos directamente. Mas no final de contas, acredito que os Hamferð não pudessem existir sob esta forma fora das Ilhas Faroé, a ligação é umbilical. Pelo menos gostamos de pensar que é. [risos]

"Tentamos conscientemente escrever de uma perspectiva faroense, usando o nosso ambiente e a nossa cultura como fundação do som."

ALMA NOVA

Com o disco de estreia tornaram-se um dos nomes de ponta do metal nacional, numa altura em que este possuía outro protagonismo mediático. Infelizmente, a turbulência interna levou a um encerrar de actividades, reaberto há cerca de uma década, seguido de nova turbulência. «The Trinity Threshold», editado em fins de 2017, pretende ser a passagem para um futuro mais seguro, como afirma o baixista António Gião, alma do colectivo.

EMANUEL FERREIRA

Entre o «Rebirth» e este «The Trinity Threshold», passaram-se cinco anos e várias formações.
O «Rebirth» saiu pela Massacre Records, numa altura em que tínhamos uma formação que permanecia desde a reunião em 2006, só mudando de teclista após a gravação do álbum. Tivemos alguns concertos promocionais, abrimos o festival de Vagos, e no ano seguinte tivemos alguns problemas de formação. O teclista saiu, fizemos trabalho de composição, e em 2014, saiu o Sérgio Paulo, por motivos pessoais. Nessa altura ponderámos mesmo o final da banda, pois as audições para guitarrista não estavam a correr bem. A entrada do Bruno Vicente foi uma lufada de ar fresco que nos permitiu dar concertos e pensar de novo em compor o disco, agendando o estúdio para 2016, mas a saída do José Costa obrigou a mudar tudo. A formação que gravou acabou por ser uma solução de recurso – o Octávio Custódio já tinha experimentado o lugar como vocalista e por isso tentámos com ele, para não atrasar a gravação. Ele já não cantava há quase dez anos, desde o final dos Moléstia. Em menos de um mês, tratou das letras todas e pensou numa dinâmica diferente para as vozes. Ficámos bastante satisfeitos quer com a bateria, quer com as vozes.

Visto de fora, sendo tu o elemento comum a todas as formações, podia pensar-se que controlasses todo o processo.
Com a entrada do Bruno, foi ele que se propôs à audição, o que mostra o seu empenho com Disaffected, ele ficou com as composições, revelando-se um bom elemento para o grupo. Já antes tínhamos falado de mudar a estrutura dos temas, tornando-os mais simples, sem com isso descurar o estilo do grupo, o death prog. Não queríamos canções básicas, mas sim com mais pontos de referência para as pessoas, mais melódico em algumas partes. O Sérgio estava de acordo com isso, e o Bruno também concordou, e à medida que ia compondo as linhas de guitarra e eu as de baixo, fomos trocando ideias e percebendo que estava dentro do que queríamos. Servi de transição para não se perder a identidade da banda, e creio que o Bruno encarnou bem a ideia, com as suas composições a irem de encontro ao que queríamos para os novos temas. A Filipa Alçada também contribuiu bastante a nível de teclado.

De certa forma, criaram um *update* para um som de banda com quase 30 anos.
Faz 30 em 2021, mas sim, tentamos estar todos sempre actualizados e acompanhar as novas tendências e estilos musicais. É sempre bom ouvir tudo, quisémos manter o estilo Disaffected, não pensámos em descurar isso e creio que o novo álbum, mesmo para quem conhece as coisas antigas, não foge muito à matriz da banda. Talvez fuja um pouco do experimentalismo, daquela incerteza sobre o que se irá passar na música, e quem gosta disso pode ficar menos satisfeito, mas no geral não há um estilo completamente diferente do que se fazia antes. Quando falo em *listener-friendly*, não é no sentido de fazer o que se ouve agora, mas dar mais pontos de referência às pessoas, ao longo da música. A pessoa ouve o álbum pela primeira vez e não será preciso escutar dez ou quinze vezes para o encaixar e absorver, é nesse sentido. Também ao contrário do "Rebirth", um disco conceptual, aqui temos várias histórias que não estão ligadas. Acontecimentos da humanidade, também, por exemplo, a queda de Constantinopla, e isso reflecte-se um pouco na capa do álbum, ou seja, a imagem da poeira e destruição representa o peso da história, de vários quadrantes que não estão ligados, mas que marcaram. Com esse peso, há o contraste da planta verde, que representa a esperança, que aparece numa música como «Pórtico». Isso é também uma alegoria da história da banda e do seu momento actual, em que a parte árida e de caos representa os últimos anos do grupo até um passado muito recente, em que tivemos imensos problemas, enquanto a planta verde simboliza os novos elementos, a renovação e o futuro. O próprio nome do disco, a fronteira da trindade, significa isso. *Trinity* representa o terceiro estágio da banda, *Threshold*, a fronteira, representa aquele ano de 2014 em que Disaffected esteve para terminar e renasceu pela terceira vez, e o futuro que se apresenta agora.

Como tens conseguido manter um projecto com diversas mudanças de formação e um quase contínuo pára/arranca?
Basicamente, tenho sido a âncora disto tudo, passe o auto-elogio, pois Disaffected não é a banda do Gião, embora em diversos períodos tenha sido isso, pois tenho segurado as pontas com o meu amor por ela, que tento transmitir e contagiar às pessoas que chegam. O Octávio não precisa, pois tem tanto amor e apego ao grupo como eu, mas os novos elementos, tenho tentado contagiá-los. O Manuel Teles, que entrou agora para a bateria, já era fã e pode dizer-se que a formação nunca esteve tão coesa. Foi difícil, mas neste momento estamos aí e para continuar para mais álbuns.

Reeditaram «Vast», através da vossa editora actual, em 2015.
Sim, foi uma edição especial, através da Chaosphere, comemoração dos vinte anos do álbum, com a maqueta gravada antes do disco, junto com a *cover* de Slayer, «Seasons In The Abyss», gravada para a «Slatanic Slaughter II», que reunia nomes como Anathema, Vader e Cradle Of Filth. Foi um trabalho que resultou bem e fizemos até uma tournée ibérica a propósito disso. Foi uma reedição bastante positiva.

Quando se tem uma carreira em que se participa numa colectânea como a «Slatanic Slaughter II» e um disco editado pela Massacre, como «Rebirth», que expectativas se possuem para um disco novo?
O padrão actual não está fácil, muitas bandas fazem *tours* das quais não se podem esperar grandes retornos financeiros, por vezes até com prejuízo. O «Trinity...» ficou gravado em Janeiro, com o Fernando Matias, grande produtor, com experiência, conhecedor da banda. Ficámos muito satisfeitos com o produto final. Agora saiu o disco, vamos começar a promoção e gerir as coisas com os nossos trabalhos pessoais. Apostámos bastante no nosso *management*... vamos agora ver que ofertas irão surgir.

"Threshold, a fronteira, representa aquele ano de 2014 em que Disaffected esteve para terminar e renasceu pela terceira vez."

QUARTETO FANTÁSTICO

Depois de alguns anos de regresso nostálgico às suas raízes punk, voltam os CORROSION OF CONFORMITY do rock, com Pepper Keenan a tomar o seu posto novamente. Dizer que estamos entusiasmados é pouco, e podemos dizer-vos que o baterista Reed Mullin partilha igualmente da excitação.

JOSÉ CARLOS SANTOS

A pergunta sacramental – como é que decidiram voltar a esta formação, com o regresso do Pepper à banda?
Para ser mais fácil, vou já dar-te o *background* todo da história até agora! [risos] Ora bem, eu deixei de tocar com a banda durante um bocadinho, uns dois ou três anos, ali no princípio dos anos 2000. Entretanto os Down tornaram-se enormes, e começaram a fazer *tours* por todo o mundo. Os C.O.C. decidiram então fazer uma pequena pausa também, pelo menos a versão da banda com o Pepper Keenan. Depois disto tudo, o Woody [Weatherman, guitarrista], que, já agora, eu conheço desde que

"Quando o Pepper voltou, nem precisámos de tempo nenhum para nos reajustarmos.

tínhamos dez anos de idade, o Mike Dean e eu decidimos juntar-nos outra vez e tocar durante algum tempo temas da era mais hardcore/punk da banda. Houve muita gente que não teve oportunidade de nos ver nessa altura… aliás, há muita gente que nem sequer era nascida! [risos] Gravámos um par de discos, como toda a gente sabe, demos muitos concertos nesse formato, especialmente nos Estados Unidos e no Canadá, alguns na Europa, e infelizmente nunca chegámos a ir a Portugal nesse período… Durante todo esse tempo, eu e o Pepper andávamos a conversar em "segredo" sobre regressar ao formato de quarteto, porque tínhamos de facto muitas saudades de tocar um com o outro. E também porque queríamos ver o que é que as pessoas ainda achavam dessses C.O.C.!

Achas que há muita gente que possa ter uma ideia errada da banda, é isso?

Vou pôr as coisas desta maneira – se os C.O.C. tivessem aparecido com o «Deliverance» uns dois ou três anos mais tarde, tínhamos sido muito maiores. Éramos nós, os Kyuss e os Monster Magnet que estavam a fazer esse estilo de som pesado, basicamente, e acho que as pessoas só aderiram em massa a esse tipo de coisa algum tempo depois. Mas pronto, para continuar a história, basicamente eu, o Mike Dean e o Woody decidimos dar uma pausa na versão trio da banda. Foi giro de fazer, foi nostálgico, divertimo-nos muito, mas tínhamos vontade de regressar ao nosso quarteto com o Pepper, que por volta dessa altura também ficou mais livre, com mais disponibilidade. Marcámos então uma *tour*, só mesmo para ver o que as pessoas ainda achavam de nós. Se nos queriam ver, se ainda éramos relevantes, se ainda éramos bons naquilo… e também para ver se nos conseguíamos aturar! [risos]

Pois, isso é importante…

É muito importante! É como te disse, conheço o Woody desde os anos 70, o Mike Dean desde 1981 e o Pepper desde 1985… de certeza que já toda a gente ouviu a expressão de que estar numa banda é um bocado como ser casado, só que és casado com um monte de pessoas em vez de só com uma! [risos] E pronto, lá nos juntámos, demos uns concertos, e foi incrível. Demo-nos melhor que nunca, divertimo-nos tremendamente, e esgotámos todas as salas onde tocámos. O público estava doido! Todas as noites quando tocávamos a «Albatross», eles conseguiam fazer mais barulho que nós! Portanto, correu tudo bem. Só faltava uma coisa, que era material novo… nunca falei disso com nenhum deles, para não haver essa pressão, mas quando nos juntámos outra vez eu tinha mesmo essa intenção. Durante a *tour*, fui tendo algumas conversas com o Monte Conner, que foi da Roadrunner muitos anos e agora é da Nuclear Blast aqui nos Estados Unidos, conhecemo-nos há muito tempo e ele é um grande amigo da banda. Quando regressámos da estrada, basicamente tinha alinhavado um contrato fantástico para nós, mesmo muito bom. A certa altura, ele disse-me uma das coisas mais bonitas que alguém já me disse sobre a banda – disse-me que o «Deliverance» não só é o disco favorito dele dos C.O.C., mas também é um dos discos favoritos dele, ponto final! Fez questão de nos assinar para a Nuclear Blast, estamos a ser muito bem tratados, e estamos a adorar.

O «Deliverance», ou até o «Wiseblood», foram usados como exemplos para a composição deste disco? Quiseram voltar a captar aquela magia?

Não, não particularmente, para ser honesto. Mas chegamos lá sem pensar nisso… É a forma como tocamos juntos, é assim que a música "escorre" para fora de nós os quatro. Nada foi forçado, tudo aconteceu muito naturalmente, tudo muito orgânico. O facto de nos conhecermos há muito tempo é uma vantagem para nós agora, conhecemos perfeitamente a personalidade de cada um, incluindo a nível musical, por isso tudo é extremamente confortável. Aprendemos a tocar juntos, temos o nosso próprio estilo, e quando o Pepper voltou, nem precisámos de tempo nenhum para nos reajustarmos. Voltámos imediatamente aos C.O.C. em quarteto, ao estilo que temos juntos nesse formato, e pareceu que tínhamos feito uma pausa de seis semanas, em vez de seis anos! [risos] O *feeling* foi logo o certo, e nos primeiros três dias de ensaios percebemos logo que íamos chutar uns rabos.

Consegues escolher algum tema do disco novo que te tenha ficado mais no coração?

Não tenho, não consigo… e isso é bom, quer dizer que gosto do álbum todo, quer dizer que é um álbum forte, sem pontos mais vulneráveis. Neste momento ainda não temos grande *feedback* dos nossos fãs, mas tenho muitos amigos meus que acompanharam as eras todas da banda, desde os discos mais punk, até à cena mais metal do «Blind», até às coisas com o Pepper, que não têm medo de me dizer as coisas como elas são, e toda a gente parece gostar do disco, tanto os que preferem uma determinada era da banda como os que preferem outra. Gosto disso, e espero que isso se continue a reflectir nas opiniões das pessoas.

Na «E.L.M.», a certa altura o Pepper canta "*stand the test of time*". Acho que os C.O.C. já passaram esse teste… costumas pensar no legado que vais deixar nesta banda? Na forma como vão influenciar este estilo de música nas próximas décadas?

Não… pelo menos no meu caso, não. Nunca pensei nisso. Quando começámos a tocar música, no nosso "mundo", as maiores bandas eram os Black Flag, os Bad Brains e os Dead Kennedys. Talvez os Suicidal Tendencies também. Eram de longe as bandas de maior dimensão, eram gigantes dentro do estilo. E nenhum desses tipos fez dinheiro com isso! [risos] Claro que nós também não. O meu pai comprou-nos a nossa primeira carrinha, que era uma armadilha mortal – cada dia que sobrevivemos naquela coisa foi um milagre. A ideia de fazer dinheiro com isto sempre esteve completamente fora de questão, por isso desde muito cedo que nos mentalizámos que tocamos para nós próprios, para nos divertirmos, porque gostamos da música que fazemos e de tocar uns com os outros. Isso elimina logo qualquer ideia de legado ou seja o que for. Se os outros gostarem de nós, fixe, claro. Se nos comprarem um milhão de discos, adorava. Mas se não, tudo bem. Nós estamos bem a fazer a nossa música, e vamos continuar.

MACHINE HEAD

CHAPADA DE REALIDADE

São um dos nomes maiores do metal a nível internacional e, ao longo de 25 anos de carreira, construiram uma base de fiéis seguidores. É verdade que, pelo meio, atravessaram períodos de menor popularidade, mas desde que gravaram o «Through The Ashes Of Empires», os MACHINE HEAD têm feito um trajecto em crescendo. «Catharsis», o nono álbum da banda californiana, é sem dúvida o mais melódico e diverso que já gravaram. É também o mais longo – quinze temas – e, certamente, um dos mais acessíveis. Inclui baladas, temas de influência folk, incursões pelo rap e uma série de outras surpresas que prometem não deixar ninguém indiferente. Ligámos ao carismático Robb Flynn, vocalista/guitarrista e líder do conjunto norte-americano, e testemunhámos o entusiasmo de um músico que acredita a 100% no que faz, porque se limita " a seguir o coração".

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO

Este novo disco tem uma série de novidades e não te vou perguntar se foi consciente porque sei que nunca têm uma ideia pré-concebida. O que te pergunto é o que achas que vos levou a seguirem esta direcção tão abrangente e melódica?

É assim com todos os discos, de facto, nunca sabemos para onde vamos. Se calhar há bandas que se juntam e combinam escrever um determinado tipo de disco, mas nós nunca fomos assim, e faz-me confusão pensar sequer nisso. [risos] Começamos e nunca sabemos onde vamos acabar. Isso deve ser assustador para algumas bandas, e é assustador na vida, em geral. Este disco tem canções que soam familiares e com as quais os fãs vão ficar imediatamente "confortáveis" e outras que estão muito fora daquilo que fazemos habitualmente. Acho que as pessoas vão ter de lhe dar tempo e encarar a música de espírito aberto. Se o fizerem, acredito que vão ligar-se a ela. Neste disco, mais do que em qualquer outro, há temas em que dizíamos uns para os outros: "Wow, *nunca fizemos nada assim.*" E isso deixa-nos satisfeitos porque não definimos nada. Estamos sempre a perguntar uns aos outros como é que ainda podemos espantar as pessoas, deixá-las malucas com o que fazemos. O que podemos fazer para as deixar boquiabertas? Escrevemos com isso em mente, mas não deliberadamente numa determinada direcção. Pessoalmente, acredito que as bandas precisam de evoluir. Há várias bandas que respeito muito e que continuam a fazer o mesmo, disco após disco, mas nós não somos assim. Uma banda onde eu toque não pode ser assim, porque para mim como artista não faz sentido. Já não sou o mesmo tipo que escreveu o «Burn My Eyes». Nunca mais vou voltar a esse estado de espírito, ao que sentia e vivia na altura. Tenho de mostrar ao mundo onde estou agora, quem sou hoje em dia.

Mas ainda sentes essa necessidade de obter uma reacção forte? Não te chega que as pessoas gostem, queres tirá-las da zona de conforto?

Quero estarrecê-las. Quero que as pessoas digam: "Holy shit*, não estava à espera disto,*

isto é realmente intenso." Não quero só que gostem. Claro que ainda quero ver *circle pits*, pessoal aos saltos e ter o público a cantar comigo até eu quase não me ouvir, mas quero algo mais. A verdade é que nunca sabemos do que é que as pessoas vão gostar. O maior perigo de nos mantermos sempre iguais é assumirmos que as pessoas vão gostar daquilo que sempre gostaram, mas a maioria também muda, ou porque evolui ou por razão nenhuma, simplesmente muda. Portanto, para mim só há uma maneira de fazer isto, que é seguir o coração, seguir as vísceras. Há canções neste disco, como a «Behind The Mask» ou a «Bastards», que nos levaram a perguntarmos: "*Podemos fazer isto? Vai funcionar?*" E depois de convivermos com elas durante algum tempo a resposta foi óbvia: claro que podemos, vamos dominar o mundo com isto. [risos]

"Há canções neste disco, como a «Behind The Mask» ou a «Bastards», que nos levaram a perguntarmos: "Podemos fazer isto? Vai funcionar?" E depois de convivermos com elas durante algum tempo a resposta foi óbvia: claro que podemos, vamos dominar o mundo com isto."

Achas que este é um disco que vos pode trazer ainda maior atenção do *mainstream*, assim como trazer mais pessoas para o metal?
Tenho a certeza disso. É um disco que tem de trazer mais pessoas para o mundo do heavy metal. Falaste do *mainstream* e digo-te uma coisa: se me tivesses dito que éramos uma banda de metal *mainstream* há cinco ou dez anos a minha reacção não ia ser boa, não ia gostar. Não me chames isso, era o que te diria. [risos] Mas neste momento, estou perfeitamente confortável com isso. Nós somos de facto uma banda de metal *mainstream*. Quando lançámos o «Burn My Eyes», em 1994, éramos uma das bandas mais pesadas do planeta e posso dizer isso com toda a certeza. Hoje em dia já não posso. Há tantas bandas tão mais pesadas e extremas do que nós, que seria ridículo fazer essa afirmação. E eu gosto disso, gosto que bandas que nós também influenciámos, tenham pegado no que fizemos e levado a outros patamares de peso, criado algo novo. Quando começámos a escrever o disco, as canções que me estavam a agarrar e motivar mais eram as que tinham um *storytelling* forte, eram as que tinham letras que contavam verdadeiras histórias. E esse tornou-se o foco principal, quis que todas as canções contassem uma história com que muita gente se consiga identificar. Quis que as letras fossem muito directas, com poucas metáforas, facilmente perceptíveis por toda a gente, de forma a que possam estabelecer uma ligação imediata. Usei mais a linguagem de rua, a linguagem do hip-hop. Não interessa se estou a falar de problemas sociais ou políticos como na «Bastards» ou de "bora lá foder-nos todos" na «California Bleeding». Quis que nada fosse turvo, que tudo fosse o mais claro possível, e aí também se cria uma abertura maior a um número maior de pessoas. Sinceramente, não consigo ouvir nem mais uma canção com referências bíblicas. Quero algo diferente, refrescante. As maiores canções de sempre contam histórias, cenas como os Lynyrd Skynyrd, por exemplo. Também por isso, sentimos que podemos ter um maior impacto no *mainstream*.

"Quando lançámos o «Burn My Eyes», em 1994, éramos uma das bandas mais pesadas do planeta. Hoje em dia já não posso dizer o mesmo. Há tantas bandas tão mais pesadas e extremas do que nós, que seria ridículo fazer essa afirmação."

A «Triple Beam» é claramente um desses casos, a lembrar aqueles épicos do hip-hop. E tu surges praticamente a *rappar*...
Lá está, para esse tema já tinha as letras antes de ter a música. Acordava quase todos os dias às 3h ou 4h da manhã para escrever letras e a grande maioria eram horríveis, puro lixo. [risos] Mas os restantes 20% saiam-me realmente bem e essa canção foi um desses casos. Os dois primeiros parágrafos dessa letra começaram por ser algo completamente diferente, mas dei por mim a escrever um episódio louco que me aconteceu há 25 anos, com tudo a rimar, e, lá está, a contar uma história, em movimento, a progredir no tempo. Consegues acompanhar a acção à medida que vou cantando. Mas não havia música para essa letra, nada para cantar por cima. Durante semanas fui escrevendo outras letras que encaixavam em música que já tínhamos e um dia escrevemos a música para essa letra. E foi muito, mesmo muito rápido. Escrevi esse riff com o Dave (McClain, baterista) e o que ouves no disco foi para aí a quarta ou quinta vez que tocámos essa canção. Quando fiz a música não sabia que era para esta letra. Ainda experimentei duas ou três outras coisas que tinha escrito, mas nada me convencia, até que me lembrei da «Triple Beam». Foi um *click* imediato. E como a letra é enorme, a única forma de caber na música era se eu fizesse esse estilo quase rap. A verdade é que assim que a colei na música fiquei doido, adorei. Foi incrível como letra e música encaixaram como se tivessem sido feitas uma a pensar na outra. Mas não foram. E foi de um dia para o outro. Já não tínhamos este estilo mais rap num disco desde o «The Burning Red», mas pensámos, que se lixe. É uma canção super *catchy*.

Por estarem a explorar tantas novas direcções, em algum momento da composição te sentiste perdido?
Totalmente, mas isso acontece-me em todos os discos! É engraçado, porque normalmente a primeira canção que escreves estabelece uma certa fasquia, um padrão, e tu partes daí para o resto. Para o «Unto The Locust» a primeira canção que escrevemos foi a «This Is The End» e pensámos logo: "*Minha nossa, estamos completamente* on fire!" [risos] Desta vez tivemos um bom começo, mas não ficámos com essa sensação de termos algo incrível. A dada altura comentei com o resto da banda que achava que tinha perdido o meu *mojo*. Já não sabia compor. Houve uma altura em que tudo o que escrevia era uma espécie de balada tipo Fiona Apple, mas péssimo. Só perguntava a mim mesmo: "*What the fuck is going on*?" Faz parte da jornada.

E desta vez, qual foi mesmo a primeira canção que escreveram?
Foi a «Screaming At The Sun». É bem pesada por acaso, mas, como digo, acabou por não servir de referência para o que se seguiria. A meio do processo de escrita sentimos necessidade de escrever um tema bem agressivo, a rasgar, e não conseguíamos, não saia nada que se aproveitasse. E tentámos bastante, acredita, só que não chegávamos lá, àquela canção incrível que queríamos fazer. Só mesmo no fim, surgiu a «Volatile», literalmente a última canção que fizemos para o disco e, curiosamente, a que

o abre. Escrevi essa letra em vinte minutos, porque estávamos mesmo, mesmo a terminar o tempo de estúdio.

Como têm sido as primeiras reacções ao disco?
Fenomenais. As pessoas parecem estar a passar-se. Eu senti que, ao começar esta *press tour* inicial, teria de ter algum cuidado com um certo tipo de *media*, entrar um bocado na defensiva e justificar porque é que tínhamos feito um determinado tipo de canção. Mas nada disso aconteceu. A «Bastards», pela mensagem que tem, era uma canção que me suscitava curiosidade. Como vai reagir o tipo com a *t-shirt* dos Venom? O que é que ele vai pensar disto? E o mais engraçado é que a maior parte das pessoas me diz que é "a melhor canção do disco". Gajos adultos, quase da minha idade, a dizerem-me que essa canção os fez chorar... incluindo o gajo da *t-shirt* dos Venom. [risos] Isso surpreendeu-me. Estamos muito orgulhosos deste disco e o ambiente no seio da banda não podia ser melhor.

A «Bastards» é completamente diferente de tudo o que fizeram no passado. É uma canção de inspiração folk e com uma mensagem política e social fortíssima, que apela à tolerância racial e religiosa. Fala-nos deste tema.
Foi escrita no dia seguinte ao Donald Trump ter sido eleito presidente dos Estados Unidos e surge na sequência de uma conversa muito séria que tive com os meus filhos e com a minha mulher. Foi uma conversa muito difícil e que me afectou profundamente. Na manhã seguinte, sentei-me e comecei a escrever a letra. Brotou tudo de uma forma muito natural. Tudo o que lês agora saiu naquela precisa ordem, algo que é raríssimo na minha escrita. Depois agarrei na guitarra acústica e comecei a tocar quatro acordes, que já foram tocados mil milhões de vezes nos últimos 100 anos. Mas ao cantar aquela letra por cima daqueles acordes, achei que era realmente bom. E resolvi colocar na internet, numa versão meramente acústica. Nesse momento, senti que já tinha expurgado o que queria, senti-me aliviado. Depois andava com aquela melodia que ouves por cima dos acordes na cabeça, mas ainda não tinha descoberto como tocá-la. À medida que fomos gravando, a letra da «Bastards» vinha-me à cabeça insistentemente. Foi então que pensei que talvez valesse a pena tentar fazer uma versão de banda des-

sa canção. Afinei em Fá e criei aquela linha de guitarra que me faltava. Entretanto, surgiu a «Eulogy» e nem me apercebi que estava a usar exactamente os mesmos acordes que na «Bastards». Só percebi quando dei por mim a cantar o refrão da «Bastards» por cima dos acordes da «Eulogy». Foi aí que surgiu a ideia de as ligar, de certa forma. Trabalhámos nisso e acho que funcionou, embora saibamos que está completamente fora daquilo que as pessoas esperam que façamos. A «Bastards» tem a tal narração que me fascina e um refrão enorme.

Alguma vez ficas siderado com o que crias? Do género, nem acredito que fiz algo tão bom?
Pode não parecer mas eu sou muito auto-crítico e estou sempre a pôr defeitos nos temas que já gravámos, na forma como canto, nos mais pequenos detalhes. Mas se olhar para o disco como um todo ou para um tema como um todo, sou capaz de reconhecer que fizemos um óptimo trabalho. Acho que este é um óptimo disco. Sei que a «Bastards», por mais diferente que seja do nosso registo habitual, é um tema incrível, um gancho massivo. Temos de tentar, sabes? Sem medo. Quando temos uma ideia, seja ela qual for, temos de tentar. Umas vezes funciona, outras não, mas como artistas não podemos ter medo de tentar. Há pessoas que vão adorar, porque adoram tudo o que fazemos, outras vão adorar por aquilo que a música é e outras vão simplesmente odiar. E temos de saber aguentar isso, não nos pode afectar. Vai acontecer. O Jamey Jasta, dos Hatebreed, tem uma teoria que diz que a cada novo disco, 25% dos fãs de uma determinada banda deixam de o ser. Concordo com ele. Resta-nos esperar que se perdermos 25%, ganhemos 50%. [risos]

À medida que envelhecem fazem álbuns maiores e tocam concertos mais longos. Tens mais a dizer nesta altura da tua vida ou simplesmente querem deitar tudo cá para fora?
Ainda temos muito para dizer. Mas acima de tudo, precisamos disto. Amamos tocar, amamos subir ao palco. Adoramos criar música. Talvez por isso sintamos necessidade de o fazer por mais tempo em cada álbum ou em cada concerto, não sei. Não te vou dizer que adoro gravar, porque não é o caso, mas faz parte deste ciclo. E há muitos altos e baixos neste processo. Esta é a parte da jornada em que soamos um bocado pretensiosos e, ao mesmo tempo, estamos inseguros, porque não sabemos o que as pessoas vão achar. Este é um disco super diverso, provavelmente o mais melódico que já gravámos, e eu fui logo avisando os nossos fãs disso mesmo. Preferi ser honesto.

Porque sentiste essa necessidade de os informar?
Porque estive muito activo nas redes sociais durante a gravação, fazia vários directos no Facebook e as pessoas perguntavam como era o novo disco. E eu não lhes quis mentir. Não ia dizer que era o disco mais pesado da nossa carreira. Não é, de todo. Isso não significa que não o ache um dos melhores, porque acho. Somos na mesma uma banda pesada, muito mais pesada que a esmagadora maioria das bandas do mundo ou do que qualquer merda que passe na rádio. Ninguém nos toca na rádio, porque mesmo quando somos leves, somos demasiado pesados. Talvez estas canções não sejam indicadas para certos fãs nossos de agora. Talvez daqui a cinco anos sejam exactamente o que eles precisam de ouvir. Alguns dos meus discos preferidos de sempre, as

"O Jamey Jasta, dos Hatebreed, tem uma teoria que diz que a cada novo disco, 25% dos fãs de uma determinada banda deixam de o ser. Concordo com ele. Resta-nos esperar que se perdermos 25%, ganhemos 50%."

primeiras três vezes que os ouvi, odiei-os. A primeira vez que ouvi o «Master Of Puppets», disse: "*Isto é uma merda*." Agora penso que era um idiota quando achei isso, o que me terá passado pela cabeça? É um dos discos da minha vida. Acho que o «Catharsis» vai mudar muita coisa para nós. É um grande disco, em qualidade, em duração – são quinze canções – com muita coisa diferente a acontecer.

Tens sido muito activo e incisivo a comentar uma série de assuntos, algo que acabas por transportar para o disco, com a tal postura mais directa...
Isso nunca foi um problema para mim. Como te disse, neste disco quero mostrar onde estou e quem sou hoje em dia. O «Burn My Eyes» é o reflexo exacto do durão de vinte e tal anos que eu era na altura, da minha vivência nas ruas, isso tudo. Já não sou essa pessoa, agora sou esta que fala sobre os temas que estão no «Catharsis». A música é isso mesmo. Eu cresci com o punk rock, que é acerca do que se está a passar no momento. O metal tem uma tendência para cantar sobre o passado. Quantas canções existem sobre uma guerra que aconteceu há 100 anos? Fazemos isso e depois não cantamos sobre os conflitos actuais, o que se está a passar agora mesmo. Acho isso estranho e foi uma das coisas que senti necessidade de fazer diferente desta vez.

O que é que podemos esperar dos concertos que vão dar em Portugal, em Março?
[Chega-se atrás na cadeira e põe as mãos na cabeça] Minha nossa, os últimos concertos em Portugal. Não me consigo esquecer. Vocês são totais maníacos. Vamos fazer a "Evening With Machine Head", um concerto super longo e com tempo suficiente para percorrermos todas as fases da nossa carreira e agradar a todos os fãs. A verdade é que vamos variando muito os alinhamentos e nunca está definido o que vamos tocar na noite x ou y. O que tentamos fazer é ver o que tocámos das últimas vezes que aí fomos, e inovar. Portanto posso já dizer-te que, além dos novos temas, vão ouvir vários outros que não tocámos aí da última vez. O pessoal pergunta: "*Então e as bandas de abertura?*" Mas quando o Bruce Springsteen toca, leva bandas de abertura? Nada disso. São três horas de rock com o Boss e aqui vão ser três horas de metal com os Machine Head. Deixa-me reforçar que me lembro mesmo muito bem dos concertos em Portugal. Foram os melhores concertos da última *tour*. Acredita que mal podemos esperar para tocar aí, mal podemos esperar, mesmo. Quero gravar um DVD em Portugal.

Vou escrever isso e vais ter de cumprir a promessa... [risos]
Desta vez já não é possível, mas na próxima *tour* em que passarmos por aí, gostava mesmo. O público português fica fora de si, é completamente insano, cantam do princípio ao fim. E as duas salas onde tocámos, os coliseus, são absolutamente incríveis... Quero fazer três noites em Portugal!

"Lembro-me mesmo muito bem dos concertos em Portugal. Foram os melhores concertos da última tour. *Acredita que mal podemos esperar para tocar aí, mal podemos esperar, mesmo. Quero gravar um DVD em Portugal"*

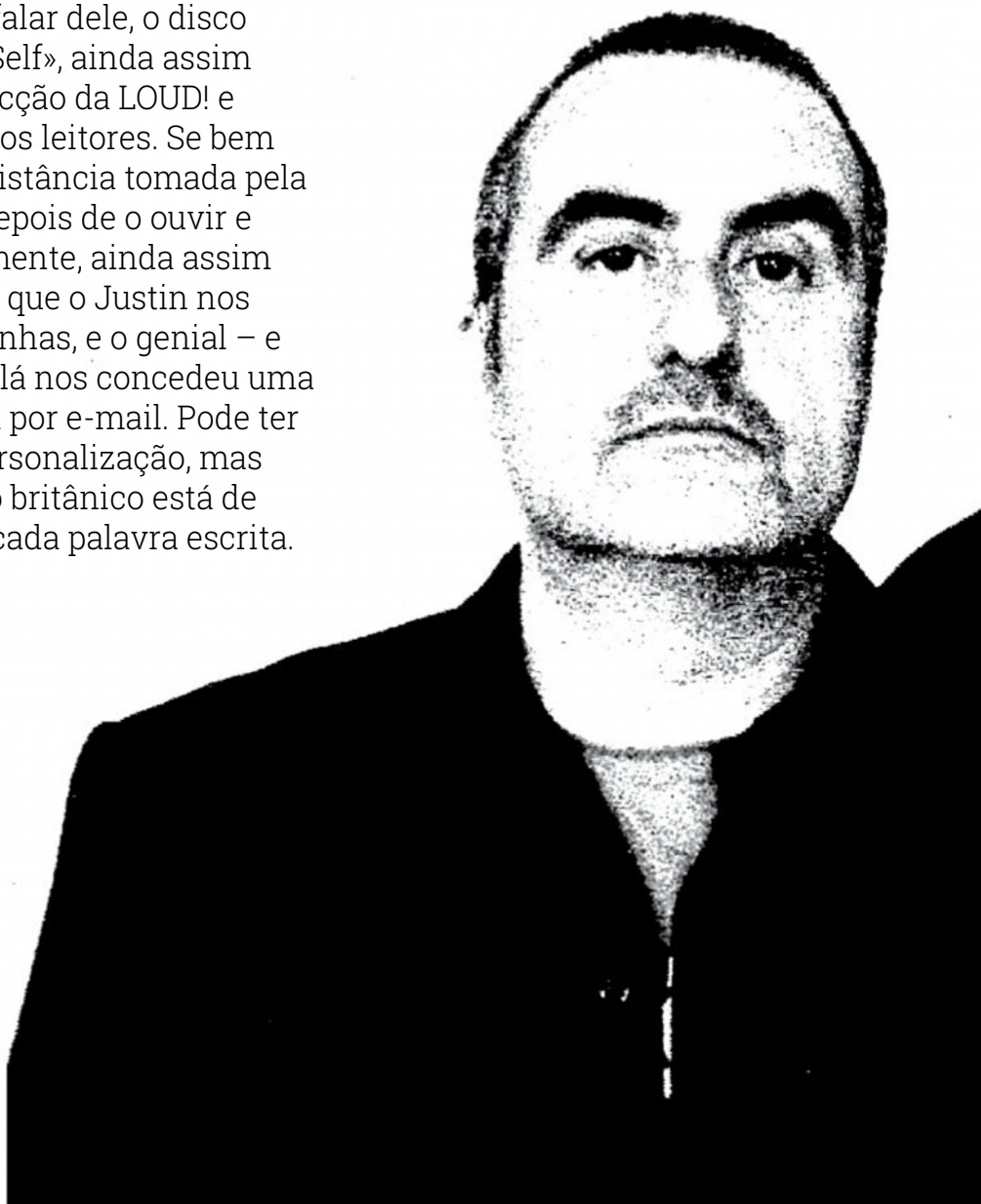
SILÊNCIO POSTERIOR

Anunciado de forma discreta, com uma recusa inicial por parte de Justin K. Broadrick em sequer dar entrevistas para falar dele, o disco novo dos GODFLESH, «Post Self», ainda assim conseguiu conquistar a redacção da LOUD! e certamente muitos dos nossos leitores. Se bem que a postura de silêncio e distância tomada pela banda faz de facto sentido depois de o ouvir e de o interpretar conceptualmente, ainda assim insistimos suavemente para que o Justin nos concedesse algumas palavrinhas, e o genial – e sempre simpático – músico lá nos concedeu uma rara (nesta altura) entrevista por e-mail. Pode ter sido uma tentativa de despersonalização, mas a personalidade brilhante do britânico está de qualquer forma patente em cada palavra escrita.

JOSÉ CARLOS SANTOS

Antes de mais, cabe-nos agradecer por te teres disponibilizado para esta entrevista. A primeira informação que tivemos foi de que não irias responder a entrevistas, pelo que apreciamos a excepção aberta. Dá-nos a sensação de que não queres falar muito sobre este disco novo, até pela forma como ele foi anunciado, muito em cima da sua data de lançamento e sem grandes alaridos. Sem querer provocar-te muito, era interessante começar precisamente por aí... ou seja, pôr-te a falar do porquê de não quereres falar.

Houve de facto uma ausência de "campanha" com este disco, como deduziste e muito bem, e isso foi inteiramente intencional. Há tão pouco na música que ainda está atrás de um véu, toda a mística à volta dos discos e dos artistas está agora muitas vezes perdida, no meio da epidemia de informação que nos assola. Pessoalmente, sempre fiquei intrigado com discos onde tudo era sugerido e críptico, e nunca desejei que as coisas me fossem explicadas. Sempre quis usar a minha imaginação, e é



essa a intenção com o «Post Self». Estou a perguntar, não estou a afirmar. "*O que é isto para ti? O que é isto?*"

Das duas últimas vezes que falámos, uma foi sobre o «Hymns», quando foi reeditado, e outra foi sobre o álbum anterior, o «A World Lit Only By Fire», que por ser um álbum de "regresso", também levou a conversas focadas sob o passado. Este é o teu primeiro disco em muito tempo que não tem esse tipo de bagagem. Agrada-te isso?
Este disco não tem qualquer tipo de ambição, e acho que aí é que reside a diferença essencial entre ele e as outras coisas que fiz nos últimos anos. Como consequência, este é talvez o disco dos Godflesh menos "afectado" desde o início do projecto. Mesmo com os primeiros trabalhos, por muito alienantes que fossem, mesmo assim desejava que a música "viajasse", que fosse ouvida pelas pessoas, que fosse tocada ao vivo. Já este álbum, foi feito sem nenhum constrangimento desse tipo. Sem nenhum limite. Não foi feito para tocar ao vivo, nem sequer considerei essa possibilidade. Nem essa, nem nenhuma fora daquilo que queria explorar estéticamente. Aboli todos os tipos de preocupação que pudesse ter tido desde o início.

O *press-release* que recebemos com o álbum toca nalguns pontos importantes, nomeadamente no facto deste ter demorado mais de dois anos a ser feito. Foram dois anos de trabalho intenso ou de actividade esporádica?
Ao contrário do que acontece normalmente, fui eu próprio que escrevi o *press release* desta vez, com o objectivo de manter tudo conciso e, mais uma vez, escondido. A resposta é simples – o álbum fez-se ao longo de dois anos de trabalho esporádico. Só trabalhava quando me sentia inspirado. Como está de certa forma documentado, eu canso-me muito facilmente quando estou a trabalhar só numa coisa. Perco o foco, preciso de escapar para outros trabalhos, e daí ter sempre tantos projectos em andamento. Preciso de me sentir fresco e inspirado, por isso trabalho em tudo de forma intermitente, e muitas vezes simultaneamente também.

O título «Post Self» é algo que não me sai da cabeça durante as audições do álbum. É uma espécie de sugestão que há menos de ti nestes temas? É um tipo de despersonalização/destacamento de ti próprio da tua obra?
O álbum também tem uma pequena componente auto-biográfica, mas na sua maior parte não o é. Resumidamente, o título significa morte, mas está carregado de outros significados também. É igualmente uma referência à perda do "eu", da identidade, numa era que os indivíduos são ao mesmo tempo obcecados por si próprios. A um nível mais pessoal, é uma admissão do meu próprio sentido de identidade, na vida sinto-me muitas vezes como um espectador, como um *voyeur* da minha existência. Frequentemente sinto-me desligado de tudo o que é imaginável.

"Sempre fiquei intrigado com discos onde tudo era sugerido e críptico, e nunca desejei que as coisas me fossem explicadas. Sempre quis usar a minha imaginação, e é essa a intenção com o «Post Self»."

No teu *press release* também falas de explorar um lado diferente de Godflesh. Diria que é algo que pode ser aplicado a todos os teus discos, mas depois disso mencionas especificamente o post punk e o industrial do fim dos anos 70 e princípio dos anos 80. Eram esse período e esses géneros que mais estavam na tua cabeça durante as sessões de escrita?
Para mim, o punk e o post punk, seguidos da música industrial do princípio, foram os primeiros estilos que me causaram impacto a muitos níveis, quando eu era essencialmente um miúdo, muito antes de ouvir qualquer tipo de heavy metal – nesse campo, os Black Sabbath foram a primeira banda que ouvi e que adorei. Basicamente, queria ir às minhas influências iniciais, as que esculpiram os Godflesh, as raízes. A música de que gostava antes do metal claramente moldou e muito o futuro dos Godflesh, e sim, concordo quando dizes que cada disco explora novas avenidas de influência, chamemos-lhe assim. O período áureo do post punk foi algo incrivelmente excitante, um período fervoroso na história

da música moderna e um dos melhores de sempre, para mim. Um caldeirão de influências diferentes, a convergência do punk com dub e com abstracção, com krautrock e música electrónica, e por aí fora. Para mim, os Swans e os Sonic Youth foram a última onda de bandas mais importantes do post punk. Antes disso, os Killing Joke, Siouxsie And The Banshees, Crass, Throbbing Gristle, Public Image Ltd, The Birthday Party e várias outras. O que fazemos nos Godflesh é soldar as influências deste tempo com outras músicas radicais nas suas próprias épocas – como o nascimento do hip-hop, que foi essencialmente o punk outra vez.

Realmente, não vale a pena enganar as pessoas em relação aos moldes desta conversa – esta entrevista foi feita por e-mail, e portanto corre-se o risco de repetir perguntas ou pôr-te a responder a coisas e a explicar conceitos de forma repetida. Mas era interessante saber se consideras que os temas de "ansiedade, depressão, medo, mortaidade e relações pais/filhos" que já disseste estarem expressos em «Post Self» são uma aproximação de certa forma mais íntima do que é costume contigo, e se isso não terá também ajudade a que queiras falar menos sobre o disco. Esperemos não teres respondido a isto já, de alguma maneira.
Pois, é esse o grande prazer das entrevistas por email, haha! Mas precisamente para não expôr cada ângulo e cada detalhezinho deste disco, era imperativo que só fizesse entrevistas por email, e muito poucas. O «Post Self» é muito pessoal mas também algo com que as pessoas se possam relacionar, e isso acabar por ser um *standard* dos Godflesh. A minha música e as minhas criações são geralmente produto de depressão e de ansiedade perturbadora, coisas com as quais tenho combatido a minha vida toda. A minha mãe sofreu de numerosos problemas de saúde mental durante toda a sua vida, por exemplo, e infelizmente não admite que isso me afectou de forma tão extrema.

Como vês estes temas a encaixar no vosso *setlist*? Se é que cabem de alguma forma? Imaginando desde já, seria uma mudança de *mood* total a cada tema destes.
De facto o álbum não foi concebido com actuações ao vivo em mente, o que acho que é algo muito positivo. Para mim, tudo gira à volta da música e da sua estética primeiro, e os concertos vêm em último lugar. O *mood* deste disco de facto é muito abrangente, e se isso acontecesse, preferia tocar a maior parte do álbum ao vivo, seleccionando apenas alguns temas apropriados do resto da nossa carreira à sua volta. Já fizemos concertos com "clássicos" dos Godflesh inúmeras vezes, por esta altura, e acho que é tempo de uma mudança radical – um *setlist* baseado à volta do «Post Self» com temas antigos escolhidos a dedo para complementar o ambiente, é nisso que estou a pensar.

Sem querer continuar a tirar muitas conclusões precipitadas sobre a tua "aura de silêncio" – da qual gosto genuinamente, por fazer lembrar uma altura em que não conhecíamos quase nada sobre as bandas e havia alguma magia no ar que se desvaneceu um bocado entretanto –, a verdade é que tudo parece de certa forma "final". A distância entre vocês e o álbum, o título, os temas tratados, até o facto de haver duas canções com "*end*" no título, incluindo a última! Reavaliaste o futuro dos Godflesh nestes últimos tempos? Ainda vês o futuro da banda com alguma clareza?
Antes de mais, sim, tens toda a razão acerca da falta de magia que existe na música e da forma como é "vendida" hoje em dia... Em relação ao resto, não faço a mínima ideia. Honestamente. Não tenho qualquer plano. Este pode ser o primeiro álbum de muitos, ou pode ser o último de todos. Acho que a postura que tenho tido em relação a este disco é de reflexão da própria existência, no fundo: tudo é transitório, quase nada é permanente, e já não penso na minha música em termos de carreira. Os "comos" e os "porquês" são portanto irrelevantes.

"A minha música e as minhas criações são geralmente produto de depressão e de ansiedade perturbadora, coisas com as quais tenho combatido a minha vida toda."

ASSINA A LOUD!

SE ASSINARES

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem o mínimo esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

E VAI À BORLA VER

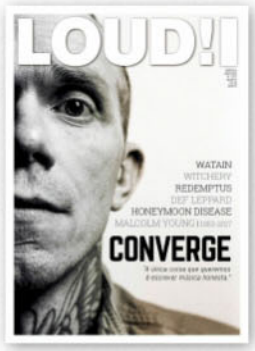
STEVEN WILSON

Se optares pela subscrição **LOUD! PREMIUM**
VAIS – **SEM QUALQUER SORTEIO!** –
A ESTE CONCERTO

Para tal, basta que efectues a tua transferência e nos envies o respectivo comprovativo para assinaturas@loudmagazine.net, a partir das 12:00 do dia 5 de Janeiro. Os novos assinantes têm direito a uma entrada para este concerto dentro do limite do ***stock*** existente. Sejam rápidos!

Se, por acaso, os deuses estiverem loucos e não quiseres ir a este concerto, com chancela de qualidade Prime Artists; não desesperes!

Podes também escolher como prémio de assinatura o disco de estreia dos portugueses **SON OF CAIN**, «LOWLIFE 69», um lançamento HALF BEAST RECORDS.



LOUD! BASIC
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL
36€ (DESCONTO DE 14%)

LOUD! PREMIUM
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL E DIGITAL
45€ (DESCONTO DE 32%)

ASSINA JÁ!

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de BI, morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço assinaturas@loudmagazine.net

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

⁎ Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 5/01, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

SEMENTE QUE DEU FRUTO

Os SINISTRO têm crescido imenso, e porventura serão o nome mais importante da cena nacional dos últimos dois anos, integrando uma mão cheia de artistas que se internacionalizaram recentemente. O guitarrista Rick Chain falou-nos de como foi este tempo recente, e tudo sobre o novo disco, «Sangue Cássia».

EMANUEL FERREIRA

«Sangue Cássia», como surge este título?
De repente poderá não fazer muito sentido para as pessoas, mas foi a metáfora que nós encontrámos para representar melhor o disco. Significa a essência da vida. Sangue é vida e a Cássia, entre outros sentidos, é uma planta de essência. Em lugar de chamarmos ao disco, «Essência da Vida», usámos a metáfora de "Sangue Cássia", um título apelativo que achámos interessante incorporar no imaginário do disco, e ao longo do mesmo escolhemos a botânica para espelhar as nossas ideias e opiniões. Os próprios temas das letras têm esse fio condutor, em lugar de irmos direitos ao assunto, quisemos pôr as pessoas a pensar.

Quase se podia fazer uma ligação entre os títulos, «Semente»/«Sangue Cássia».
Sim, este disco é uma continuidade do que começámos a fazer no «Semente». Para todos os efeitos, até ao «Semente», os Sinistro não eram propriamente uma banda. Os elementos iam mudando, não fazíamos espectáculos ao vivo, não andávamos em *tour*... Daí esse disco se chamar «Semente», pois Sinistro nasce aí, com a entrada da Patrícia a *full time*. Pode-se fazer essa leitura, portanto.

Nestes dois anos entre discos, há todo um turbilhão na vossa carreira, com várias digressões. Como foram gerindo tudo isso?
Desde que iniciámos o processo «Semente», até este 5 de Janeiro de 2018, data de edição do «Sangue Cássia», simplesmente não parámos. Gravámos o disco, andámos um ano inteiro em *tour*, chegámos, compusemos este disco, voltámos novamente um ano inteiro para *tour*, até o disco sair. Foram dois anos intensos e tivemos de nos adaptar. Foi a *tour* de Paradise Lost, a de Cult Of Luna, a de Mono... tudo coisas que não podíamos recusar e com as quais tínhamos de nos comprometer, um balanço entre vidas pessoais para fazer esta banda resultar. Dois anos intensos, que vão ter seguimento para 2018 e mais além – ainda temos mais dois discos para fazer na Season Of Mist.

As expectativas que possuíam com «Semente», nessa altura, já foram superadas?
Houve algo determinante para conseguirmos fazer o que fizemos – a nossa experiência

digressões com as dimensões das vossas, com um só disco.
Até podíamos ter feito mais com as propostas que surgiram para outras bandas. Logo a seguir à digressão de Mono e Alcest, surgiu uma proposta que nos teria colocado em digressão a seguir, em Janeiro/Fevereiro. Havia outras coisas que poderiam ter acontecido, mas simplesmente não achámos prudente fazer. Optámos esperar pela oportunidade certa e ela acabou por acontecer, fomos convidados pessoalmente pelos Paradise Lost. Tudo com cautela nas escolhas, mas também temos o nosso *management* a ajudar.

Neste ponto, com algum reconhecimento internacional, teria sido fácil passar para um disco com letras em inglês.
Essa sugestão apareceu, já depois de fazer o «Semente». Foi algo que pairou um pouco no ar, até porque fizemos a versão dos Paradise Lost e houve conversas entre nós e o *management*, de futuramente fazer umas letras em inglês. Só que depois pensámos bem na situação e resolvemos que não é de todo o que queremos fazer. Não é um nunca, mas não é algo que esteja nos horizontes do grupo para já. Lá fora, muito do interesse das pessoas passa por cantarmos em português, e se repararmos bem, a própria Season Of Mist tem bandas a cantar em islandês como os Sólstafir, ou até o caso dos nossos amigos Foscor, que cantam em catalão, que é ainda mais "estranho" para a generalidade das pessoas.

Há todo um lado visual, cinematográfico, à volta das vossas actuações. Como funciona isso?
Sinistro sempre teve esse aspecto visual, sempre tivemos vídeo. O primeiro disco é muito cinematográfico, quase uma banda-sonora de um filme. Ainda mal pensávamos

"Sempre tivemos os pés bem assentes na terra, porque às vezes não basta achar que a música é boa. Tivemos que ir aproveitando as oportunidades que foram surgindo pelo caminho."

como músicos, já de décadas, que nos permitiu aceitar e compreender o que era proposto fazer. A experiência das outras bandas ajudou. Estávamos confiantes no nosso trabalho, mas sempre tivemos os pés bem assentes na terra, porque às vezes não basta achar que a música é boa, ou que A ou B pense o mesmo, por vezes as coisas simplesmente não surtem efeito como se espera. Tivemos que ir aproveitando as oportunidades que foram surgindo pelo caminho. E aproveitámos bem, acho eu, de forma a conseguirmos gerir a carreira de forma calma e serena, até agora.

Mesmo para os padrões internacionais, um nome emergente raramente assegura três especificamente em tocar e já falávamos em ter um visual ao vivo, imagens a passar por trás de nós. A Patrícia trouxe mais o teatro que o cinema, mas na altura falava-se do cinema. Com os espectáculos ao vivo, fazemos isso, mas nem sempre, pois por vezes não há projector, ou não temos tempo. Na *tour* de Paradise Lost não havia tempo para isso, tínhamos um *slot* muito curto de 30 minutos e éramos a primeira banda a tocar. Apesar disso, o visual é uma parte essencial, porque dá diferença e magia à banda e ajuda as pessoas que estão a ver o concerto a interpretarem as letras. O objectivo é que as pessoas vejam a banda e também o que está por trás.

Algo que vai mudar, naturalmente, adaptando-se a «Sangue Cássia».
Sim, vamos mudar o visual, vamos ter algumas surpresas. Os três *singles* que a Season Of Mist tem andado a colocar, como *teasers* ao disco, ainda estão um pouco colados ao «Semente», no tipo de leitura que proporcionam, mas o disco tem mais músicas, mais histórias para contar, mais surpresas. Diferentes soluções visuais, uma abordagem diferente ao espectáculo. Este disco tem momentos mais carregados que o «Semente» e isso vai reflectir-se. Apesar de ser um seguimento do álbum anterior, queremos mostrar que «Sangue Cássia» não é o «Semente Pt. 2». Queremos chamar pessoas novas, pois o nosso som pode apelar a vários estilos, a pessoal do metal, do rock, até da pop.

Terás espaço nos *media* nacionais, fora do metal, para reconhecer o trabalho dos Sinistro?
Não é algo em que pensemos tanto assim. Quando falo em apelar a diversos estilos, é da experiência dos nossos amigos e das pessoas que vão aos nossos concertos. Uma amiga que leva outras pessoas que nem ouvem música pesada e que até gostam, e tentam perceber a banda. Perguntas se há espaço… há sempre espaço desde que as pessoas conheçam a banda e esta chegue a essas pessoas. Nos concertos que temos dado há sempre caras novas, sinal de que as coisas estão a correr bem.

Tu e o Paulo Lafaia estão envolvidos também em Besta, é fácil desligar desse ritmo e entrar na pele de Sinistro?
Há mais de uma década que faço música e sempre fui um gajo que não me quis restringir muito a uma determinada coisa. O metal e rock pesado são as minhas referências, mas quando tens paixão pela música e tocas em diversos grupos, queres entender outros tipos de música. Foi algo que eu e o Paulo sempre quisemos. Temos uma banda de grindcore de que gostamos, intensa, vibrante, e Sinistro foi algo que nunca nos passou pela cabeça fazer. Um dia tivemos vontade, achávamos que era engraçado, algo que podia ser fixe, resultar bem. Falo de resultar bem, no sentido de nos agradar. Fazer algo com teclados, que nunca nos passou pela cabeça antes – eu há vinte anos atrás até achava isso foleiro. [risos]

Ainda hoje não assumem as teclas em palco, usando *samples*!
Não assumimos nada, porque aquilo é disparado, é um *backing track* a tocar. Mas não é algo de que não gostemos, se tivessemos um teclista, que pudesse estar na banda, se calhar até equacionariamos tê-lo em palco, mas tem funcionado bem assim e não pensámos na hipótese de colocar mais alguém.

Mais um elemento até seria difícil de gerir, já que vocês tentam estar na sombra, quase um grupo em negativo, face à vocalista iluminada.
É nossa característica, a Patrícia ter o protagonismo. Ela é o fogo, que queremos para a banda, algo especial que gostamos de salientar. A voz dela é bonita, as letras dela são interessantes. Não pretendemos ter o "protagonismo".

PUNK CONTRA TUDO E TODOS

Os palcos portugueses têm-se visto recentemente conspurcados com os viscerais SYSTEMIK VIØLENCE. Em 2017, deram seguimento ao ano de estreia com dois *splits* e um LP, gravados ainda com a formação original que já não é a que sobe ao palco. A servir de pano de fundo para a conversa com o baterista Jöhnny Küso, estiveram duas bojardas de punk hardcore explicitamente alicerçado nas vertentes mais cruas do género, nomeadamente o *split* «Make Punk Raw Again» com os Dokuga e o antecipado «Satanarkist Attack».

LUÍS PIRES ESTEFÂNIA SILVA

A escrita destes dois novos lançamentos seguiu o mesmo processo de extrema espontaneidade que caracterizou o «Fuck As Punk»?
Todos os lançamentos até à data seguiram essa necessidade de fazer algo espontâneo, cru e imediato. Vamos para uma sala, começamos a trocar riffs e as malhas vão-se estruturando. O *modus operandi* é fazer o máximo possível numa sessão, o que ficar ficou; não se vem com ideias já feitas, é tudo feito na hora. Assim, obriga-te a focar apenas no momento.

Como é que surgiu e de que forma encararam a oportunidade de lançar o *split* com os Dokuga?
Os Dokuga são das poucas bandas de punk em Portugal com quem nos identificamos, tanto a nível sonoro como a nível de atitude. Já andam todos aqui há tempo suficiente para perceber bem a música que fazem e fazem-no à sua maneira, cagando-se para o que pensam deles. Para nós foi uma escolha mais que

acertada fazer um *split*, que acabou por surgir também de forma espontânea e muito casual.

A cena punk nacional, tal como a metal, é um alvo habitual do vosso veneno, à falta de melhor expressão. Que características vêem nos Dokuga que os diferenciam nesse meio?
É engraçado, porque o próprio nome deles, Dokuga, quer dizer veneno em japonês. Logo aí tens uma alusão à cena japonesa que também é prevalente no som deles; e em termos de atitude, eles também não têm papas na língua. Tanto no metal como no punk existe muita gente que se leva demasiado a sério ou que utiliza as contra-culturas para se refugiar da cultura *mainstream* e com isto acabam por envenenar a cena. A falsidade e a má-vontade imperam em ambos os canais e nós estamos aqui para apontar o espelho à cena e ao público, mas sem nunca nos esquecermos de o apontar a nós mesmos, porque ninguém é inocente. É tudo merda, incluindo nós mesmos.

O que é que queres dizer com o encontrar refúgio na contra-cultura e de que forma é que isso leva ao envenenamento da contra-cultura?
Muita gente entra numa contra-cultura porque se sente excluída de uma cultura de massas, não por opção própria, mas por rebelião. Os *social skills* fracos e a raiva juvenil fazem com que o punk, por exemplo, seja uma cena apelativa para pertencer. Mas, no fundo, não foram talhados para aquilo e acabam por envenenar a cena e torná-la submissa, monótona, e convencional. São *posers*, que depois se tornaram complacentes assim que arranjam uma réstia de vida normal. O punk acaba por ser um passatempo até conseguirem enquadrar-se no mundo "normal". Fazem tudo o que uma pessoa normal faz numa sociedade capitalista, alimentam a máquina, vivem de forma cruel e egoísta, mas no final do dia acham que estão a destronar o sistema porque vão para o Disgraça beber cerveja e usam uma *shirt* dos Dead Kennedys. Isto não é para qualquer um, acho que tens mesmo que ter um carácter especial e viver a vida que apregoas, não só para inglês ver. "*I'm a punk. I'm a freak. I hate you and you hate me.*"

Que aspectos particulares da cena punk sueca e japonesa que tanto vos influencia é que vos apelam?
Tanto na Suécia como no Japão, as bandas de hardcore – sim, na altura este tipo de punk chamava-se hardcore, antes dos *jocks* e dos mitras estragarem o termo – parece que tinham uma magia diferente do que se passava nos sítios mais usuais, como os Estados Unidos ou Reino Unido. As bandas suecas e japonesas pegaram em Discharge e quase que exageravam alguns elementos como a rapidez e a brutalidade. Eram putos a reagir ao mundo horrível que lhes era apresentado através do ecrã de televisão, sempre mais sujos e agressivos. Outra cena que nos influenciou muito foi a cena brasileira, tanto no lado dos Olho Seco, Cólera, e Ratos de Porão, como no lado dos Holocausto, Sarcófago, e Sepultura antigo. Onde há opressão de ideais, existe boa música a ser feita como resposta.

Vocês aliás citam os Sarcófago no anúncio do «Satanarkist Attack». Mais, mesmo com a «Retarded Metalhead» e a «Pussy Metal» nos *splits*, o disco tem a «Not A Gear In This Machine» e a «Merda» que tresandam a Hellhammer. Acrescentando a referência ostensiva ao Ross Bay quando tu e o Iggy Musäshi fizeram o DJ *set* no SMSF e percebe-se que há algo neste black metal antigo que também vos inspira, não?
Todos veneramos a primeira vaga de black metal, porque existia também um senso de espontaneidade e ingenuidade que é característica dos primórdios do punk. Venom, por exemplo, era praticamente uma banda de punk com um conceito lírico diferente. Notas também elementos de punk em bandas como Hellhammer, Bathory, ou Sabbat. O «Hear Nothing, See Nothing, Say Nothing» de Discharge é evidentemente uma influência para as bandas da primeira vaga do black metal. Acho que os dois estilos estavam intrinsecamente ligados e foram perdendo esta qualidade à medida que o género foi evoluindo.

Na «Merda», a abordagem do Zé Goblin de Trinta & Um tresanda a Adolfo Luxúria Canibal. Os Mão Morta constituem uma influência para vocês?
A «Merda» foi feita como um tributo a Hellhammer e ao lado B do «My War», porque em termos de atmosfera encontramos muitos pontos em comum em ambos. Desde o início, e visto que foi a primeira faixa que fizemos em português, pensámos logo em incluir um quase que *spoken word* reminiscente a Mão Morta. Parecendo que não, também é uma influência em termos de atitude para nós. Eles sempre tiveram aquele *vibe* do *"nós fazemos o que queremos e se não curtem, não é problema nosso"*. Acabámos por chamar o Zé Goblin dos Trinta & Um para gravar o tema connosco porque sabíamos que ele ia representar bem as ideias contidas na letra e porque todos respeitamos os Trinta & Um. Ao vivo, por vezes temos o Neverendoom dos Scum Liquor a destilar o ódio dele, o que dá uma outra camada de enxofre à malha.

Para terminar, é impossível dissociar um concerto vosso de uma postura de confronto. As reacções têm variado muito quando tocam para um público que, se calhar, é menos alvo do que quando tocam perante uma plateia mais abrangente, mas que se calhar não apanha a ironia subjacente?
Alguns percebem, mas a grande maioria fica a apanhar do ar. Os que mais ficam ofendidos são aqueles a quem o carapuço serve e a intenção é mesmo essa, atingir os que mais a sério se levam. Tentamos emular o ambiente que se vivia nos concertos dos 80s onde ninguém estava a salvo, o público era o inimigo e a arma era o punk. Como em todos os tipos de expressão, vai sempre existir uma grande maioria que não vai perceber, mas o que interessa é que dos 100 espectadores, três perceberam. Não seria de esperar que quem vive o punk e o metal de uma forma complacente e *by the book* entendesse o sarcasmo que nós apresentamos. Existem muitas referências e pequenos tributos às bandas de que gostamos em Systemik Viølence e fazemo-lo sobretudo com o nosso próprio gosto em mente. Nunca quisemos agradar a ninguém, senão tínhamos feito uma banda de "*bora lá caralho, apoiem as bandas nacionais!*" Mas no final do dia, ninguém disse que ia ser fácil. Como dizia o outro, "*eu quero é que o publico português se foda!*"

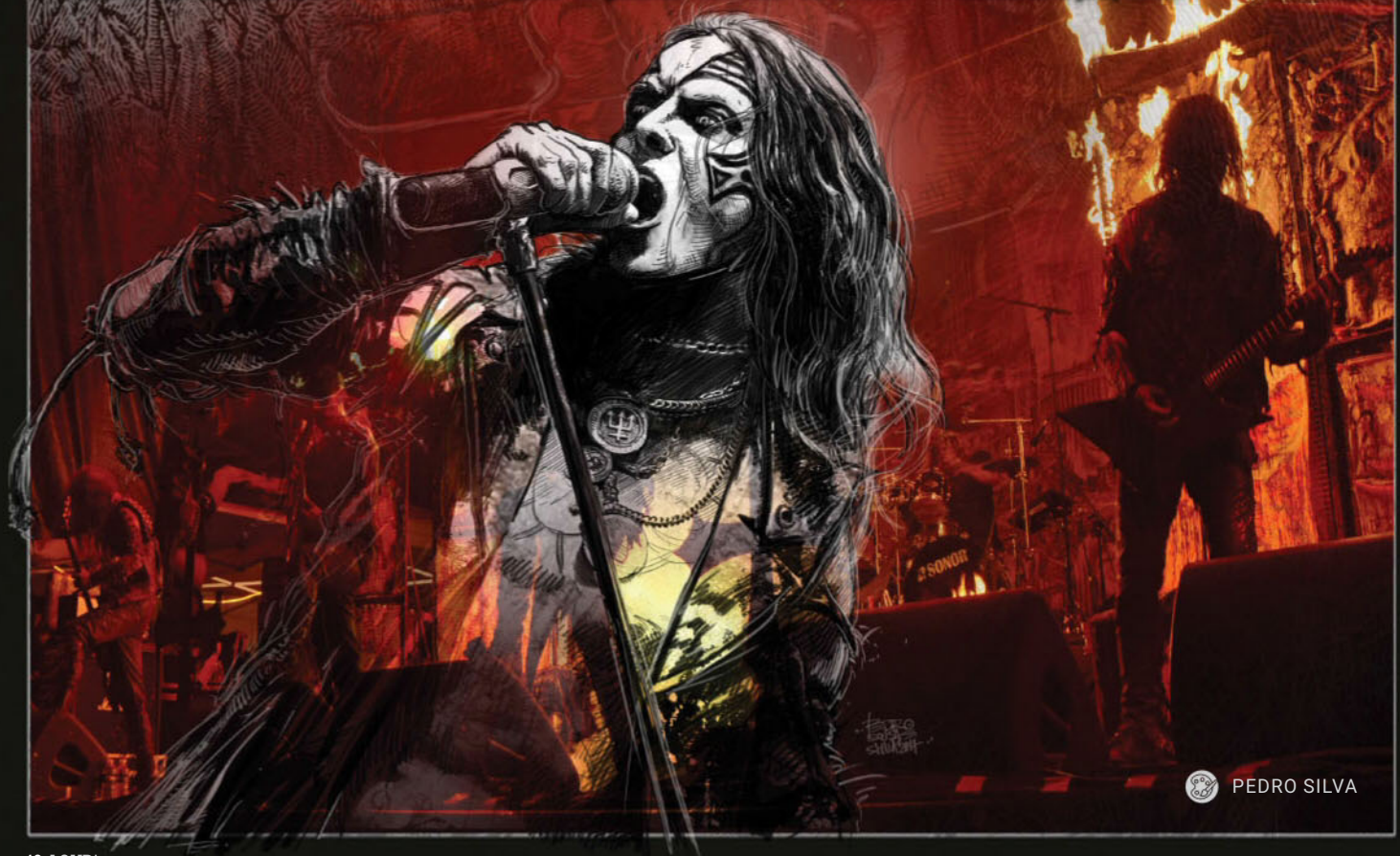
"Estamos aqui para apontar o espelho à cena e ao público, mas sem nunca nos esquecermos de o apontar a nós mesmos, porque ninguém é inocente. É tudo merda."

WATAIN

«Trident Wolf Eclipse»

[Century Media]

Dentro das idiossincrasias dos Watain, este «Trident Wolf Eclipse» dificilmente poderia ser mais diferente do antecessor, «The Wild Hunt», disco que revelou uma faceta mais madura e musical da banda sueca, mas fê-la perder a selvajaria e extremidade que sempre a caracterizou. Se por um lado, mostrou os Watain a tentarem sair da zona de conforto, por outro, paradoxalmente, levou-os a soarem seguros e previsíveis. A tão desejada sensação de perigo reaparece em força neste «Trident Wolf Eclipse», que de uma forma preguiçosa poderia ser resumido como uma mistura entre o black metal do «Casus Luciferi», a melodia do «Sworn To The Dark» e qualquer coisa que não destoaria no «Phoenix Rising», dos Deströyer666. A tudo isto ainda se junta uma ocasional atitude punk, bem patente logo na devastadora abertura que é «Nuclear Alchemy», talvez o tema mais violento que escreveram na última década. «Sacred Damnation», por seu turno, mostra que não se resumiram a mesclar o que fizeram no passado e que continuam sem medo de experimentar: aqueles riffs com o *wah-wah* são incendiários e o discreto, mas eficaz, uso de teclados só contribui para adensar ainda mais o macabro cenário sonoro. Depois há temas como «Teufelsreich», com mais melodia, a recuperar a familiar onda Dissection que se evidenciou de forma declarada no «Lawless Darkness», embora sem abdicar de furiosas explosões de velocidade, ou outros como «Ultra (Pandemonic)» onde fazem uma junção sublime do death e do black metal sueco, como se de repente tivessem sido possuídos pelos Entombed da era «Clandestine». O trabalho de guitarras vive muito da simbiose entre as atmosferas a meio-tempo e os arrepiantes zumbidos em *tremolo-picking*, com constantes harmonizações e ocasionais dedilhados ultra-melódicos a reforçarem a ideia de que os Watain são das bandas mais criativas e dinâmicas dentro do black metal. Bem mais curto, directo e focado do que quase todos os antecessores – em toda a discografia só o «Rabid Death's Curse» tem menor duração – «Trident Wolf Eclipse» marca o regresso triunfante dos Watain a um registo mais consensual e consentâneo com a sua restante obra. **[8.5] J.A.R.**



PEDRO SILVA

THE 3RD ATTEMPT

«Egocidal Path»
[Dark Essence]
Apesar do *corpsepaint*, da frieza das letras e da sonoridade (relativamente) intimidatória, esta banda norueguesa de black metal dá logo a entender, no título do primeiro tema, que isto de ser mauzão de tendências suicidas é perfeitamente compatível com bom-humor: «Blood, Dope And Black N Roll». Falamos do novo grupo do veterano Tchort e de Blood Pervertor, ambos ex-guitarristas de Carpathian Forest. Com um convincente Odemark na voz e o baterista dos Den Saakaldte, este segundo álbum é indicado para quem não gosta do seu black metal nem demasiado cru, nem demasiado descontraído. «Egocidal Path» carrega uma mensagem individualista, de liberdade total, com enfoque no suicídio, desde o nome da própria banda, a temas como «I'll Do It Now». O que não é totalmente convincente é a incursão por vozes limpas, retirando alguma agressividade ao quadro geral sanguinário. [7] N.S.

ABYSMAL GRIEF

«Blasphema Secta»
[Terror From Hell]
Já têm muitos anos disto, estes italianos, e isso percebe-se na maturidade com que encaram o seu género de eleição. Percebe-se porquê, nas mãos de uma banda mais inexperiente, este doom lânguido de laivos góticos, cheio de orgãos e daquelas melodias infantis simplistas todas *creepy* saídas de filmes de terror obscuros facilmente se espalharia ao comprido numa poça profunda de azeite. Aliás, é precisamente o maior afastamento dessa proximidade cinematográfica e todo o ambiente eclesiástico que constroem neste disco que ajuda a tornar o seu ambiente agradavelmente lúgubre e envolvente. Sem também atingirem picos de perfeição sublime, sempre na onda que os caracterizou ao longo dos anos e dos muitos lançamentos («Blasphema Secta» é já o seu quinto longa-duração em 22 anos cheios de EPs, *splits* e compilações várias), os Abysmal Grief escapam a todas essas armadilhas, e têm em «Ruthless Profaners» e nas suas *vibes* muito 60s *noir*, o melhor momento de um álbum de apenas cinco temas longos e uma *intro*, ou seja, a duração ideal e pontos extra por perceberem que ninguém aguentaria uma hora e tal disto. [6] J.C.S.

ACCUSER

«The Mastery»
[Metal Blade]
A história dos alemães Accuser já ultrapassa as três décadas, com alguma turbulência pelo meio, sendo «The Mastery» o 11º álbum de originais da sua longa história, embora o nome da banda esteja longe de ser citado enquanto influência para gerações vindouras. Aliás, quando percorremos a discografia do grupo liderado pelo vocalista e guitarrista Frank Thoms ficamos com a sensação precisamente do contrário, ou seja, que os Accuser são mais facilmente influenciáveis do que influenciadores. Dos primórdios thrash metal na década de 80 pouco resta além da voz e do peso das guitarras, mas esse está hoje muito mais focado no *groove* e numa abordagem mais moderna e formatada do que propriamente em arriscar o que quer que seja. Não que isso seja necessariamente mau, mas quando ouvimos repetidas vezes os dez temas de «The Mastery» e no final pouco ou nada fica para contar, então é sinal para alguma preocupação. A idade pode ser um posto, é verdade, mas isso só não basta, principalmente quando não faltam por aí "putos" a *thrashar* como gente grande e a banalizar o trabalho aqui apresentado por gente bem mais madura. [6] R.A.

ÆSTHETICA

«Sonorous Æon»
[Fysisk Format]
Oriundos de Kolbotn, o pequeno subúrbio florestal de Oslo que deu ao mundo da música extrema os inimitáveis Darkthrone, os Æsthetica demarcam-se da influência que o local Fenriz parece ter tido em outros projectos que os precederam naquela zona. O facto de darem atenção redobrada à proveniência, com a primeira frase do *press release* a descrever o local e o disco a começar com um curto *sample* que anuncia a chegada do ouvinte a Kolbotn, acaba por revelar-se uma *curveball*. O riff inicial de «Haze» remete para paisagens mais solarengas, com uma ginga declaradamente stoner, ampliada por um registo vocal corpulento à laia de todos os nórdicos que gostavam de ser californianos. Ao contrário dos vizinhos Obliteration, que chafurdam no lamaçal do blackdeathrash, este quarteto abraça sons e texturas bastante mais contemporâneas e, logo ao segundo tema, de título «Todesfuge», atira-se ao post rock instrumental com riffs bem marcados. Na seguinte «La Paz» mantêm esse registo, mas adicionam-lhe riffs stoner e um registo vocal mais épico. E pronto, daí ao fim do disco andamos a saltitar entre pequenas variações deste conceito, às vezes a pender até para o doom mais tradicional (em «Worshipper»). Sem que haja algo de propriamente errado neste híbrido de stoner/post/doom, a verdade é que, no final, estes seis temas deixam no ar uma sensação de *patchwork* que revela a falta de coesão e criatividade necessárias para os podermos ver como mais que coladores de *clichés*. [5] J.M.R.

AGRIMONIA

«Awaken»
[Southern Lord]
Quem estiver familiarizado com o excelente «Rites Of Separation», editado em 2013, não vai ficar muito surpreendido com este «Awaken», que longe de ser uma réplica, acaba por assentar nos mesmos princípios fundamentais. Com raízes no crust e no hardcore, ainda bem evidentes no que fazem hoje em dia, a proposta dos Agrimonia acaba por focar-se mais do que nunca em elementos de death metal melódico e post metal, o que tendo em conta que estamos a falar de membros de Skitsystem, Martyrdöd, Miasmal e At The Gates, não será propriamente de estranhar. «Awaken» é um álbum de temas longos, repletos de harmonias que colam no ouvido. As guitarras, que até parecem menos intrincadas e progressivas do que no passado, alternam entre riffs realmente bons com uma fluidez desarmante e, com o apoio de teclados em pano de fundo, são capazes de dar profundidade aos temas. Mesmo nas partes crust, a banda sueca consegue manter a atmosfera que sabe construir pacientemente, como se nos contasse uma história. Se a influência de At The Gates (dos primeiros discos) surge a espaços, são alguns riffs numa onda Martyrdöd que mais se evidenciam, até porque neste con-

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
SHINING - X - VARG UTAN FLOCK (ED. LDA BOX)
WATAIN - TRIDENT WOLF ECLIPSE (ED. LDA)
DESIRE - INFINITY... A TIMELESS JOURNEY (ED. LDA CD/LP)
GODFLESH - POST SELF + STREETCLEANER LIVE 2011
ORPHANED LAND - UNSUNG PROPHETS & DEAD MESSIAHS
MOONSPELL - 1755 (ED. DIGIPACK / LP)
NORTT - ENDELIGT (ED. LDA)
SUMMONING - WITH DOOM WE COME
GHOST - CEREMONY AND DEVOTION [LIVE] 2CD
SINISTRO - SANGUE CÁSSIA (ED. LDA CD /VINIL)
ARKONA - KHRAM
LEAVES' EYES - SIGN OF THE DRAGONHEAD
LIONE/CONTI - LIONE/CONTI
ANVIL - POUNDING THE PAVEMENT
MAGNUM - LOST ON THE ROAD TO ETERNITY
ANNIHILATOR - FOR THE DEMENTED
THE POODLES - PRISMA
LOUDNESS - RISE TO GLORY
MYSTIC PROPHECY - MONUMENTS UNCOVERED
BEAST IN BLACK - BERSERKER (ED. LDA)
IRON SAVIOR - REFORGED - RIDING ON FIRE
MONOLITHE - NEBULA SEPTEM
MARE COGNITUM - THE SEA WHICH HAS BECOME KNOWN
PORTAL - ION
HOODED MENACE - OSSUARIUM SILHOUETTES
PHIL ANSELMO & THE ILLEGALS - CHOOSING MENTAL ILLNESS
TRIBULATION - DOWN BELOW (ED. LDA BOX)
BLUT AUS NORD - DEUS SALUTIS MEÆ (ED. LDA)
DIABLO SWING ORCHESTRA - PACIFISTICUFFS
KAUAN - KAIHO (ED. LDA DELUXE)
HALLATAR - NO STARS UPON THE BRIDGE
ENSLAVED - E (ED. LDA DELUXE / VINIL)
IN VAIN - CURRENTS
www.piranhacd.com
SLOW - V . OCEANS
TAAKE - KONG VINTER
AMENRA - MASS VI
CONVERGE - THE DUSK IN US (ED. DELUXE COVER ART)
VUUR (ANNEKE VAN GIERSBERGEN) - IN THIS MOMENT WE ARE FREE
ALMANAC - KINGSLAYER (ED. LDA CD+DVD BOOK)
FLEURETY - WHITE DEATH (ED. LDA)
SHINING - FIENDE [EP] VINIL 10"
FLAGELLUM DEI - LORD DIABOLUS THRONE
FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM-INMUNDITIA ODII PLENA
IRAE - ORGIAS DE MALDADE (ED. LDA)
FORGOTTEN TOMB - WE OWE YOU NOTHING (CD/BOX)
BIZARRA LOCOMOTIVA - ALBUM NEGRO + LIVRO NEGRO
MACHINE HEAD - CATHARSIS (ED. LDA)
CANNIBAL CORPSE - RED BEFORE BLACK (ED. LDA 2CD)
MORBID ANGEL - KINGDOMS DISDAINED (ED. LDA / BOX)
WITCHERY - I AM LEGION (ED. LDA DIGIPACK)
SEPTIC FLESH - CODEX OMEGA (ED. LDA 2CD)
CRADLE OF FILTH - CRYPTORIANA: THE SEDUCTIVENESS
SATYRICON - DEEP CALLETH UPON DEEP (ED. DELUXE)
SAMAEL - HEGEMONY (ED. LDA DIGIPACK)
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAIS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

texto têm mais tempo e espaço para marcar posição. Maioritariamente a velocidade moderada e com uma interessante dicotomia entre peso e melodia, «Awaken» é fértil em fluidas mudanças de texturas, mantendo, no entanto, uma ambiência comum do início ao fim. De uma forma geral, revela uns Agrimonia mais suaves e maduros, porém, o rosnar grave, *crusty* e unidimensional de Christina Blom, mais sexto instrumento do que outra coisa qualquer, dá-lhes aquela pitada de nervo e extremidade que os distingue entre a multidão. [8] J.A.R.

ANVIL
«Pounding The Pavement»
[Steamhammer/SPV]

É preciso admirar a resiliência de Steve "Lips" Kudlow (guitarra e voz) e Robb Reiner (bateria), pois há quase quarenta anos que se mantêm indefectíveis no seu trajecto musical. «Pounding The Pavement» traz-nos mais uma vez aquela sonoridade directa e suja dos Anvil, com malhas que nos levam de volta ao início dos anos 80, a uma altura em que tudo era muito mais simples e inocente. «Bitch In The Box» abre o disco com uma malha que nos leva automaticamente a abanar compassadamente a cabeça, ritmo que será acelerado na seguinte «Ego». Mais à frente, «Smash Your Face» prova-nos que não é preciso rapidez para ter um tema pesado, «Rock That Shit» mostra-nos a ligação evidente entre o rock'n'roll e o heavy metal, «Let It Go» apresenta os dotes de guitarrista de "Lips" e «Black Smoke» patenteia a ligação entre a sonoridade dos Anvil e a dos Motörhead. Todas as virtudes e defeitos dos Anvil continuam claras, mas algo é garantido, ninguém ficará indiferente a «Pounding The Pavement». [7.5] C.G.

AUDREY HORNE
«Blackout»
[Napalm]

Os veteranos Audrey Horne estão de regresso com mais um potente álbum de hard rock bem oleado seguindo a linha musical dos trabalhos anteriores. Como tal, «Blackout» não surpreende mas não é totalmente sensaborão, possuindo uma energia e espírito dignos do hard rock dos anos 80. Dos épicos e longos riffs de guitarra até ao uso e abuso de sintetizadores, aqui tudo está ligado a alta voltagem. Por conseguinte, as composições são tecnicamente arrojadas, embora as melodias por si só sejam apenas visitas ao passado, como é, convém frisar, o objectivo dos Audrey Horne. Como tal, «Blackout» é um disco cru, tecnicamente soberbo, que peca apenas por alguns momentos de algum pretensiosismo não deixando garantir entretenimento puro. [7] A.F.C.

BLACK LABEL SOCIETY

«Grimmest Hits»

[Spinefarm]

Zakk Wylde é um daqueles personagens de que é difícil não gostar. Para além do seu enorme talento enquanto guitarrista, tem uma forma de estar e um comprometimento com a sua música ímpares. Apesar de ter regressado ao posto de guitarrista de Ozzy Osbourne (seu por direito pois, juntamente com Randy Rhoads, foi quem sempre mais se evidenciou), Zakk Wylde não esquece os seus Black Label Society e presenteia-nos com este «Grimmest Hits». Ao contrário do que o título poderá sugerir, temos aqui doze temas fresquinhos onde as influências *sabbathianas* e o southern rock (e por consequência o blues) estão omnipresentes. Vocalmente Zakk soa por vezes cada vez mais como o seu grande mentor Ozzy Osbourne, mas mantém aquela particularidade que permite identificarmos a banda logo ao primeiro riff ou à primeira linha vocal. O décimo álbum de estúdio inicia-se com «Trampled Down Below», com o baixo de John DeServio a destacar-se nos primeiros segundos até levarmos com a descarga sonora da guitarra de Zakk. «Seasons Of Falter» poderia perfeitamente encaixar num disco a solo de Ozzy enquanto que em «The Betrayal» voltamos a sentir os graves do *groove* do tema. «The Only Words», «The Disbelief», «The Day That Heaven Had Gone Away» e «Nothing Left To Say» mostram a faceta mais emotiva de Zakk, enquanto «Room Of Nightmares» ou «Bury Your Sorrow» simbolizam bem a sonoridade dos Black Label Society. De quem, tal como o seu líder, é difícil não gostar. **[8.5]** C.G.

AUTOPSY
«Puncturing The Grotesque»
[Peaceville]

Ninguém adivinharia, durante os anos de ausência dos Autopsy, que este mítico monstro do death metal norte-americano regressaria com esta pica toda, cheios de vontade de fazer muitos (e muito bons!) discos, e até de nos ir saciando a fome com um EPzito ou outro, bem colocados temporalmente, como é este. «Puncturing The Grotesque» dá a entender que a inspiração continua num ponto altíssimo lá para os lados de Oakland, já que apesar de curtinho (seis temas em 23 minutos) como se quer num bom EP, tem variedade a rodos e um ou outro *highlight* que até podemos imaginar como parte dos *setlists* futuros. Começa logo bem, depois da *intro*, com o tema-título, um malhão acelerado todo Motörhead-*izado*, um registo invulgar para a banda mas que atinge o alvo em cheio. O diametralmente oposto dá-se ao quarto tema, com «Gas Mask Lust» a reduzir a velocidade até chegar a um *tempo* sludge/doomesco com algumas das regurgitações vocais mais imundas que o Chris Reifert já conseguiu expelir. E dado o histórico do homem, isso não é dizer pouco. Para terminar, uma *cover* dos Bloodbath (tirada do *split* 7" que editaram juntos, onde os Bloodbath contribuem com uma *cover* dos Cancer, do tema... «Blood Bath»), eles que iniciaram a sua existência praticamente como banda de adoração exclusiva aos Autopsy. Uma pescadinha de rabo na boca estragada e cheia de bicho – perfeita, portanto. [8] J.C.S.

BLEEDING GODS
«Dodekathlon»
[Nuclear Blast]

Temos aqui death metal holandês, não tanto naquela veia bélica ao género de Asphyx ou Hail Of Bullets, mas impregnado de mais melodia, a fazer lembrar uns God Dethroned, a espaços. Na verdade, apesar deste quinteto ser de formação recente, começou por incluir ex-membros de bandas experientes como Sinister, Supreme Pain e Altar. Ramon Ploeg, o guitarrista fundador, é um ex-Houwitser que ambicionava por algo mais épico e menos técnico. E, de facto, os Bleeding Gods incutem um forte lado orquestral ao seu metal extremo, podendo-se também estabelecer uma comparação com os Septicflesh nesse departamento, com as devidas distâncias. De resto, «Dodekathlon» aparece escrito em grego na capa deste segundo álbum, não escondendo, a banda, o seu interesse temático pelas antigas civilizações da Grécia, Egipto ou Maia. Este disco em particular versa sobre os "doze trabalhos de Hércules", representados em doze músicas. Interessante, histórico e musicalmente cativante, mas longe de ser um trabalho hercúleo. [7] N.S.

MERCHANDISE OFICIAL
UNKIND
IRON MAIDEN
THE BOOK OF SOULS
LIVE CHAPTER
EXODUS
TESTAMENT
MERCHANDISE OFICIAL DE MÚSICA
MAIS DE 5.000 ARTIGOS DAS TUAS BANDAS FAVORITAS
VISITA A NOSSA LOJA EM WWW.UNKIND.PT
10%
FINALIZA UMA ENCOMENDA NO SITE E INSERE O CODIGO JAN63
DESCONTO VALIDO ATÉ DIA 30 JAN PARA TODOS OS ARTIGOS DO SITE
EXCEPTO BILHETES E ARTIGOS QUE ESTEJAM EM PROMOCAO

CENTURIES

«The Lights Of This Earth Are Blinding»

[Southern Lord]

Quatro anos volvidos da estreia «Taedium Vitae», os Centuries regressam com «The Lights Of This Earth Are Blinding». Ainda que se mantenham algumas colagens a Converge e que o tema-título nos dê vontade de ouvir o «Seizures In Barren Praise», o som do quarteto está definitivamente mais personalizado. É de realçar a capacidade de conseguir um som musculado e agressivo sem no entanto atravessar a linha que separa o hardcore visceral e sério do seu familiar mais preocupado com *selfies* no ginásio, como em «A Bow Across A Sting». Mais, o que antes era experimentação algo desconexa agora resulta numa sensação de ar rarefeito no final de «The Climb» ou no integrar na narrativa a sensação de uma malha de três minutos se arrastar sem nunca o fazer. Destaque-se ainda a variedade no álbum, a desarmante fragilidade acústica em «Fury» é mesmo um dos destaques, e a forma como os apogeus fáceis são evitados. Para relembrar que a Southern Lord não brinca em serviço. [7.5] L.P.

CIRCLE OF SALT

«Suffer The Cold»

[Avantgarde]

Em ano de novo disco dos influentes Wolves In The Throne Room, o impacto deixado pelo excelente «Thrice Woven» ainda está bem presente na nossa memória e, quiçá, na nossa dieta musical diária. É, por isso, de certa forma fácil estabelecer um paralelismo mais directo e imediato com discos que se movam no mesmo espectro musical e conceptual, como é o caso deste «Suffer The Cold». Resultado da mente e do talento de um só homem, o multi-instrumentista e compositor Maikan, esta *one man band* canadiana tem na frieza e no extremismo do black metal a sua base e na atmosfera negra e dilacerante a sua essência, desenvolvendo-se ao longo de dois longos temas que, no seu conjunto, perfazem 38 minutos de uma experiência sensorial exigente mas claramente compensatória. Tanto o tema-título como a faixa que o sucede, «Beneath The Frozen Moon Of Imbolc», adoptam uma estrutura semelhante, lançando-se a nós com uma ferocidade primitiva que, a meio de cada tema, evolui para um hipnótico enleamento que nos transporta para um contexto transcendental e emocional. O resultado é suficientemente convincente para nos levar a colocar este projecto no radar de nomes a acompanhar num futuro próximo. [7] R.A.

CONAN

«Man Is Myth – Early Demos»

[Napalm]

Jon Davis dificilmente poderia ter arranjado uma melhor designação para a música que anda a fazer desde 2006. Isto é, como ele gosta de lhe chamar, Caveman Battle Doom, consentâneo com a identidade musical de uma banda que foi buscar o nome do mais famoso bárbaro imaginado por Robert E. Howard. Ao longo de três álbuns devastadores, intercalados com algumas paragens e mudanças de formação, o trio de Liverpool foi desenvolvendo a sua personalidade corpulenta e musculada, feita de riffs do tamanho do mundo, distorção granulada, balanço demolidor e gritos sofridos. Foi, de resto, dessa matéria bruta – que vai directa ao assunto sem grandes rodeios, que não faz prisioneiros e que, entre monossílabos, usa o machado sempre que pode – que se fizeram «Monnos», «Blood Eagle» e «Revengeance». «Man Is Myth – Early Demos» assenta exactamente nesses predicados e nem podia ser de outra forma, sendo que grande parte destes sete temas foi incluída no EP de estreia «Horseback Battle Hammer» e nos três registos de longa-duração que se seguiram. Os primeiros quatro do alinhamento, captados num ensaio, mantêm a identidade forte mas, culpa do som, falta-lhes o "corpo" que faz actualmente dos Conan uma das propostas mais apelativas neste espectro. Os outros três, gravados num estúdio, têm ligeiramente mais força, sendo que o último, o épico de quinze minutos «Doomed Iron Boss», ganha mais impacto por ser o único nunca antes disponibilizado. Longe de ser um título essencial, este disco prova que, mesmo nas versões mais embrionárias, os temas dos Conan são o mais perto que algum dia vamos estar de sentir que fomos pisados brutalmente na cabeça sem termos ido ao Urban Beach. [7] J.M.R.

DEATH OF LOVERS

«The Acrobat»

[DAIS]

Depois de, há já quase quatro anos, terem deixado muito boas impressões com o EP de estreia «Buried Under A World Of Roses», os Death Of Lovers estão de regresso com o primeiro registo de longa-duração, como que a provar que – a contrariar as piores expectativas – este projecto não foi apenas uma aventura fugaz. Composto por ¾ dos muito aplaudidos Nothing, o quarteto inclui na formação Domenic Palermo, Nick Basett e Kyle Kimball que, com a ajuda de Cecilia Liu, canalizam aqui toda a sua paixão pelo post punk e pela electrónica de toada gótica muito característica dos 80s. Com os teclados a tomarem o lugar das guitarras que tanta proeminência têm na banda-irmã, os Death Of Lovers encarnam na perfeição o espírito de uma outra época em temas carregados de melodias orelhudas e ganchos pegajosos que desembocam – quase sem excepção – em refrães pensados para ficarem colados ao córtex cerebral do ouvinte logo à primeira rodagem. Mantendo-se fieis às regras básicas de um estilo em que, bem vistas as coisas, foi tudo feito e refeito, vezes sem conta, os Death Of Lovers não estão aqui para reinventar nada, mas a capacidade que têm para escrever grandes temas faz-nos esquecer a sensação de que já ouvimos isto tudo em discos dos New Order, The Cure, The Jesus And Mary Chain ou Dinosaur Jr. [7.5] J.M.R.

DISAFFECTED

«The Trinity Threshold»

[Chaosphere]

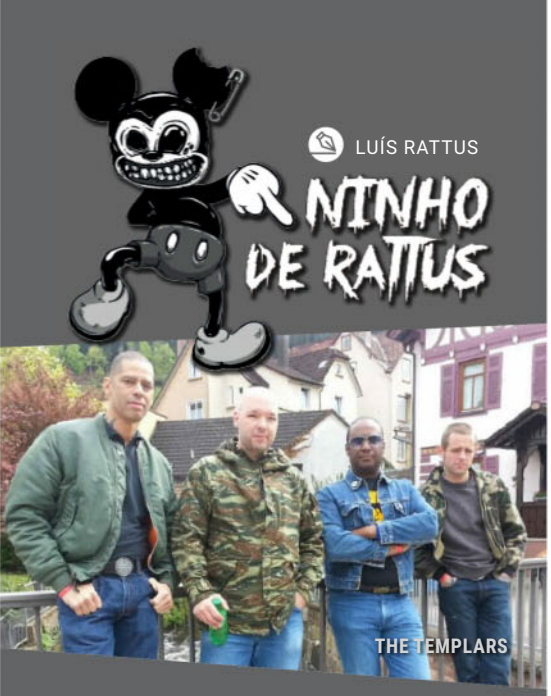
Um dos grupos lendários do metal nacional, pioneiros do death metal técnico, os Disaffected têm como defeito a irregularidade editorial e uma história com imensos anos de inactividade, de tal forma que a lentidão nos processos editoriais diminuiu o impacto do grupo. É assim que, ao fim de cerca de 25 anos de carreira, aparece agora o terceiro título, numa formação em que apenas o baixista António Gião vem dos anos 90, com os restantes só chegando às suas funções após 2014. Neste «The Trinity Threshold», o death técnico já não soa tão esmagador como antes, e mesmo com os excelentes solos de Bruno Vicente, percebe-se que a composição não fez o *upgrade* necessário. No entanto, não é aqui que reside o maior problema: onde se nota maior desequilíbrio é na produção e misturas finais, principalmente ao nível de coros, com as vozes demasiadamente em segundo plano. Com outra produção, poderíamos ter aqui um disco clássico. [7.5] E.F.

DRUID LORD

«Grotesque Offerings»

[Hells Headbangers]

«House Of Dripping Gore» abre o disco e desde o primeiro urro que os Celtic Frost ficam na cabeça. Uma nova escuta do álbum permite afastar a nuvem da influência e perceber uns solos de guitarra, demasiado clássicos para tudo se resumir a uma cópia de «Circle Of The Tyrants», com a *outro* «Final Resting Place» a introduzir ainda um toque psicótico ao disco. Ao fim de oito anos, este quarteto de Orlando consegue ter tanto de interessante como de *déjà vu*. Este segundo longa-duração passa por um doom de influências claras, por vezes atravessando campos do death, e outras indo a referências mais tradicionais, como na fabulosa «Black Candle Seance». No entanto, são demasiados os temas em que se aborda o som do mítico trio suíço. Algo que passará ao lado de recém-chegados ao terreno, mas que será demasiado óbvio para os iniciados nos clássicos. Se não interessa a originalidade, então está aqui um dos melhores discos de doom de 2017. [7] E.F.



Passados doze anos, os nova-iorquinos **THE TEMPLARS** têm novo álbum. «Deus Vult» é lançado com grande expectativa após tão longo interregno, e embora não seja nenhuma pedrada no charco, a verdade é que também não desilude e não mancha a carreira de culto da banda, que assenta o seu imaginário conceptual na história templária. Com edição americana através da Pirates Press Records e europeia através da Randale Records, sempre com a bênção da Templecombe (selo do próprio grupo), o disco comporta doze temas com a forte personalidade da banda. Oi! mais clássico mesclado com influências de bovver rock e de glam, guitarra por vezes a recordar o punk britânico mais obscuro da segunda vaga em algumas músicas como «Propaganda». Temas como «Take A Stand» ou «Middle Road» prometem rodar bastante no prato e dão-nos como missão cumprida este novo trabalho. Pena é que o *artwork* não acompanhe o resto.

Mudando de registo, vamos de encontro aos **THE TROUPER'S SWING BAND**, banda espanhola que nos presenteia com um neo swing carregado de *groove*, com uma boa secção de sopros e uma voz com bastante carisma e fabulosos graves. «Sospechosos Habituales» é o primeiro longa-duração, depois do EP de apresentação em nome próprio de 2014. Onze temas incluindo entre os originais duas versões de Steve Perry. Continuando no swing mas num registo mais clássico, com toques de blues e jive dos anos 40 e 50, encontramos o novo disco de **RAY COLLINS' HOT CLUB**, o oitavo álbum da recheada carreira. «1 To 5 Jive» tem o carimbo da Brisk Records mais uma vez, e encontra o colectivo alemão em topo de forma. Músicos de eleição em forma selvagem, mas com muita classe, sem qualquer sombra de dúvida um dos grandes nomes da cena swing actual. Disco obrigatório.

Os **ARMADA** são uma nova banda streetpunk brasileira nascida das cinzas dos lendários Blind Pigs, após a morte dolorosa do guitarrista Fabiano. Liderados por Henrike Baliú, importante personagem da cena punk canarinha, a Armada cimenta o seu imaginário na vida náutica e sua dura realidade. O single «Bandeira Negra/Eterno Marujo» marca a estreia do colectivo através da Comandante Records, sendo um excelente cartão de visita. Punk rock comprometido, um cheirinho de folk *à la* Dropkick Murphys, um *feeling* que nos leva para um bar repleto de marinheiros queimados pelo sol, onde o Johnny Cash foi ouvir um bom punk rock na velha jukebox. Ideal para fãs de bandas como Generators, Secret Army, Social Distortion ou Alternate Action. O primeiro álbum está a caminho e promete ser uma bomba, tenham atenção marujos!

EARTH DRIVE

«Stellar Drone»
[Raging Planet]
Ainda em clima de celebração da sua primeira década de existência, os portugueses Earth Drive vêem finalmente editado o seu primeiro longa-duração, sendo o culminar de um percurso no qual solidez, sobriedade e talento compõem uma receita que, mais cedo ou mais tarde, daria os seus frutos. «Stellar Drone» é o espelho de uma banda madura e de vincada personalidade, capaz de reunir na sua sonoridade elementos e influências de paisagens distintas sem, no entanto, amarrar-se a qualquer género ou banda específica. O universo stoner rock é, porventura, a base que sustenta canções que evoluem para o psicadelismo musical e conceptual de uns Tool com a mesma naturalidade com que nos embalam em texturas post rock tão arrebatadores quanto melancólicas próprias de uns Russian Circles ou Explosions In The Sky. Sem almejar virar o foco para a sua voz e para a sua prestação, a vocalista Sara Antunes é apenas mais um elo (embora fundamental) que confere coesão e unicidade a um disco que se desenvolve em crescendo de intensidade e que alcança a sua plenitude no tema-título, uma canção de um magnetismo que se alastra a «Are We Drowning In Digits» e que coloca na dicotomia entre uma abordagem mais contemplativa e outra dominada pelo peso monolítico das guitarras a pedra de toque. Uma banda a ter em muita consideração no panorama nacional. [8] R.A.

FIVE FINGER DEATH PUNCH

«A Decade Of Destruction»
[Eleven Seven]
Colectânea a cobrir um período de inacção editorial de um dos poucos nomes americanos, surgidos neste século, que ainda podem encher estádios. Pelo meio, uma acção judicial por parte da (antiga) editora, rumores de partida do vocalista, desavenças, *rehab reports*... todo um conjunto de problemas que prometem uma futura biografia suculenta, mas que para já levam à necessidade de tapar buracos. E quando se tem tantos *hits* e temas orelhudos, como «Lift Me Up» ou «Under And Over It», ou um bom pacote de baladas melosas, então os buracos tapam-se bem, pelo menos até à próxima notícia de saída de um elemento do grupo ou formação de um nome paralelo. Alternando entre os temas mais pesados e as baladas, o disco pode soar desequilibrado, mas pode-se sempre ouvir apenas as faixas mais pesadas, ou as restantes. Quanto aos temas novos, «Trouble» e «Gone Away» são bons exemplos da dinâmica do disco: *fast track/slow track*; de resto são apenas motivos para haver mais um vídeo. [6.5] E.F.

FUNERAL CHANT

«Funeral Chant»
[Caverna Abismal]
É sempre agradável sermos confrontados com a resposta a algo que nem sabíamos que questionávamos. Nesta interessante estreia homónima dos Funeral Chant, ficamos a saber o que aconteceria se pegássemos na sonoridade lo-fi do death/black metal das cavernas de uns Vassafor *circa* «Call Of The Maelstrom» e lhe substituíssemos a grandiosidade e a atmosfera ritualista pela veneração de riffs *old school*. É uma espécie de espécie de adaptação para as grutas contemporâneas daquele proto blackdeathrash de uns Possessed ou Death Yell, mais focado em virulentos e bem-definidos riffs. Tanto temos malhas como «Cacophony Of Death», recheadas de death metal *old school,* como a mais ominosa faixa-título, tanto capaz de evocar Bathory como de nos espetar thrash pelo caminho. Fica uma intensa curiosidade sobre os próximos passos por onde vão guiar esta ideia, até porque dá a sensação que um mero aprimorar do que tão bem resultou na estreia parece ser o caminho menos interessante a seguir. [7] L.P.

HARAKIRI FOR THE SKY

«Arson»
[Art Of Propaganda]
Os dois últimos álbuns dos Harakiri For The Sky, «Aokigahara» e «III: Trauma», de 2014 e 2016, respectivamente, foram uma espécie de revelação – uma poderosa amálgama de black metal e post metal atmosférico, tão catártica como bonita e dolorosa. Não é, por tudo isso, propriamente estranho que «Arson» seja um dos lançamentos mais esperados de 2018 para quem gosta deste tipo de sonoridade que tem tanto de contundente como de planante. Se há algo que «Fire Walk With Me», o tema de abertura deste quarto registo de longa-duração da dupla formada por M.S. e J.J., prova, é que, os músicos podem bem ter excedido a fasquia elevada pelos seus antecessores. Não se ouve aqui nada de propriamente revolucionário, ou que não tenham feito antes, é certo, mas ao longo de oito temas, a música dos Harakiri For The Sky apresenta-se como uma experiência cada vez mais intensa, dinâmica e emotiva. Num híbrido da direcção mais melódica patente no «III: Trauma» e do melodeath infundido de pós-black de «Aokigahara», os dois músicos – coadjuvados pelo talentoso baterista polaco Krimh (ex-Decapitated e Behemoth) – mostram um ouvido apurado para a escrita de melodias evocativas, uma gama impressionante de progressões de guitarra envolventes e uma compreensão perfeita do que é a escrita de temas que, pese a duração maioritariamente longa, soam sempre orelhudas. No final, «Arson» constitui uma prática imersiva e, provas faltassem, coloca estes austríacos entre os representantes mais ilustres de um nicho que se situa na ténue linha que separa o melodeath de teor mais depressivo e o black moderno de cariz melódico. [8] J.M.R.

HEIDEVOLK

«Vuur Van Verzet»
[Napalm]
É com uma formação semi-renovada que os holandeses se apresentam no seu sexto álbum «Vuur Van Verzet». No entanto, a entrada de Kevin Storm (guitarra) e Jacco de Wijs (voz) não alterou esteticamente a sonoridade dos Heidevolk, mantendo-se como um dos estandartes do pagan folk metal. O espírito reinante na região dos que historicamente chamamos de bárbaros, no período da queda do império romano, está bem audível em malhas como «Ontwaakt» ou «The Alliance». O mesmo se passa, principalmente na segunda metade disco, com a mitologia desses povos em temas como «Tiwaz», «Gungnir» ou «Het Juk der Tijd». Neste álbum os Heidevolk continuam a cantar predominantemente em neerlandês, com «Wolf In My Heart» a destacar-se por ser o único a ser completamente interpretado em inglês e pelo estilo mais acessível do mesmo. Menção ainda para «Britannia», «Yngwaz Zonen», «Woedend» e para o instrumental «Het Oneindige Woud». [7] C.G.

IN FLAMES

«Down, Wicked & No Good»
[Nuclear Blast]
EP de versões. Apenas em formato digital. Os três termos referem-se aos títulos das três gravações de estúdio. E temos também «Hurt» ao vivo, original dos Nine Inch Nails, popularizado por Johnny Cash. Poderíamos *brincar* com algo do género – *In Flames estão down*… ou *no good*, tal a descaracterização que a banda sueca revela se comparada com a sua essência de outrora. Mas a verdade é que este conjunto de *covers* nos soa *wicked*, perverso. «Down, Wicked & No Good» está longe de ser um *bom* lançamento de In Flames, entenda-se. Mas, afinal, o que é ser *bom*? Quando saiu o álbum anterior, dei aqui nota [6]. E depois, dei por mim a ouvi-lo mais vezes com agrado. Há pouco ou nenhum peso nestes vinte minutos, isto é tudo muito mais ambiental do que metal ou mesmo rock, já "toda a gente" fez versões de «Wicked Game» e «Hurt», «Down In A Hole» parece uma reincarnação dos Alice Chains no corpo dos Linkin Park (desculpem a tétrica associação), «It's No Good» faz-nos ter saudades da outra Depeche Mode, «Everything Counts», gravada há vinte anos, mas… isto ouve-se bem. Anders Fridén está a cantar extremamente bem. Falta é muita coisa mais; risco, por exemplo. Daí a mesma nota, mesmo que se *ouça bem*. [6] N.S.

KING GIZZARD & THE LIZARD WIZARD

«Polygondwanaland»
[Edição de Autor]
A máquina lisérgica dos australianos, uma das bandas mais trabalhadoras do momento (é o seu quarto disco este ano) continua bem afinada, estando agora mais direccionada para experimentalismos rítmicos tribais, devaneios psicadélicos dignos de uns Grateful Dead e a continuidade de letras minimalistas. Por momentos, o rock hipnótico de «Flying Microtonal Banana» emerge deliciosamente em «Desert Dunes Welcome Weary Feet» ou na inebriante «The Fourth Colour». Mas no fundo, «Polygondwanaland» pouco acrescenta à discografia de qualidade já lançada este ano pelo septeto, soando mais a uma *jam session* de experimentação criativa e divertimento. [6.5] A.F.C.

KRALLICE

«Loüm»
«Go Be Forgotten»
[Gilead Media]
Ultrapassadas as dores de crescimento do período pré-«Ygg Huur», os Krallice encontraram definitivamente a sua zona de (des)conforto: nas franjas progressivas do black metal, onde erigem complexas construções à base de dissonância e mutação constante. Os dois discos agora editados não alteram o estado de coisas, mas oferecem uma perspectiva complementar do que se tornaram os Krallice. Em «Loüm», as inexoráveis sequências de riffs e bateria são bombardeadas pela gutural voz do Dave Edwardson dos Neurosis, que ainda acrescenta uma camada de inferno-por-sintetizadores aos procedimentos. De difícil e desafiante digestão, é a mais crua das novidades em termos de instrumental e estrutura. [8] O torrencial «Go Be Forgotten», se menos intenso do ponto de vista vocal, tem um som mais cheio e um fascinante incremento de variedade. Juntando-lhe um reforçado pendor melódico, a absorção individual das passagens é facilitada. No entanto, o ritmo impresso pelo Weinstein e pelos malabarismos de guitarra nos primeiros vinte minutos é tal, que chegado o momento para respirar na subtilmente desconfortável «Quadripartite Mirror Realm», já não há grande vontade ou força para tal. Mais, se em «Loüm» só nos apercebemos do grau da tareia que levamos quando a peça nos larga, a referida pausa de «Go Be Forgotten» torna «Ground Prayer» numa montanha auditiva e fiel representação do disco: difícil mas extremamente recompensador. [8.5] L.P.

MAGNUM

«Lost On The Road To Eternity»
[Steamhammer/SPV]
A longevidade dos Magnum está traduzida neste vigésimo álbum de estúdio, numa carreira de 45 anos com muitos altos e baixos. A voz inconfundível de Bob Catley e o estilo da guitarra de Tony Clarkin continuam a ser a imagem de marca de um grupo que continua a trazer-nos temas de hard rock do calibre de «Peaches And Cream» e «Show Me Your Hands», que tão bem abrem o disco. «Welcome To The Cosmic Cabaret» surpreende por nos manter enleados ao longo dos seus mais de oito minutos de duração enquanto «Ya Wanna Be Someone» é um clássico AOR. No tema-título os Magnum contam com a colaboração de Tobias Sammet, o qual tem em Bob Catley um dos seus convidados habituais nos Avantasia. O tema «Lost On The Road To Eternity» é ainda enriquecido com uma orquestra sendo indubitavelmente um dos momentos mais marcantes do álbum. Outro é o grandioso tema final «King Of The World», mais uma confirmação que este é um dos melhores discos dos Magnum no presente século. [8] C.G.

NOCTURNAL GRAVES

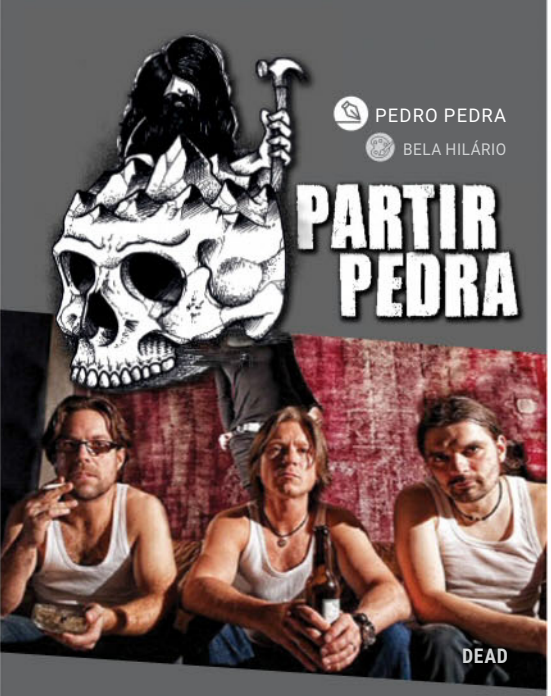
«Satan's Cross»
[SOM – Underground Activists]
Há que dar o mérito a esta secção à parte do catálogo da Season Of Mist, a SOM – Underground Activists. Já não é de hoje que se nota que não é, de todo, uma tentativa bacoca de uma editora grande fingir que ainda se importa pelos "pequenitos", pelos lançamentos de maior extremidade e mais enterrados no underground. A escolha de bandas e lançamentos denota, realmente, critério

CAVALERA CONSPIRACY

«Psychosis»

[Napalm]

A cada novo disco, os manos Cavalera parecem aproximar-se mais do som que lhes (re)conhecíamos nos Sepultura. Os tempos são outros, saíram da banda que fundaram há quase 35 anos, desentenderam-se, reuniram-se há uma década, e este é já o quarto álbum de uma conspiração de família. Décimo, se contarmos os que gravaram com os Sepultura. 21º para Max, se a esses juntarmos os de Soulfly, Nailbomb e Killer Be Killed. É muita experiência e legitimidade acumulada. E sabem que mais? Essa "aproximação ao som Sepultura" não é mera retórica por «Psychosis» ser, de facto, um disco pesado – tema sim, tema não, temos thrash! «Insane» e «Impalement Execution» incluem secções próprias da fase «Beneath The Remains»/«Arise» («Judas Pariah» até vai mais atrás) e há um Igor de volta aos seus característicos ataques de timbalão, de uma ponta à outra do *kit*. Mas, como Cavalera Conspiracy não é (só) uma entidade nostálgica, nem os seus criadores são artisticamente repetitivos, temos aqui um vasto leque de ambiências, de onde se destaca o cariz industrial de «Hellfire» com participação de Justin Broadrick e as muitas alusões ao mote indígena, desde ritmos e sons tribais, à *intro* do tema-título, cortesia de Laima Leyton, uma das metades Mixhell e mulher de Igor Cavalera. A própria capa de «Psychosis» remete para o universo das "raízes" civilizacionais que tanto diz à dupla de Belo Horizonte, eles que continuam na estrada nas *tours* Return To Roots. É bom ver que há espaço para tudo na carreira de gente tão influente, inclusive para aquilo de que muitos ainda sentem saudade. Por alguma razão. **[8]** N.S.



A nova proposta dos **THANTIFAXATH** confirma o potencial brilhante desta banda. Ainda que seja num registo mais pequeno, os novos temas que acompanham «Void Masquerading As Matter» são um estrondo não só a nível de composição como também de ambiência. Apaguem as luzes, fechem a porta e sintam a claustrofobia instalada no vosso obscuro arrepio porque é neste cantinho que vão sentir o poder deste gume musical.

Os **AMAGUQ** aproveitam-se de uma entrada folclórica para invocarem a animalidade mais bestial da natureza humana. A partir deste interlúdio, a linguagem expressa em «Occult Rituals Of Anthropophagous Worship» serve de foice para eliminar quaisquer vestígios de humanidade à face da Terra. Bruto, possuído e sem misericórdia, este trabalho está destinado a ser uma das bandas sonoras do armagedão.

Quando a experiência decide recriar-se o resultado tem tendência a ser muito produtivo. Neste caso, os **MEAT SPREADER** decidem comprovar da melhor forma que o amor à camisola é superior à bagagem sónica do passado. «Excessive Consumption Of Human Flesh» é um disco que tudo prova a quem nada tem a provar. Sem fronteiras, sem medos, totalmente extremo e visceral é assim que o melhor goregrind continua a conquistar os patologistas sónicos deste universo. Também os **DEAD** voltaram com «A Dirty Mind Is A Joy Forever». A sujidade irreverente e perversa continua a marcar a sonoridade desta banda clássica sem que a poeira os demova das reais intenções. Entre a podridão e a depravação, este álbum recupera muito do espírito do death metal com características mais gore que pulverizava os ossos das campas há três décadas atrás.

Os **CODE** voltam à carga desta vez com um EP de nome «Under The Subgleam». Tendo seguido caminhos musicais mais alternativos nas últimas edições é com agrado que ouvimos este colectivo a regressar à sua aura poética mais negra e ríspida. Sem segredos, mas com sinceridade, o novo *opus* dos **SCALPEL** enchem-nos as medidas com o tradicional death metal. «Methods To Delusion» é uma obra robusta e potente onde a brutalidade reina em harmonia com a musicalidade mais fina dos arranjos e solos executados. Do espaço somos teletransportados por «Undulating Waves Of Rainbiotic Iridescence» dos futuristas **GIGAN**. Estes criadores de constelações dissonantes, mas sincrónicas exploram as ondas sonoras e desconstroem-nas em ínfimas partículas de luz para nos deixar a vaguear sem massa por entre os turbulentos buracos negros da galáxia. O peso aqui é uma ilusão. *Horns up for metal*!

e conhecimento do que se passa nos meandros menos populados, e por vezes até tem teor pedagógico, mesmo à Tesourinho Pertinente, como é o caso desta reedição. Os Nocturnal Graves são australianos, têm num tipo chamado Nuclear Exterminator (também dos Coffin Lust e Sithlord, entre outras, para além de ser ex-Deströyer666) o seu líder máximo, ele que gravou tudo neste disco de estreia originalmente editado em 2007 com excepção do baixo. Só esta informação já deve dar uma ideia do que se pode esperar, e será uma ideia aproximada à realidade, provavelmente. Black/thrash bem na onda dos Deströyer666 e demais bandas da tresloucada cena extrema da Austrália, mas executado com uma desenvoltura notável e com jeito para arrancar cavalgadas inspiradoras, como na imparável «Skullthrone» ou na velocíssima «When The Demons Feast» que até faz lembrar uns Absu menos insanos aqui e ali. Actualmente, a banda já é um quarteto completo e conta inclusivamente com Shrapnel na guitarra, outro ex-Deströyer666, e aguarda-se com expectativa para meados deste ano que se inicia um terceiro longa-duração. A ideia de recuperar o disco de estreia antes desse lançamento é de facto muito feliz, dando-lhe uma exposição que sempre mereceu e nunca teve, para além de ainda oferecer a *demo* com o mesmo título editada meses antes do álbum como bónus, e de reinterpretar a arte original através de um magnífico trabalho de Paolo Girardi. Continua a ser um bode satânico a trepar a uma igreja com uma cruz invertida na mão, mas está muito mais bem desenhado. E sim, é uma imagem que também descreve bem todo o som do disco. [8] J.C.S.

NORTHLESS

«Last Bastion Of Cowardice»

[Gilead Media]

Já no terceiro longa-duração, os Northless têm-se visto associados ao sludge. Em retrospectiva, faz pouco sentido. Acima de tudo, o quarteto de Milwaukee toca noise rock; daquele que os Today Is The Day fazem, mas mais arrastado e com infusões claras de sludge e de post rock; «Rotting Days», neste novo álbum, é bom exemplo do segundo. Que «Last Bastion Of Cowardice» seja menos bruto do que a estreia, é o continuar lógico do que fizeram no «World Keeps Sinking». No entanto, tanto o segundo disco como o *split* com Primitive Man eram trabalhos ostensivamente agressivos. Já a novidade, demonstrando uns breves laivos de fúria na primeira «The Origin Of Flames», não encontra nessa descarga o seu propósito. Com o tal noise rock a meio tempo, viram-se antes para a elaboração de um meandro de riffs angulares e lamentos arrastados, que parece tentar ser um misto de evocativo e desconcertante. Infelizmente, não consegue verdadeiramente atingir nenhum dos aspectos, o que se deve mais às tépidas transições e ao abuso de progressões de guitarra descartáveis, do que ao conceito em si. [6] L.P.

THE OBSESSED

«The Obsessed»

[Relapse]

Reedição do primeiro disco de estúdio dos Obsessed de Scott "Wino" Weinrich, devidamente reforçada com faixas ao vivo e temas da maqueta «Concrete Cancer». Material histórico que reforça assim um título que ciclicamente é reeditado. Cronologicamente anterior ao trabalho de Wino com os Saint Vitus, o nome The Obssessed só obtém reconhecimento mais tarde, ao ponto de levar à reunião do grupo e toda uma carreira se desenvolver a partir daí. Para muitos poderá soar datado ou fora de contexto, mas o disco reflecte a realidade dos anos 80 em que foi escrito, uma época que para os músicos as referências passavam pela onda britânica e pelo muito hard rock que se escutava na época, uma atitude em tudo diferente da aproximação de hoje, que vai directamente aos anos 60 e 70. Talvez por isso, a escuta se afaste do que alguns poderiam esperar e perca até, na comparação, com o que foi feito na Hellhound Records à época da primeira edição deste trabalho. Ou talvez «Tombstone Highway» seja a porta para descobrir todo um universo. [8] E.F.

OFDRYKKJA

«Irrfärd»

[Avantgarde]

Há um problema inerente ao dito DSBM, pelo menos na sua vertente mais genérica, que é o ter-se tornado quase obsoleto com o lançamento em 1993 de uma canção chamada «End Of Life». Eventualmente, o género lá explodiu, mas ao olharmos para uns Shining ou Lifelover, constatamos que há uma variedade de filtros artísticos como ironia (ainda que auto-depreciativa) para lá da depressão. O que os Ofdrykkja mostram no seu segundo álbum é exemplificativo da razão pela qual o género perdeu considerável relevância na sua interpretação mais estrita, até porque abordagens à depressão por outras vias expressivas é coisa que não falta na música extrema. O conceito estende-se muito para além das melodias melancólicas que lhe são reservadas em «Irrfärd» e, mais importante, estas permanecem-se longamente numa plácida existência pontuada ora por laivos interessantes, em particular nas vocalizações, ora por passagens incoerentes, com os crescendos animadores de «Generation Of Hurt» como exemplo. O pior nisto tudo é os Joyless não lançarem nada desde o «Without Support». [4.5] L.P.

OPERATION: MINDCRIME

«The New Reality»

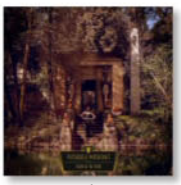
[Frontiers]

Depois do imbróglio judicial com os Queensrÿche, Geoff Tate assumiu a entidade Operation: Mindcrime para a sua banda. «The New Reality» é o seu terceiro disco com esta designação e confirma aquilo que os álbuns anteriores evidenciaram. «A Head Long Jump» é capaz de ser um dos mais estranhos temas para início de um álbum deste género que já ouvimos, seguido de um «Wake Me Up» a incrementar um pouco o interesse. Por muito que se respeite o passado do vocalista, é difícil perceber e gostar de malhas como «It Was Always You», «The Fear», «All For What» ou «The Same Old Story». É realmente complicado encontrar pontos de interesse musical neste trabalho, exceptuando alguns momentos vocais de Tate, pois tentam ser tão estranhamente progressivos e modernos que se perde por completo o interesse a meio caminho. [4] C.G.

PSYCHEDELIC WITCHCRAFT

«Sound Of The Wind»

[Listenable]



O segundo álbum destes italianos é uma amálgama de nostalgia *retro* onde o blues clássico e o psicadelismo se fundem na (quase) perfeição. É notório o amadurecimento sonoro da banda, numa tentativa de prestar homenagem aos grandes nomes do rock dos anos 70 que os influencia-

ram, incorporando várias nuances musicais com originalidade e qualidade. A voz sensual de Virginia Monti é a cereja no topo do bolo de uma linha instrumental que ao longo de catorze faixas, vai destilando riffs orelhudos com imenso *fuzz*. Sente-se o espírito dos Black Sabbath, Led Zeppelin ou mesmo The Jimi Hendrix Experience, numa aproximação muito legítima aos Blues Pills. «Lords Of The War» e «Rising On The Edge» são pontos altos de um disco obrigatório para fãs desse período mágico na história musical contemporânea. [8] A.F.C.

PUTA VOLCANO
«Harmony Of Spheres»
[IOTA5]

Será que em 2017 se necessita de um novo nome do grunge? E, em particular, da Grécia? A menos que grunge *revival* seja o novo stoner. Considerações à parte, o que este quarteto grego tem para oferecer ao seu terceiro disco é instrumentalmente engraçado e musicalmente desinteressante. Tome-se «Neon», uma excelente malha de guitarra, que tanto encaixaria nuns Soundgarden como nuns Porcupine Tree, já o resto do tema é um invólucro vazio. Salte-se e pegue-se em «Afterglow», uma dinâmica mais interessante e a bateria de Steven Stefanidis a mostrar do que é capaz, mas depois a canção arrasta-se para lá do desejável, ficando aquela sensação de "ainda não acabou?" No restante, o grupo acaba por assimilar bem as diferentes influências, conferindo um toque de modernidade ao som, e ganhando até em comparação com outras bandas que costumam ter mais dificuldades em se libertar de influências e *clichés*. Para adeptos do grunge e rock, poderá sempre ter alguma validade a escuta deste trabalho, caso haja tempo para a curiosidade. [6] E.F.

PUTAS BÊBADAS
«Orgulho De Ex-Buds»
[8mm/Cafetra]

Segundo disco para um colectivo mais subversivo que punk, que mistura pop a sexismo descarado, um pecado nesta década, tudo embrulhadinho num caos auditivo que faz questionar se é para ser mesmo assim, ou alguém tomou ácido no momento de fazer as misturas. Presume-se que um tema como «Proteína» resulte melhor ao vivo que aqui, com o desvario sonoro a coordenar-se com o espectável reboliço visual. «Fada Do Lar» podia até ser levado a sério, com outra mistura e produção. Com outros temas como «Gorduchinha» ou «Cona Da Mãe», consegue-se encontrar, finalmente, um argumento a favor do politicamente correcto, enquanto musicalmente, o grupo se pode inserir numa linha entre a pop chunga de uns Tocha Pestana e o irrotulável metal de uns Quarteto Explosivo. Longe de ser interessante, certamente que é uma obra que pode servir a *hipsters* pré-adolescentes, ou a outros que poderão ver aqui uma atitude punk anarquista, por oposição aos que apenas encontrarão uma piada de mau gosto. [4] E.F.

RASGO
«Ecos Da Selva Urbana»
[Rastilho]

Rasgo acabou por ser uma das sensações no panorama nacional de 2017, primeiro pela abertura para os Slayer no Coliseu dos Recreios e, depois, pelo belo álbum de estreia que é «Ecos Da Selva Urbana». Falamos de um grupo recente, mas cujos integrantes têm já vasta experiência nos terrenos do hardcore e metal, sendo o resultado um *crossover* que acaba por se situar mais próximo do thrash, mas com muita melodia nos *leads* e contratempos rítmicos para tornar todo o quadro bem interessante. Pedro "Sarrufo" da cena LVHC e Rui "Ruka" dos Tara Perdida são os guitarristas na génese dos Rasgo, com o baterista Ricardo Rações, outro ex-Trinta E Um, e dois ex-Shadowsphere – Paulo Gonçalves na voz e Filipe Sousa no baixo. Com material berrado em português, o quinteto acaba por adquirir uma certa identidade própria, não caindo no âmbito de muitas outras bandas "thrash/core" que pululam no nosso burgo. Ao longo do disco, tanto nos podem vir à cabeça nuances de Kreator como de Simbiose, o que denota a espectro de possíveis interessados nos Rasgo. E, para fechar, uma curiosa versão de «Cão Da Morte» dos Mão Morta. [7.5] N.S.

CONVERGE

«The Dusk In Us»

[Epitaph/Deathwish]

De há muitos anos a esta parte a dúvida não é se um disco de Converge vai ser bom, é apenas quão bom vai ser, e «The Dusk In Us» está ao nível do melhor que já gravaram. Apesar da inusitada acessibilidade, não revela todo o potencial logo ao primeiro impacto, limita-se a crescer de forma absurda a cada nova audição. «A Single Tear», logo a abrir, é uma das excepções, um clássico imediato que em poucos segundos desvenda os artistas: os riffs frenéticos de Kurt Ballou, o caos controlado provocado pela desconcertante bateria de Ben Koller, a dinâmica monstruosa, tudo grita Converge. Mas se por um lado é um tema típico dentro do que têm feito nos últimos anos, também dá pistas sobre as "surpresas" que se seguirão: Jacob Bannon a cantar ainda mais do que fazia no «All We Love We Leave Behind» e com uma diversidade que só ajuda a amplificar as nuances que vão criando instrumentalmente; refrão do mais orelhudo que já escreveram; melodias, sobretudo na arrepiante segunda metade do tema, a evidenciarem-se como nunca. A forma como «The Dusk In Us» cola na memória ao fim de meia-dúzia de audições explica-se pela personalidade bem vincada de cada canção e pelo espaço que cada secção e instrumento tem para respirar, facilitando a quem ouve absorver tudo o que acontece. E não é pouco! Basta ouvir a dissonante «Murk & Marrow» ou a animalesca «Cannibals», ao melhor estilo de um «Jane Doe», para ficar claro que souberam preservar o fogo e a urgência que sempre tiveram. Só estão mais polidos e musicais. Ouvi-los saltarem de estilo em estilo, soando sempre a eles mesmos, reforça o que já sabemos há muito tempo: são líderes, nunca seguidores. «Eye Of The Quarrel» é punk/crust à moda deles, «Under Duress» pode rivalizar com os melhores temas de quaisquer pilares do noise rock, «Arkhipov Calm» regressa às construções matemáticas de outrora, a lembrar os The Dillinger Escape Plan, e o brilhante tema-título enaltece a faceta emocional e intimista de Jacob Bannon, a um nível muito superior ao que faz nos Wear Your Wounds. Depois há ainda a melancolia de «Thousands Miles Between Us», com a voz limpa de Jacob outra vez em destaque, a ultra *catchy* «Trigger», que os Unsane não se importariam de ter escrito, e o épico e poderoso final que é «Reptilian», com os riffs mais esmagadores de todo o disco. «The Dusk in Us» não é só um álbum de metal, de hardcore, de punk ou de rock. É isso tudo e mais qualquer coisa que, ao dia de hoje, só podemos chamar de Converge. Quantas bandas podem dizer o mesmo? **[9]** J.A.R.

SORTILEGIA
«Sulphurous Temple»
[Ván]

Dificilmente haveria melhor metáfora para o que os russo-canadianos Sortilegia expressam através de black metal atmosférico neste novo «Sulphurous Temple» do que o título que foi dado ao segundo longa-duração do duo. Que esta frase pudesse ter sido proferida sobre o igualmente sugestivo título do antecessor «Arcane Death Ritual» é de resto indicativo de que pouco terá mudado nestes três anos. Mantém-se a toada minimalista de ritualismo à custa de riffs longos mas simples e com efeito hipnotizante, com uma ***performance*** vocal a condizer, particularmente evocativa quando em longos uivos. Apenas mudou a apresentação e, consequentemente, o efeito deixado. Onde «Arcane Death Ritual», com um lo-fi agressivo, evocava uma exploração de recantos perigosos, «Sulphurous Temple» é muito mais limpo e focado, às vezes quase comprimido, remetendo para uma atmosfera mais estática. Depois de uns lançamentos muito promissores, fica um passo em que expressaram mais ou menos o mesmo com a linguagem que já haviam desenvolvido. [6.5] L.P.

SUMMONING
«With Doom We Come»
[Napalm]

Há poucas coisas mais desagradáveis, enquanto crítico, do que ter que encarar a dura realidade que acontece quando uma banda de que gostamos particularmente, uma daquelas que consideramos de extrema importância histórica, seja essa importância reconhecida globalmente ou não, mete a pata na poça a certa altura. Serve este preâmbulo para reafirmar que não escrevemos isto com gosto nenhum, mas que este disco novo dos Summoning é mesmo fraquinho. Que nada disto belisque o amor que sentimos pelos primeiros… cinco, vá, discos dos Summoning. Até ao «Let Mortal Heroes Sing Your Fame», o sentimento épico e melancólico que transborda daquelas canções fez deles um dos mais brilhantes veículos musicais de evocação do universo Tolkien (a quem se juntou o Michael Moorcock nesse último disco), mas a partir daí a qualidade tem decrescido a passos largos, se bem que nunca caindo tão baixo. Nunca foram obviamente banda de grandes sons, quanto mais não seja pela sua estrutura (sempre com caixa de ritmos, excepção feita ao «Lugburz»), mas sempre souberam moldar o som ao sentimento desejado em cada tema, algo que não acontece neste «With Doom We Come». Não só a produção é completamente *flat*, matando à partida qualquer devaneio mais grandioso, como a própria composição parece ter sido exercida em piloto automático, sem paixão, sem chama. Se a ideia era fazer uns Summoning em versão "doom", como o título poderá indicar, foi uma ideia parva. Há aliás muito pouco de Summoning ao longo destes 65 minutos, seja em que versão for. Cinco anos para fazer um disco em cima do joelho? É triste, mas parece que foi o que aconteceu. Safa-se a espécie de tema-título que fecha o disco («With Doom I Come»), a única pérola num marasmo geral, estranhamente – para um "último tema" de onze minutos – o tema de avanço disponibilizado pela banda. Se calhar também perceberam que não se escapava mais nada no disco todo. [4] J.C.S.

SYSTEMIK VIØLENCE
«Satanarkist Attack»
[Helldprod]

Às vezes sabe bem ouvir uma bandalheira genuína como «Satanarkist Attack». O total despretensiosismo, o espírito punk e a atitude "que se foda o mundo" ficaram inteiramente escarra(pacha) dos nesta gravação em *take* directo. A energia é palpável ao ponto de nos sentirmos numa qualquer putrefacta sala de ensaios, rodeados pela banda, a levarmos um ensaio de pancada que recebemos, masoquistamente, de bom-grado. Riffs tão simples como efectivos, d-beat frenético, solos que são autênticos esgravatanços de cordas (no melhor dos sentidos) e voz carregada de ácido e distorção. Por entre o assumido tributo a bandas clássicas de crust/punk sueco e de hardcore japonês mais extremo, feito num registo mais ou menos similar e uniforme, surgem surpresas que funcionam como verdadeiras lufadas de ar fresco. A sequência «Karnist Kowards», com um dos riffs mais pesados do disco, «At War With The Scene», cuja secção final bem sludgy e arrastada evoca uns Eyehategod, e «Small Man Syndrome», dona de um ***groove*** gingão, é particularmente contagiante. No entanto, a cereja no topo do bolo é mesmo a nojenta «Merda», com Zé Goblin dos Trinta & Um na voz, onde soam a uns Mão Morta consumidos por gangrena e cirrose. Neste «Satanarkist Attack», os Systemik Viølence são podres... de bons. [7.5] J.A.R.

THROANE
«Plus Une Main À Mordre»
[Debemur Morti]

Diz a entrada de "artista" no detalhado Metal Archives que Dehn Sora faz parte da ilusiva Church Of Ra, tendo no currículo colaborações com nomes tão badalados como Amenra e Oathbraker. No entanto, a vida do multi-facetado criativo belga não se faz apenas a nível visual, sendo que já nos tinha deixado boas impressões com os projectos musicais Sembler Death e Tehra Sektori, onde continua a acumular funções a par dos Ovtrenoir, com quem se estreou em 2016. A provar o quão profícuos têm sido os últimos meses, pouco mais de um ano depois da edição de «Derrière-Nous, La Lumiere», surpreende com um segundo tomo de Throane. Funcionando, durante os 46 minutos que dura, como o proverbial "passo lógico seguinte" na progressão do que é um projecto-de-um-só-homem, «Plus Une Main À Mordre» dá continuidade à viagem aterradora iniciada com a estreia e parte do ponto em que nos deixou com «A Cette Chute». Ao longo do disco não há como não pensar naquela atmosfera sufocante e opressiva, ali entre o demente e o desolador, em que os injustamente ignorados The Axis Of Perdition andaram a chafurdar no «Deleted Scenes From The Transition Hospital»... Traçar um paralelo com os Blut Aus Nord não será também descabido, mas há aqui um *je ne sais quoi* que eleva a música do belga além do *copycat*. Para isso muito contribui a descarga

CORROSION OF CONFORMITY

«No Cross No Crown»

[Nuclear Blast]

Respeito. É a primeira palavra que vem à mente face a um novo trabalho dos Corrosion Of Conformity. São 35 anos de história, contando com um hiato de quatro. Um período de tempo em que o quarteto lançou um clássico que despoletou o movimento de crossover, «Blind», iniciando depois um percurso que serviria de base para o sludge e stoner, bem como para a denominada cena NOLA, em que os pontos altos foram «Deliverance» e «Wiseblood». Pepper Keenan, a alma do grupo, afastar-se-ia em 2006 para entrar na estrada com os "seus" Down. Em 2014 voltava para alguns concertos e este é o regresso aos registos sonoros. Curiosidade. É a segunda expressão que ocorre. Será que o quarteto se encostou à fama, irá limitar-se a marcar passo e colher os louros de tempos passados? Não. Há aqui novas malhas, há «Little Man», um stoner com espírito de Skynyrd, há o heavy metal de «Forgive Me», a melancolia de «Nothing Left To Say» ou o doom *sabatthiano* do tema-título. Há Corrosion of Conformity. Satisfação. É o último vocábulo, para um trabalho que encosta a um canto muitos dos nomes do stoner de hoje, ao mesmo tempo que mantém o som do passado. Uma excelente entrada em 2018! **[9]** E.F.

vocal desesperada (pensem num CHVE um bocado mais gutural), assim como o pendor experimental e textural mais vincado, que alimenta os momentos em que o ouvinte pode ganhar fôlego entre as descargas de dissonância devastadora, sempre com um toque mecânico. Portanto, se a tua "cena" são paisagens pós-apocalípticas feitas de distorção áspera, momentos de reflexão e brutais explosões de som, tens aqui um titulo obrigatório. [8] J.M.R.

TRIBULATION
«Down Below»
[Century Media]

Os Tribulation demoraram três discos a encontrarem uma identidade. «Children Of The Night» foi um marco, um portento de rock/metal melancólico e negro com toques góticos e reminiscências de bandas como Watain, The Devil's Blood, The Sisters Of Mercy ou The Cure. Heavy metal tão obscuro como acessível, receita vencedora. «Down Below» segue exatamente a mesma linha, talvez menos fresco, espontâneo e imediato, porventura mais focado e coeso. Enquanto o antecessor tinha em «Strange Gateways Beckon» e «Melancholia» dois *hits* evidentes logo a abrir, este quarto-duração vale pelo todo e por isso demora um pouco mais a descolar. Mas quando o faz, é em modo foguetão. Melodias incríveis de influência neoclássica, apontamentos de rock psicadélico e detalhes de metal progressivo, riffs que devem tanto ao thrash como ao rock clássico. Está cá tudo. Sempre com uma aura sombria e misteriosa que teima em pairar sobre ritmos quase dançáveis ou quando as doze cordas, dos brilhantes guitarristas que são Jonathan Hultén and Adam Zaars, entram em acesos diálogos, o que acontece em quase todos os temas. A influência de heavy metal tradicional está ainda mais proeminente e a produção continua tão brilhante e orgânica como foi no disco anterior, permitindo ouvir os instrumentos com uma nitidez incrível. Mais pela diferença, destacam-se o sinistro instrumental «Purgatório» e a poderosa «Lacrimosa», o tema mais pesado de todo o disco e aquele onde mais (e melhor) usam os teclados. Ao longo destes 46 minutos são várias as vezes em que guitarras remetem para os compatriotas Ghost, com quem, quiçá, poderiam rivalizar em popularidade, fosse a voz de Johannes Andersson limpa em vez de berrada. Seja como for, «Down Below» é mais um discaço de uma banda que ainda vai dar muito que falar. [9] J.A.R.

ULVER
«Sic Transit Gloria Mundi»
[House Of Mythology]

O último disco dos Ulver, «The Assassination Of Julius Caesar», representou mais um salto estilístico gigante para a vanguardista banda norueguesa, e de facto acertou no nervo certo de muito boa gente – incluindo a nossa/vossa gente desta mesma revista, que como podem ver nos tops publicados nesta edição, votaram em número suficiente para fazer dele o quinto melhor do ano na lista geral. Como que a provar que o formato de álbum nunca poderá ser descartado, porque há muita música, especialmente a boa, que precisa de um contexto para existir, que resulta melhor quando enquadrada num todo que faça sentido, surge agora este inesperado EP com dois temas retirados das sessões do álbum – «Echo Chamber (Room Of Tears)» (a mais luxuosa e psicadélica) e «Bring Out Your Dead» (a mais rítmica e directa) poderiam de facto ter feito parte do álbum, são canções excelentes e seriam belas adições ao mesmo, mas assim sozinhas, "a seco", perdem boa parte do impacto que poderiam ter tido e acabam por se perder na nossa memória. Completa o EP uma versão de «The Power Of Love», dos Frankie Goes To Hollywood, que é, sejamos honestos, francamente má, mesmo (ou especialmente) para quem admira o original. Parece um *b-side* do «Childhood's End», que já não foi propriamente o momento mais brilhante dos Ulver. No fim de contas, um exercício um bocado desnecessário. [5.5] J.C.S.

URUK
«I Leave A Silver Trail Through Blackness»
[Consouling Sounds]

Podem já desistir de sequer ler isto, todos aqueles que não apreciam um bom desafio, ou uma forte dose de abstracção e minimalismo na sua música. Uruk trata-se de uma nova colaboração entre o extraordinário baixista dos Zu, Massimo Pupillo, e do teclista (e não só) dos Coil, Thighpaulsandra. Só pelo pessoal envolvido, já dá para perceber que a coisa não vai ser óbvia, e de facto não o é. Ao longo de uma só peça de 38 minutos, o dark ambient criado pelo par é de desenvolvimento lento, pleno de subtilezas que uma audição com uns bons *phones* só vai ajudar a apanhar, e com frequentes surpresas sonoras que nos vão deixar a pensar se este zumbido foi da música ou de um insecto que nos entrou pelo ouvido, se aquele reverberar *dronico* foi mesmo assim ou se são as fundações da casa que estão a começar a dar de si. Sem nunca se tornar propriamente agressivo ou confrontacional, é uma escuta sempre desconfortável, e sempre a deixar entender que algo sinistro está para acontecer. Quando damos por nós, o que de sinistro se passou foi esta temível peça, e que nos deixou marcas fundas sem sequer nos apercebermos. Não é coisa de ouvir muitas vezes, mas como experiência, como obra que requer ritual e atenção exclusiva, é fantástico. Já agora, o disco até podia vir virgem, que já valia a pena o preço pela pintura do desaparecido Jhonn Balance na capa. [7] J.C.S.

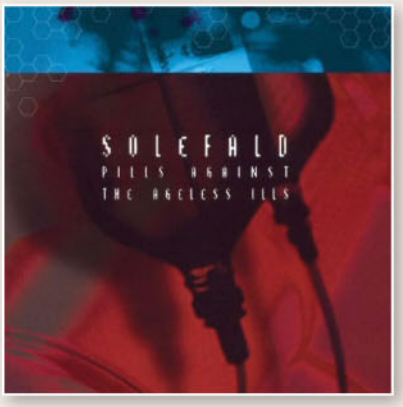
VIRVUM
«Illuminance»
[Season Of Mist]

Se ao peso bruto e avassalador de uns Dying Fetus ou Immolation juntarmos a técnica e o experimentalismo de uns Cynic ou Atheist, o resultado não andará muito longe daquilo que os suíços Virvum apresentam nesta sua estreia. Ponto em comum nestas recomendáveis influências: death metal. É essa a base de «Illuminance», a partir da qual ora nos embala através de envolventes dedilhados e paisagens sonoras mais atmosféricas, ora nos absorve numa respeitável e intricada muralha sonora com tanto de imprevisível como de intimidante face à ferocidade que a banda imprime na sua vertente mais extrema. No entanto, é na dicotomia entre essa abordagem e uma outra diametralmente oposta que reside o verdadeiro dinamismo de «Illuminance», num brilhante exercício de death metal técnico e desafiante, que requer muito do ouvinte mas que, no final, dará qualquer esforço por compensado. Consta que a banda já se encontra a preparar o sucessor deste disco originalmente editado em formato digital em 2016 e agora recuperado "a sério" pela Season Of Mist, resta perceber se a ténue barreira que separa a mestria da execução aplicada à composição da demonstração meramente masturbatória sai respeitada e reforçada. «Illuminance» deixa bons indícios nesse sentido. [8] R.A.

WATAIN
TRIDENT · WOLF · ECLIPSE
8 SONGS OF FORCE, FREEDOM AND FIRE.
THE NEW WATAIN ALBUM OUT ON JAN 5 2018
AVAILABLE AS CD, LP AND DIGITAL.
SONY MUSIC
CENTURY MEDIA

Tesourinho PERTINENTE

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO STEBBA ÓSK



SOLEFALD

«Pills Against The Ageless Ills»

[Century Media – 2001]

Os Solefald sempre pareceram viver isolados de tudo e todos, num mundo só deles. Desde o primeiro disco, o fantástico e aclamado «The Linear Scaffold», onde surgiram numa espécie de bolha indestrutível, ali a flutuar acima do black metal dos anos 90 e à margem de tudo o resto que se ia fazendo na música extrema. O bizarro e desconexo «Neonism» agudizou a excentricidade do duo norueguês composto por Cornelius Jakhelln (voz e guitarras) e por Lazare Nedland (voz, teclados e bateria), atestando que a única coisa que se podia esperar deles era mesmo o inesperado. «Pills Against The Ageless Ills» foi isso mesmo.

Depois da insanidade desfocada do antecessor, os Solefald escreveram um disco conceptual com verdadeiras canções, ganchos enormes, riffs pegajosos e uma assertividade que nunca antes tinham revelado. A insanidade, no entanto, manteve-se, ou não fosse esta a história de dois irmãos, Pornographer Cain e Philosofer Fuck: o primeiro, um realizador de filmes pornográficos, acusado de ter matado um tal de Kurt Cobain; o segundo, um antigo cidadão norte-americano, meio monge meio artista, que anda entre instituições religiosas e mentais e acaba por definhar num hospital psiquiátrico em França. «Pills Against The Ageless Ills» é um diálogo surreal entre os dois, representando uma espécie de dicotomia/simbiose entre desejo e remorso, numa metáfora da sociedade moderna. Um conceito lírico tão complexo como a música que o acompanha.

Apesar da abordagem mais directa e influenciada pelo metal convencional, «Pills Against The Ageless Ills» não perde a tendência vanguardista e experimental, revelando uma impressionante disparidade de estilos entre temas, e no seio de cada um deles: black metal melódico («Hyperhuman») e dissonante («Anti-City Strategy»), rock, punk («The USA Don't Exist»), sensibilidade e imediatez da pop, passagens clássicas, teclados a remeter para os 70s, *blastbeats* («Hate Yourself»), thrash metal («Hierarch»), j-pop, grunge («Change Of Total Affect»), apontamentos de jazz, estruturas progressivas («Fuck Talks»), enfim quase tudo o que lhes deu na cabeça e que torna qualquer tipo de classificação desapropriada. A principal diferença é que neste disco há critério, ou seja, a inovação está ao serviço da canção e não serve apenas para chocar ou quebrar regras só porque sim, como pareceu acontecer no «Neonism». «Pornographer Cain», um dos pontos mais altos do disco, é um exemplo dessa panóplia de elementos e estilos reunidos de forma totalmente harmoniosa.

Depois há constantes mudanças de direcção e ritmo, em total sintonia com a narrativa, que também ganha ênfase graças ao duplo ataque vocal: limpo e melódico quando é Lazare, berrado e soturno quando é Cornelius. A alternância entre momentos extremos e outros mais belos e melancólicos, sem que a música perca a sua aura própria, é um dos pontos mais impressionantes do disco, sendo que nesse campo em particular «Fuck Talks» é a *pièce-de-résistance*.

Perto de chegar às duas décadas de existência, ainda hoje este é um disco *sui generis* na carreira dos Solefald. Um registo que nunca recebeu o devido reconhecimento, talvez por ser excessivamente imediato para quem quer os noruegueses mais loucos e menos estruturados, ou demasiado alucinado para quem não aprecia música tão vanguardista e pouco ortodoxa. À semelhança do que normalmente acontece com os próprios Solefald de uma maneira geral, «Pills Against The Ageless Ills» é daquelas obras que ou se adoram ou se detestam, mas à qual é impossível ficar indiferente.

AMPLE TALENT & OUT OF SIGHT CREW APRESENTAM:

WHILE SHE SLEEPS

+ROLO TOMASSI

14 JANEIRO
PORTO HARDCLUB

15 JANEIRO
LISBOA RCA CLUB

16 JANEIRO
LOULE BAFO DE BACO

BILHETES EM: WWW.UNKIND.PT

RAW POWER MANAGEMENT · MONSTER ENERGY · UTA UNITED TALENT AGENCY · AMPLE TALENT · CLOCKWORK · LOUD!

AUGUSTO PEIXOTO

AUGUSTO PEIXOTO permuta entre o lugar de baterista e o de artista gráfico. Se os seus grupos musicais atravessam três décadas do underground portuense, o seu trabalho gráfico tem expressão nacional e internacional há mais de uma década. Fomos saber como tudo começou.

EMANUEL FERREIRA

Estás entre os músicos mais antigos na cena portuense de metal, sempre no activo, não é?
O mais antigo que eu é o Victor, dos Web. Os próprios Tarantula têm feito coisas esporádicas, não estando muito activos, como eu e o Victor. Em 2018 faz 30 anos que formei os Dove, desde aí não parei um momento.

De quantas bandas e projectos estamos a falar?
Fundei os Dove, depois resolvi terminar com a banda em 1995. Formei In Solitude, saí em 2001, altura em que formei Paradigma e Cycles, um grupo com elementos de Karnak, antes Fearstomb, que estavam a repensar o projecto e queriam atribuir um novo nome. Depois dos Cycles, até já paralelamente a estar lá, criou-se os Headstone, depois Head:stoned. Cycles terminou, sem anunciar, mas as pessoas aperceberam-se, pois deixámos de dar concertos e estar activos. Entretanto formei os H.O.S.T. com ex-elementos de Cycles e o vocalista holandês, Gerrit Dries. Até agora é a única banda que mantenho, embora não muito activa, pois já são trinta anos de dedicação e o cansaço já é bastante evidente, tenho família, sou pai e isso reflecte-se no que faço em termos de banda.

Não falaste num outro projecto recente, DUM.
DUM foi um dos projectos de estúdio que tentei criar. Não foram só eles, também tentei fazer um álbum comemorativo dos 25 anos dos Dove. Infelizmente, os músicos não queriam e fiquei com o trabalho a meio; aliás, o trabalho de Dove estava praticamente completo, faltavam apenas uns solos e a masterização final. Abandonaram o barco e fiquei com o trabalho em *stand by*, que tenciono editar no próximo ano, ou pelo menos as maquetas em formato digital. Com os DUM, foi algo do género, com o vocalista de Cycles, Henrique, que depois não quis terminar o projecto. O grupo até estava a ter uma projecção engraçada, com o disco a ter um número de pré-encomendas curioso, pelo menos para uma banda que não tinha feito rigorosamente nada. Ficou na gaveta, não sei se um dia terá a edição que mereça, mas o trabalho está lá todo.

Dove é uma banda que a um dado momento era icónica do underground portuense, e depois foi das que ficou apenas pela maqueta.
Em certa medida, influenciou músicos que depois vieram a criar as próprias bandas, lembro-me do Álvaro, dos Pitch Black. Dove foi a primeira banda thrash portuense e uma das primeiras a nível nacional. A constante

entrada e saída de músicos prejudicou imenso o grupo; hoje sou uma pessoa que tem a consciência de que, se tem uma paixão pela música, também tem um feitio não muito suportável a nível de trabalho. Se uma pessoa não luta pelo que quer e não defende os objectivos que tem, mais vale não trabalhar nisso. A prova dessa luta é ainda andar aqui ao fim de trinta anos. Os Dove sofreram um pouco com isso. Perdeu-se uma banda extraordinária, com pernas para andar, que até recebeu uma crítica maravilhosa na revista Terrorizer, mas que nunca passou das *demos*. Depois houve outros factores, por exemplo na «Birth Of A Tragedy», houve uma lacuna grave, na preparação da compilação, ao deixar Dove de fora.

Tocaste em quase todas as salas do Porto. Conheceste pontos altos e baixos da cena portuense.
Recordo-me dos primórdios, com Tarantula e Web, a nível nacional Braindead e Ibéria. Depois Dove, Hardness, Genocide, se calhar para mim o ponto alto, até em termos de comunidade, com músicos e fãs virados para o mesmo ponto, com uma grande empatia. Isso projectou-se e criou uma situação caricata de não haver muitos metaleiros e quase todos se envolverem em bandas, passando a haver mais grupos que público, o que se reflectiu durante vários anos. Depois houve o momento em que os Moonspell se começaram a internacionalizar, em que havia In Solitude, Heavenwood… essa fase levou muito público a frequentar bares e a voltar a encher casas. São ciclos, umas vezes mais evidentes, outras menos. Ultimamente não tenho seguido o movimento underground, tendo deixado de acompanhar muita coisa, seguindo mais pelas redes sociais.

Como músico também evoluíste os teus gostos, indo do thrash para o doom, hoje um estilo em que claramente te movimentas melhor. Um gesto natural?
Não sei se é natural, quando comecei a ouvir música, os meus alicerces eram os Iron Maiden, mas sempre tive diversidade de gostos, a minha banda favorita é Coroner, mas também gostava de Slayer e Metallica, Candlemass é outra das minhas bandas favoritas, adoro Death. Há um ecletismo em termos de gostos que se vão reflectir no meu som. Depois tens de saber os gostos dos músicos à tua volta e isso forma o estilo da banda. Coroner ter-se-á reflectido em Dove, já os In Solitude terão resultado de na época andar a ouvir Paradise Lost, Crematory, Lake Of Tears, daí os In Solitude começarem mais por ser doom atmosférico e após a minha saída ficarem mais power metal com toques progressivos.

Com a idade e a tua retirada dos palcos, começas com outra actividade, popularizada pela Iron Doom Design. Como começou isso?
Desde criança que estive ligado às artes, planeando mesmo seguir Belas Artes, como formação superior, mas por motivos de doença, tive de deixar a escola. Consegui trabalhar em artes gráficas, pelo que a minha vida esteve sempre ligada ao desenho, hoje mais arte digital. Quando formei os Dove, já fazia eu as capas, por exemplo, mas depois surgiram os computadores e se queria sobreviver no mercado, tinha de me adaptar e como tal, em 2001, comecei a fazer trabalhos digitais. Cheguei a fazer um esboço para o «Thrash Killing Machine» dos Pitch Black. Por essa altura criei a Iron Doom Design, tenho um portefólio extenso, quer a nível nacional, quer internacional.

Material já editado, pelo menos em dois livros.
Sim, o primeiro foi «The Art Of Dreams», um apanhado dos trabalhos mais emblemáticos, não só os virados para bandas de metal. Um primeiro projecto bastante complicado de criar, pois não tive apoios, apenas os daqueles que o compraram, apesar do preço não muito barato. O segundo, «UnderCovers», tinha 95% das capas que fiz até à altura. Ainda pensei num terceiro livro, mas o projecto falhou por implicar valores elevados.

Primeiro criaste capas para artistas nacionais, depois estrangeiros. Como surgiu isso? É natural que fizesses as capas das tuas bandas, mas como surgiu a procura de outras?
Quando me comecei a direccionar para este campo da criação digital, há uns quinze anos, existia o DeviantArt, sugerido por um amigo e onde comecei a publicar os meus trabalhos, por vezes quase diariamente, crescendo a qualidade, o que teve reflexos a nível nacional, levando mesmo a prémios internacionais no DeviantArt. As pessoas que me seguiam foram dando dicas a amigos e surgiram os pedidos. Penso que a primeira capa terá sido do «Darklands», dos Shadowsphere.

O primeiro trabalho de todos terá mesmo sido o logótipo de Dove…
Sim, logótipo e símbolo, que depois tatuei na perna. A capa do primeiro dos In Solitude foi feita manualmente, ainda antes do digital. Depois da primeira capa, foi uma bola de neve, as pessoas gostam e pedem, por vezes há projectos cancelados, algo infeliz, mas isso também reflecte a vida, com coisas boas e más. Criei amizades com os Mindfeeder, por exemplo, graças ao facto de ter feito a capa do primeiro EP deles.

A nível internacional, o nome mais reconhecido talvez seja Voice.
Sim, cheguei a eles de uma forma curiosa. Através da internet criei amizade com o guitarrista dos Pain Of Salvation, Ragnar Zolberg, que foi ficando atento aos meus trabalhos. Gostou bastante do que fazia e aconselhou-me a um grupo amigo, os Voice, que me contactaram. No primeiro trabalho, a capa principal, acabou por ser uma imagem interna que gostaram mais. Fiz outro trabalho para eles, também, além de outros artistas, até mesmo um compositor russo, de música clássica, bandas polacas, capa de um livro, de um escritor americano, que me escolheu para fazer a capa do livro dele. Um projecto que me agradou bastante foram os Sinister Realm, banda de doom norte-americana, cujo baixista era responsável pela fanzine The Candlemass Chronicles, que lhe dava algum estatuto internacional. Já trabalhei com bandas de várias partes do mundo.

E 2018?
Como te disse, queria editar o álbum dos Dove. Também passam vinte anos sobre o disco de estreia de In Solitude, um trabalho que na altura esgotou as 1.000 cópias da primeira edição. Tenho estado em contacto com músicos, em particular o Sérgio e a Lisa, e estamos a pensar em editar algo comemorativo do «Eternal». Gostava também de editar algo com os H.O.S.T.. Pensar que poderão ser editados três trabalhos em que estou envolvido é bom, além de já ter propostas da parte de um grupo iraniano e de outro açoriano. Também estou a trabalhar no *artwork* da nova banda do Tó Pica, e o resto vamos ver!

"Se uma pessoa não luta pelo que quer e não defende os objectivos que tem, mais vale não trabalhar nisso."

UNDER THE DOOM V

17.11.30-12.02 – RCA Club/Lisboa Ao Vivo, Lisboa

GREEN CARNATION
FOTO: JORGE BOTAS

DIA 0

Não somos muito de nacionalismos bacocos, gostamos sim de dar valor ao que verdadeiramente tem valor na cena nacional, e neste dia preliminar do festival, ficou patente que que esse valor não é difícil de encontrar. E que também não é difícil as bandas portuguesas competirem e golearem os seus pares estrangeiros. Foi precisamente o que aconteceu aos chilenos **Mourning Sun** e aos italianos **The Foreshadowing** bandas medianas, com boa vontade e simpatia, mas cujas prestações, apesar de competentes, foram repletas de um tédio completamente ampliado pela comparação com a incomparável valia da restante metade nacional do cartaz. Os **Painted Black**, que souberam sobreviver a um corte inesperado do seu tempo de actuação e a problemas técnicos para mesmo assim demonstrarem cabalmente toda a força do seu novo álbum «Raging Light» (e ficamos à espera de uma nova oportunidade para o tocarem mesmo todo), e os **Earth Electric**, cujo norueguês Rune Eriksen não se importará de reclamarmos esta sua nova banda como "portuguesa". Não só todos os outros membros o são, como o rock místico mas surpreendentemente contundente que praticam (e que cresce tremendamente ao vivo, em relação ao já excelente disco de estreia deste ano) é basicamente universal, capaz de mover montanhas e corações em qualquer parte do mapa. Resumindo o dia zero: Portugal 2 0 Resto do mundo.

DIA 1

O segundo dia do festival, no Lisboa Ao Vivo, começou com os nacionais **Inhuman**, que ainda estão a celebrar os vinte anos desde o lançamento do disco de estreia, alvo do nosso Quadro de Honra, «Strange Desire». E foi nesse disco que a banda baseou grande parte dos 40 minutos de actuação. Os suíços **Cellar Darling** deram um bom concerto na sala de Lisboa. Os ex-Eluveitie centraram-se no disco de estreia, «This Is The Sound», e a vocalista Anna Murphy encantou com a sua voz e a tocar *hurdy-gurdy*. Seguiram-se os **The Foreshadowing** (novamente) e as coisas acalmaram um pouco, mas porque o som da banda a isso obrigava de alguma forma. Foi um concerto razoável, melhor que no dia anterior, e que deixou muita gente satisfeita. Surpreendente foi a actuação dos noruegueses **Green Carnation**. A banda regressou ao activo em 2014, depois de uma paragem prolongada e em boa hora fizeram o seu *comeback*! Foi possivelmente a melhor actuação da noite, que terminou ao som de «When I Was You». Já **Liv Kristine** fez o seu regresso ao nosso país e voltou a cativar os portugueses com a sua beleza e voz quase angelical. No entanto, a versão de «Changes», dos Black Sabbath, borrou a pintura num concerto que foi em decrescendo até esse desastre final. Os **Lacuna Coil** mostraram todo o seu profissionalismo e a razão de serem cabeças-de-cartaz do festival com um concerto de nível. A banda agradeceu aos Moonspell a ajuda no início da carreira e a versão de «Enjoy The Silence» pôs toda a gente a cantar. Ainda houve tempo para «Naughty Christmas» e «Heaven's A Lie».

DIA 2

Às vezes guarda-se o melhor para fim, mas outras vezes o melhor vem mesmo logo no princípio. Foi o caso deste último dia de Under The Doom. De volta ao RCA Club, chutem-se de raiva os que chegaram tarde e não viram os **GOLD** perderam a actuação do festival. Um rock musculado, oblíquo e ainda assim de capacidade "orelhuda" imediata, alicerçado numa banda de qualidade superlativa, e projectado para a estratosfera pela figura hipnótica da vocalista Milena Eva. Disparando, com peso ampliado, temas do recente «Optimist» e recuperando os melhores momentos de «No Image», deliciaram os fãs e certamente conseguiram angariar muitos outros por entre aqueles que não os conheciam. De seguida um périplo pelo doom/death honesto e sem merdas dos **Novembers Doom**, uma banda que, sem ser genial, sempre primou pelo *feeling* genuíno. Os seus temas são de uma eficiência tremenda, também, como comprova o facto de, pelo menos de entre esta selecção feita para o *setlist*, quase todos serem instantaneamente reconhecíveis por qualquer um minimamente familiarizado com a discografia. Destaque para o desenterrar de «Amour Of The Harp», do «Amid Its Hallowed Mirth» de estreia (e de cuja formação só resta mesmo o simpático vocalista e líder Paul Kuhr), e para a potência de «Rain». Muito peso, e essa situação piorou exponencialmente com os **Process Of Guilt**, que derreteram qualquer boa onda que ainda restasse como se estivessem a verter alcatrão a ferver para cima do público. Cada vez que ouvimos os malhões de «Black Earth» ao vivo mais nos apercebemos verdadeiramente do porquê de esse ter sido o nosso disco nacional do ano em 2017. E pronto, o festival poderia ter terminado por aqui, e tínhamos-lhe dado nota próxima da máxima e ido para casa felizes da vida. Infelizmente, ainda levámos com os **Acherontas**, que com o circo demoníaco todo montado bem tentaram esconder o facto de que debitam black metal do mais fraquinho e chocho que temos ouvido em palco. Os **Ahab** voltaram a Portugal para tocar o «The Call Of The Wretched Sea», que acabou por redundar num concerto bem mais desinspirado do que o do ano passado no mesmo evento, e finalmente o golpe de misericórdia com os **In The Woods...**, ou pelo menos um grupo de pessoas estava em cima do palco a chamar-se isso. Resta muito pouco da banda que nos fascinou nos anos 90, e foi a todos os títulos penoso vê-los a escavacar diamantes intemporais como «HEart Of The Ages» ou «299 796 km/s». Mais penoso ainda, os temas novos. E ainda mais penoso que isso, olhar para o James Fogarty aparentemente alcoolizado, aos gritos, completamente "ao lado", e pensar que o Jan Kenneth Transeth era o vocalista desta banda. Merecia bem melhor, o Under The Doom, depois de mais uma bela edição, mas mesmo assim valeu a magnífica primeira metade deste dia para esquecer o seu triste final. [J.C.S.+J.B.]

GOLD
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

EPICA
+ VUUR + MYRATH
17.11.21 – Altice Arena - Sala Tejo, Lisboa

EPICA
FOTO: JORGE BOTAS

Apesar de os holandeses terem passado por Portugal em Agosto, a sala lisboeta encontrava-se bastante composta para voltar a receber a banda de Simone Simons. No entanto, havia outros atractivos para esta noite, a começar pelos tunisinos Myrath que faziam o seu regresso ao nosso país depois de terem passado em digressão com os Symphony X. Nesta noite, a banda teve nos teclados o produtor Kevin Codfert, e baseou a sua actuação nos dois últimos trabalhos de estúdio. Para um bom número de pessoas, a razão para a deslocação ao concerto foi para ver e ouvir a nova banda de Anneke van Giersbergen, Vuur. A voz da conhecida cantora continua magnifica e os temas de «In This Moment We Are Free – Cities» soam bem ao vivo. A banda ainda brindou os fãs com dois temas de projectos diferentes: «Storm» dos The Gentle Storm e «Strange Machines» dos The Gathering. Os Epica fizeram algumas alterações no alinhamento em relação à passagem pelo VOA, como seria de esperar. Apesar do foco ser o mais recente trabalho estúdio, a banda "apenas" tocou quatro temas desse disco, incluindo o épico «The Holographic Principle - A Profound Understanding Of Reality» e o surpreendente «Once Upon A Nightmare» a fechar a primeira parte da prestação. Apesar de não haver pirotecnia, o jogo de luzes e o som foram soberbos e estiveram à altura de um grande concerto, onde o foco é, e sempre será, Simone Simons. Para o *encore*, o tema «Sancta Terra» terminou com o teclista Coen a tocar no meio do público. Em «Beyond The Matrix», o refrão pôs todos aos saltos e, a terminar, «Consign To Oblivion» onde tivemos direito a uma *wall of death*, algo pouco comum para uma banda como os Epica. **[J.B.]**

GRAVEYARD
FOTO: JORGE BOTAS

GRAVEYARD
+ THE QUARTET OF WOAH!
17.11.25 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

Quando a 23 de Setembro de 2016, em plena fase de promoção de «Innocence & Decadence», o quarto registo de longa-duração, os Graveyard anunciaram que se iam separar pelos "motivos já clássicos para as bandas acabarem", ficou ali um vazio. Tudo bem, é verdade que não faltam por aí sucedâneos do grupo sueco, alguns deles também com muita qualidade, mas nunca nos podemos esquecer que, de certa forma, a banda foi pioneira da nova onda revisionista do rock'n'roll *made in* Escandinávia, que tantos seguidores tem reunido nas primeiras décadas do novo milénio. É muito simples, invocar o saudoso espírito que caracterizou muita música feita com guitarras na transição dos 60 para os 70, mas a verdade é que não há muitos músicos a soar tão autênticos como estes. Felizmente, o hiato foi sol de pouca dura e, a 26 de Janeiro de 2017, a banda voltou ao activo com novo baterista. Conta quem os viu no Milhões de Festa, há uns meses, que os músicos não deram um espectáculo propriamente inspirado, mas para as largas centenas que acorreram ao Lisboa Ao Vivo, para assistir à estreia dos suecos na capital, essas vozes da desgraça caíram em saco roto. O entusiasmo estava, portanto, em alta, sendo que coube aos The Quartet Of Woah! a tarefa de manterem os ânimos em lume brando. Pese um problema técnico que, na verdade, acabou por prejudicar a fluidez do alinhamento, foi o que fizeram. Com a garra que já se lhes conhece, vimos e ouvimo-los na versão mais *trippy* dos temas do homónimo de 2017, no rock gigante e cheio de ganchos do «Ultrabomb» e num inédito, quiçá a figurar num terceiro longa-duração. Salta à vista e ao ouvido o à-vontade com que os músicos interpretam os seus temas e a sinergia vocal entre o Gonçalo e o Rui, sempre em destaque. Refutando fronteiras e limitações estilísticas, desde a sua formação há pouco mais de uma década, os Graveyard criaram um som único, que inclui todos os estilos do rock e os destaca no meio da avalanche de propostas do mesmo género. Pois bem, foi essa identidade vincada que trouxeram à capital e, pese algum cansaço vocal por parte de Joakim Nilsson (e aqui é importante frisar que o que uns ouvem como "desafinanços" outros interpretam como "emoções"), passearam-se de forma afoita pelo *patchwork* roqueiro que têm no ADN. Do rock clássico aos blues, passando pelo jazz ou até pela folk, o quarteto apresentou uma *setlist* muito equilibrada, com passagens por todos os seus discos. Antes ainda de se atirar a «Innocence & Decadence» de cabeça (uma sequência que teve em «Magnetic Shunk», «The Apple And The Tree» e «Too Much Is Not Enough» os pontos mais altos), o quarteto – destaca-se a solidez da nova secção rítmica e o solista Jonatan Larocca-Ramm – iniciou a actuação logo com «Slow Motion Countdown» e «An Industry Of Murder», dois temas do «Lights Out» que puserem toda a gente a abanar as ancas de imediato. De resto, esse disco de 2012 (de onde vieram também a «The Suits, The Law & The Uniform» e a «Goliath») esteve ali taco a taco no segmento das memórias com «Hisingen Blues», do qual se ouviram o tema-título, «Buying Truth (Tack & Förlåt)» e ainda «Ain't Fit To Live Here», espaçadas de forma inteligente no alinhamento. O *encore* foi feito ao som da «Uncomfortably Numb», da «Evil Ways» (recordação do homónimo de estreia) e da incontornável «The Siren». Uma coisa é certa, os Graveyard fazem as coisas de uma forma que soa sempre muito autêntica; como se os músicos (e, por arrasto, a plateia) tivesse nascido na década errada. **[J.M.R.]**

BIZARRA LOCOMOTIVA
+ SHE PLEASURES HERSELF
17.12.09 – RCA Club, Lisboa

BIZARRA LOCOMOTIVA
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

A azáfama que se viveu com filas imensas para a entrada no concerto diz tudo sobre a cada vez maior relevância dos Bizarra Locomotiva no panorama nacional. Numa idade em que a maior parte das bandas já precisam é de sopas e descanso, a Locomotiva dá-se ao luxo de reeditar um disco e de ir celebrar o facto tocando-o todo ao vivo, e a coisa enche como se estivessem a distribuir dinheiro grátis. Disso beneficiaram os She Pleasures HerSelf, compostos por alguns ex-Uni_form, que apresentaram o seu darkwave de base fortemente electrónica a muitos presentes que se terão julgado numa máquina do tempo, ali para alturas de 1983. Foi um bom aquecimento, e aguardamos mais desenvolvimentos. Mas falávamos então do forrobodó que foi a entrada no RCA, e justifica-se, de facto, o medo de ficar do lado de fora, já que a prestação do «Álbum Negro» na sua íntegra foi tudo aquilo que qualquer um da escumalha (não se ofendam, sabem bem que no contexto dos Bizarra somos todos escumalha com orgulho) presente poderia ter sonhado. O próprio Rui Sidónio, todo ele um turbilhão de suor, berraria, vernáculo elaborado e sacos do lixo, pareceu genuinamente comovido com o efeito que estes malhões estavam a ter na sua escumalha, como no final apoteótico de «Ergástulo». A presença já habitual e esperada de Fernando Ribeiro não faltou nos "seus" temas do «Álbum Negro», depois de finda a rendição na íntegra da obra de 2009, tivemos um *encore* que consistiu de um pequeno *best of* da restante carreira da banda, e o vocalista dos Moonspell voltou para acompanhar novamente a Locomotiva, mas num momento extra-especial. Foi a memória de Zé Pedro que foi evocada, através de uma versão absolutamente frenética de «Se Me Amas», com o X a ser feito pela sala fora numa bela homenagem. Mesmo numa ocasião que parece simples, tipo vamos-lá-tocar-um-álbum, a Locomotiva transcende-se sempre. Está-lhes no sangue. **[J.C.S.]**

NAPALM DEATH
+ DEATHRITE + BESTA
17.12.11 – RCA Club, Lisboa

Consta que houve uma tempestade que passou por Portugal em Dezembro. Mais concretamente em Alvalade. Napalm Death, muito bem acompanhados por Deathrite e os nossos Besta. Comecemos mesmo por estes, que levaram a todo um novo nível a noção de "aquecimento". Foi uma verdadeira carnificina onde só houve duas pausas para respirar no meio de quase 30 temas de grindcore arraçado de punk. Só faltou um público mais animado e vivo para acompanhar a violência do palco. Os senhores que se seguiram foram os Deathrite com o seu som cheio de gravilha. Apesar de contar com mais público, a intensidade diminuiu bastante com uma toada mais *groove* e a puxar ao death metal. Ainda assim, não deixou de ser uma boa estreia da banda em Lisboa. No entanto, o interesse maior era mesmo pelos Napalm Death que visitavam a capital pela décima segunda vez. Com a sala já muito bem composta, o som de «Apex Predator – Easy Meat» marcou o início de uma autêntica batalha campal. Se temíamos que o público estivesse adormecido para os Napalm Death, os sucessivos bailaricos trataram de nos descansar. Foi a recepção apropriada à instituição britânica de música extrema que nos passeou principalmente pelos seus trabalhos mais recentes sendo que a incidência maior recaiu no último álbum. Foi um concerto impressionante a todos os níveis. Pela vitalidade de uma banda que já tem mais de 30 anos de história, pela forma como não vive à sombra dos seus clássicos (embora temas como «Scum», «Suffer The Children» e «Twist The Knife (Slowly)» tenham sido os mais celebrados em forma de *crowdsurfing* e *mosh* violento) e como se mantém fiel aos mesmos princípios de crítica social com "Barney" Greenway sempre eloquente, a explicar o sentido antes de cada tema. O *frontman* referiu que é sempre um prazer regressar ao nosso país, no entanto, e a avaliar pela autêntica festa e pelas pessoas que subiram ao palco para cumprimentar e tirar *selfies* com a banda, o prazer é sem dúvida nosso. **[Fernando Ferreira]**

NAPALM DEATH
FOTO: PEDRO ROQUE

DESIRE + DARK OATH

17.12.16 – RCA Club, Lisboa

DESIRE
FOTO: SÓNIA FERREIRA

O álbum de estreia dos Desire, «Infinity... A Timeless Journey Through An Emotional Dream», é um dos clássicos intemporais da música pesada nacional – não é por acaso a sua presença no nosso Quadro de Honra – e como tal foi mais que merecida uma noite de celebração pela reedição do álbum em CD e vinil pela Alma Mater Records. No entanto, a noite vivida foi muito mais para além de uma data para assinalar um lançamento discográfico. Foi um momento de comunhão há muito desejado pelos fãs da banda que encheram um RCA Club numa fria noite de Outono que se tornou bastante acolhedora para todos os românticos melancólicos incuráveis. Começando com os Dark Oath, os ânimos ficaram bem quentes com a banda de Coimbra e com o seu death metal melódico e de inspiração viking onde apresentaram pela primeira vez na sala lisboeta o seu álbum de estreia, «When Fire Engulfs The Earth». A noite era dos Desire, todavia, e fazendo jus ao nome do álbum a celebrar, foi realmente uma viagem intemporal através do sonho emocional que a banda materializou em 1996 e voltou a fazê-lo novamente no final de 2017, com a ajuda da soprano Eduarda Soeiro e de Tiago Flores (dos Corvos) e de um cenário mais que apropriado com direito a velas para alumiar e folhas de plátano espalhadas pelo chão. Tirando os problemas de som que beliscaram levemente todo o concerto (primeiro na voz de Tear, e depois um *feedback* que persistia em não desaparecer em certos momentos numa das guitarras). O público, rendido, recebeu bem o álbum e ainda mais três músicas dos três restantes lançamentos da banda, principalmente dois dos três movimentos de «When Sorrow Embraces My Heart» que puseram de forma adequada o ponto final naquela que foi a ressurreição da banda pioneira de doom metal lusitano. **[Fernando Ferreira]**

QUEEN + ADAM LAMBERT

17.12.09 – Manchester Arena, Inglaterra

Noite de frio e neve em Manchester, para receber uma das últimas datas da digressão europeia dos Queen. A banda conta com os préstimos de Adam Lambert, que se revelou um *frontman* completo. Tem voz, presença e sabe comunicar com o público, sempre com um bom sentido de humor. Ele próprio afirma que não está em palco para substituir Freddie Mercury, está sim para celebrar o legado que ele deixou. Frank – o *robot* da capa do disco «News Of The World» – é uma presença regular durante todo o concerto. E é Frank quem tem honras de abertura, literalmente, através dos ecrãs gigantes. A banda entra em palco ao som de «We Will Rock You», mas é só um pequeno ***teaser***, porque «Hammer To Fall» é o tema que abre verdadeiramente o espectáculo. Segue-se «Stone Cold Crazy» e «Tie Your Mother Down» e fica claro que Lambert tem cordas vocais mais do que suficientes para fazer jus aos clássicos da banda. Em «Killer Queen», o vocalista surge do meio do palco em cima da cabeça gigante de Frank e, no final, ainda consegue fazer duas piadas com a cabeça do *robot*! A banda vai desfilando clássicos atrás de clássicos, onde não faltam «I Want To Break Free» ou «Radio GaGa». Antes do encore, a loucura com «Bohemian Rhapsody» e depois os habituais «We Will Rock You» e «We Are The Champions», aqui já com Lambert vestido com o seu manto dourado e coroa. É raro haver um concerto perfeito, mas esta noite foi isso que aconteceu. **[J.B.]**

QUEEN
FOTO: JORGE BOTAS

AGENDA

POWERED BY
WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
— RESEARCH & DEVELOPMENT —

01.14-16 – WHILE SHE SLEEPS

JANEIRO

05 – **Earth Drive** / **Vircator** / **Moloch** – Stairway Club, Cascais
06 – **Acid Reign** [Ing] / **Tokyo Blade** [Ing] / **Picture** [Hol] / **God Macabre** [Sue] / **Panychida** [R.C.] / **Holocausto Canibal** / **Revolution Within** / **Bleeding Display** / **Irae** / **Mr. Miyagi** / **AntiVoid** / **Rotten Rights** / **Zurrapa** – Centro Cultural Santo André, Mangualde ***24º Mangualde Hard Metal Fest***
13 – **Bizarra Locomotiva** / Phantom Vision – Hard Club, Porto ***Álbum Negro***
13 – **Simbiose** / **Alien Squad** / **Dr. Bifes & Os Psicopatas** / **Systemic Violence** – Stairway Club, Cascais
13 – **Sinistro** / **Scúru Fitchádu** – Music Box, Lisboa
14 – **While She Sleeps** [Ing] – Hard Club, Porto
15 – **While She Sleeps** [Ing] – RCA Club, Lisboa
16 – **While She Sleeps** [Ing] – Bar Bafo de Baco, Loulé
19 – **Katalepsy** [Rus] / **Grog** / **Serrabulho** / **Korpse** [Hol] / **Bleeding Display** / **Embrace Your Punishment** [Fra] / **Burned Blood** / **Stillbirth** [Ale] / **Brutal Sphincter** [Bel] / **Burn Damage** – RCA Club, Lisboa ***XXXapada na Tromba – Freak N' Grind Fest 2018***
20 – **Gutalax** [R.C.] / **Analepsy** / **Guineapig** [Ita] / **Extermination Dismembrement** [Bie] / **Omnipotent Hysteria** [Ing] / **Systemik Violence** / **Ho-Chi Minh** / **Besta** / **Kalyuga** [Fra/Tun] / **Dead Meat** / **Shoryuken** / **Okkultist** – RCA Club, Lisboa ***XXXapada na Tromba – Freak N' Grind Fest 2018***
20 – **For The Glory** / **Somber Rites** / **M.E.D.O.** – Stairway Club, Cascais
26 – **Scott Kelly & John Judkins** [E.U.A.] – Sabotage, Lisboa
27 – **Vizir** / **Dead Meat** / **Gorgásmico Pornoblastoma** / **Pestifer** / **Misantropia** / **13 After** / **Nihilistic Bastard** / **Bas Rotten** – Centro de Juventude, Caldas da Rainha ***Colhões de Ferro XIII***
27 – **Process Of Guilt** / **Two Pirates And A Dead Ship** – Centro Cultural, Cartaxo
27 – **Scott Kelly & John Judkins** [E.U.A.] – Understage Rivoli, Porto
31 – **Steven Wilson** [Ing] – Altice Arena (Sala Tejo), Lisboa

FEVEREIRO

01 – **Metallica** [E.U.A.] / **Kvelertak** [Nor] – MEO Arena, Lisboa
03 – **Comeback Kid** [Can] / **Nasty** [Bel] / **Backflip** – Hard Club, Porto
04 – **Comeback Kid** [Can] / **Nasty** [Bel] / **Backflip** – RCA Club, Lisboa
09 – **Rotting Christ** [Gre] / **Carach Angren** [Hol] / **Svart Crown** [Fra] – Hard Club, Porto
10 – **Rotting Christ** [Gre] / **Carach Angren** [Hol] / **Svart Crown** [Fra] – RCA Club, Lisboa
10 – **Frantic Amber** [Sue] / **Expel The Grace** [Esp] – Stairway Club, Cascais
15 – **Nile** [E.U.A.] / **Terrorizer** [E.U.A.] / **Exarsis** [Gre] / (…) – Hard Club, Porto
16 – **Nile** [E.U.A.] / **Terrorizer** [E.U.A.] / **Exarsis** [Gre] / (…) – RCA Club, Lisboa
18 – **The Haunted** [Sue] / **Norunda** / **The Descent** [Esp] – RCA Club, Lisboa
18 – **Venenum** [Ale] / **Slaegt** [Din] – Metalpoint, Porto
21 – **Therion** [Sue] / **Imperial Age** [Rus] / **Null Positiv** [Ale] – Hard Club, Porto
22 – **Therion** [Sue] / **Imperial Age** [Rus] / **Null Positiv** [Ale] – Lisboa Ao Vivo

MARÇO

03 – **Pestilence** [Hol] / **Sacred Sin** / **Pestifer** – RCA Club, Lisboa
23 – **Bell Witch** [E.U.A.] / **Lõbo** – Centro Cultural, Cartaxo
24 – **Bell Witch** [E.U.A.] – Vibe, Viana do Castelo
29 – **Angra** [Bra] / **Geoff Tate's Peration: Mindcrime** [E.U.A.] / **Halcyon Way** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
30 – **Angra** [Bra] / **Geoff Tate's Peration: Mindcrime** [E.U.A.] / **Halcyon Way** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
30 – **Machine Head** [E.U.A.] / (…) – Coliseu dos Recreios, Lisboa
31 – **Machine Head** [E.U.A.] / (…) – Coliseu Porto, Porto
31 – **Fields Of The Nephilim** [Ing] / (…) – Hard Club, Porto

ABRIL

03 – **August Burns Red** [E.U.A.] / **The Voynich Code** / **Borderlands** – Hard Club, Porto
04 – **August Burns Red** [E.U.A.] / **The Voynich Code** / **Borderlands** – RCA Club, Lisboa
06/07 – **The Exploited** [Ing] / **Vader** [Pol] / **Benighted** [Fra] / **Suicidal Angels** [Gre] / **Bizarra Locomotiva** / **Filii Nigrantium Infernalium** / **Iberia** / **Switchtense** / **For The Glory** / **Sacred Sin** / **Malevolence** [Ing] / **Viralata** / **Terror Empire** / **Equaleft** / **Dead Meat** / **Low Torque** / **Wells Valley** / **Toxikull** / **Dark Oath** – Largo Pavilhão Municipal, Moita ***Moita Fest 2018***

01.26-27 – SCOTT KELLY

01.31 – STEVEN WILSON

09 – **Insomnium** [Fin] / **Tribulation** [Sue] – Hard Club, Porto
10 – **Insomnium** [Fin] / **Tribulation** [Sue] – RCA Club, Lisboa
27-29 – **Suffocation** [E.U.A.] / **Carpathian Forest** [Nor] / **Nifelheim** [Sue] / **Cock And Ball Torture** [Ale] / **Filii Nigrantium Infernalium** / **Evil Invaders** [Bel] / **Interment** [Sue] / **Sourvein** [E.U.A.] / **Process Of Guilt** / **Dyscarnate** [Ing] / **Hexis** [Din] / **Nekromantheon** [Nor] / **Teethgrinder** [Hol] / **Andralls** [Bra] / **Départe** [Aus] / (…) – Barroselas ***SWR Fest XXI***

MAIO

13 – **Graham Bonnet Band** [Ing] – RCA Club, Lisboa
19 – **Tank** [Ing] / **Killer** [Bel] / **Witchtower** [Esp] / **Attick Demons** / **Alkateya** / **Wanderer** – Another Place, Almada ***Metal Keeper Fest II***
26 – Inverno Eterno / Black Howling – RCA Club, Lisboa

JUNHO

27 – **Marilyn Manson** [E.U.A.] – Campo Pequeno, Lisboa

JULHO

02 – **Ozzy Osbourne** [Ing] / **Judas Priest** [Ing] – Altice Arena, Lisboa
13 – **Iron Maiden** [Ing] – Altice Arena, Lisboa
13 – **Queens Of The Stone Age** [E.U.A.] / (…) – Passeio Marítimo, Algés ***NOS Alive 2018***
14 – **Pearl Jam** [E.U.A.] / **At The Drive In** [E.U.A.] / (…) – Passeio Marítimo, Algés ***NOS Alive 2018***
14 – **Moonspell** / (…) – Peso da Régua ***5ª Concentração Motard do Douro***
26-29 – **Dark Tranquillity** [Sue] / **Septicflesh** [Gre] / **Tarantula** / **Crisix** [Esp] / **Mata-Ratos** / **Hills Have Eyes** / **Equaleft** / (…) – Famalicão ***Laurus Nobilis Music 2018***

AGOSTO

09-12 – **Cradle Of Filth** [Ing] / **Moonspell** / **Converge** [E.U.A.] / **Dragonforce** [Ing] / **Ensiferum** [Fin] / **Masterplan** [Ale] / **Sinister** [Hol] / **Carach Angren** [Hol] / **Bölzer** [Sui] / **Holocausto Canibal** / **Attic** [Ale] / **Serrabulho** / **Gwydion** / **Lost In Pain** [Lux] / **In Vein** / **Blame Zeus** / **Stonerust** / **Invoke** / (…) – Quinta do Ega, Vagos ***Vagos Metal Fest 2018***

PRÓXIMA LOUD! #203

MORBID ANGEL THERION TRIBULATION

BLACK LABEL SOCIETY PERPETRATÖR

ORPHANED LAND DECAYED THE ATLAS MOTH

CHAOSPHERE RECORDINGS

PROUDLY PRESENTS

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM
"INMUNDITIA ODII PLENA"

KULTLP005

150 COPIES (DIE HARD EDITION)
12" SPLATTER VINYL GATEFOLD DELUXE w/ A4 BOOKLET + POSTER + LIVE TAPE
350 COPIES (REGULAR EDITION)
12" BLACK VINYL GATEFOLD DELUXE w/ A4 BOOKLET + POSTER

The return to The Kult Series with the long-awaited release of "Os Métodos Do Pentagrama" demo-tape from 1993, remastered for vinyl, with the Bactherion (pre-FNI) "The Miracle Of Death" demo-tape from 1991 as bonus!!!

DECAYED
"LIVE MMXVII"

CHAOSCP028

LIMITED EDITION CD - 333 NUMBERED COPIES

Celebrating the new line-up as a power trio, this unholy trinity delivers it's massive old school black metal with the intensity of the end of the world!!!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

BEFORE IT WAS AUTUMN AND FALL,

IT WAS HARVEST!

SYSTEMIK VIOLENCE
"SATANARKIST ATTACK"

CHAOSV028

LTD. EDT. 12" VINYL
200 BLACK VINYL + 100 YELLOW VINYL

The first full-length from these bastards: noisy raw d-beat metallic punk! F.O.A.D.!!!

MIDNIGHT PRIEST
"RAINHA DA MAGIA NEGRA"

CHAOSV022

LTD. EDT. 12" VINYL
500 COPIES

Heavy Metal in all it's greatness! Their first EP with their first Demo "The Priest Is Back" as bonus!!!

DISAFFECTED
"THE TRINITY THRESHOLD"

CHAOSCP027

LTD. EDT. CD
500 COPIES

The third effort from the Portuguese Progressive Death Metal masters! Another step into astral projection!!!

A TREE OF SIGNS
"INITIATION OF LIGHT"

CHAOSCP026

LTD. EDT. CD
500 COPIES

The newest release for this Psych Stoner Doom combo! Another ritual, another initiation!!!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

"2018 kicks off with one of the most exciting and surprising albums in recent metal history!"
METAL HAMMER (GER)

MACHINE HEAD

Catharsis

CD+DVD-DIGIPAK | 2LP IN GATEFOLD
2LP PICTURE VINYL IN GATEFOLD | CD | DOWNLOAD

IN STORES 26.01.

LIVE! 30.03. Lisbon - Coliseu | 31.03. Porto - Coliseu

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-92826 - Fax +49 (0) 7162-24554 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST ENTERTAINMENT

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!